

Kevin Brooks

BUNKER

DIÁRIO DA AGONIA



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

BUNKER



Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Thaíse Costa Macêdo
Preparação: Bárbara Borges
Revisão: Cátia de Almeida e Flora Manzione
Diagramação: Juliana Pellegrini
Capa: Ana Solt
ePub: Pamella Destefi

Título original: *The bunker diary*

Copyright do texto © Kevin Brooks, 2013 – Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês pela Penguin Books Ltd., Londres.

© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A

vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-879-1

1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brooks, Kevin

Bunker [livro eletrônico]: diário da agonia / Kevin Brooks; tradução Fabrício Waltrick. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015.

882Kb; ePUB.

Título original: *The bunker diary*.

ISBN 978-85-7683-879-1

1. Diários 2. Ficção juvenil I. Título.

15-04628

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Kevin Brooks

BUNKER

DIÁRIO DA AGONIA

TRADUÇÃO *Fabricio Waltrick*



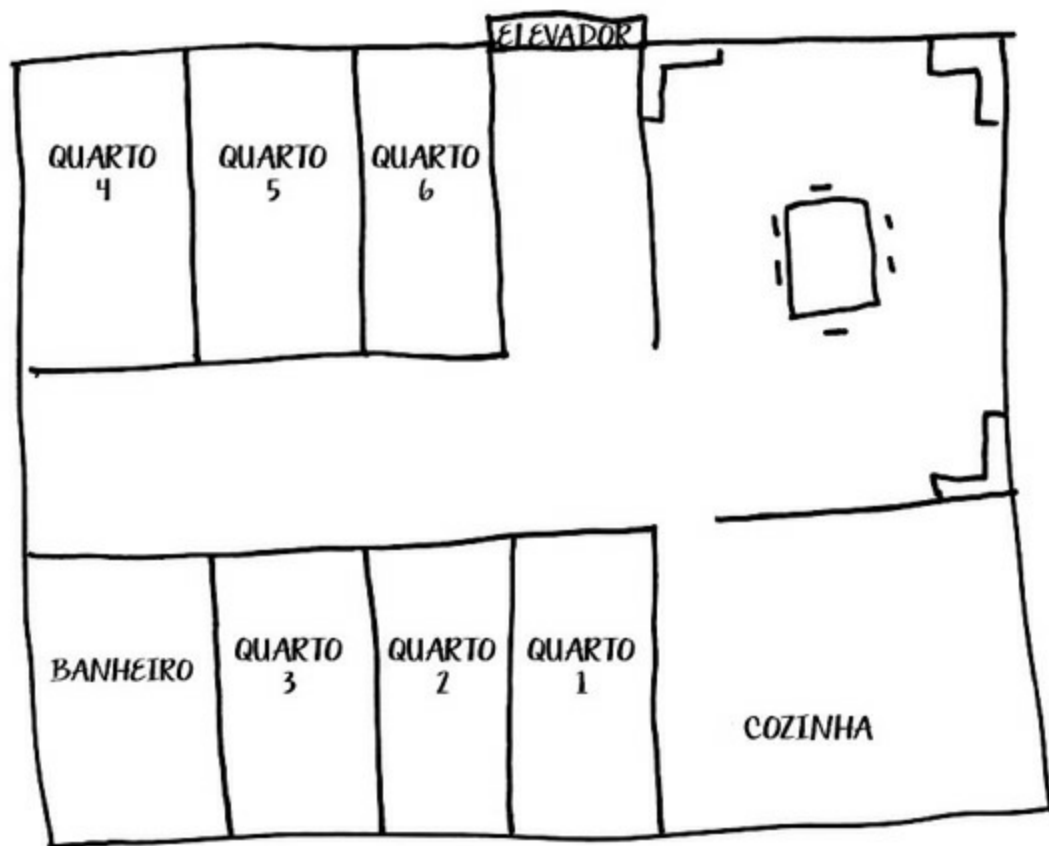
Segunda-feira, 30 de janeiro

10h

Isso é o que eu sei. Estou numa construção retangular de teto baixo, toda de concreto e pintada com cal. Ela tem uns 12 metros de largura e uns 18 de comprimento. Um corredor a divide ao meio, e há outro menor que leva a um poço de elevador, pouco depois da metade do caminho. Há seis quartos pequenos ao longo do corredor principal, três de cada lado. Todos do mesmo tamanho, três metros por cinco, mobiliados com uma cama de ferro, uma cadeira de encosto rígido e um criado-mudo. Há um banheiro numa extremidade do corredor e uma cozinha na outra. Ao lado da cozinha, no meio de um espaço aberto, há uma mesa retangular com seis cadeiras, tudo de madeira. Em cada canto desse espaço há um banco em L.

Não há janelas. Nenhuma porta. O elevador é o único jeito de entrar ou sair.

O lugar é mais ou menos assim:



No banheiro há uma banheira e uma pia, ambas de aço, além de uma privada. Nada de espelhos, armários ou acessórios. Na cozinha há uma pia, uma mesa, algumas cadeiras, um fogão elétrico, uma geladeira pequena e um armário embutido. No armário há uma bacia, seis

pratos, seis copos, seis canecas e seis jogos de talheres, tudo de plástico.

Por que seis?

Não sei.

Eu sou o único aqui.

Tenho a sensação de que estou no subsolo. O ar é pesado, concreto, úmido. Ele *não* é úmido, mas parece úmido. E cheira a lugar velho, só que novo. Como se existisse há muito tempo, mas nunca tivesse sido usado.

Não há interruptores em lugar algum.

Há um relógio na parede do corredor.

As luzes se acendem às oito da manhã e se apagam à meia-noite.

Um zumbido baixinho sai do fundo das paredes.

12h15

Nada se move.

O tempo passa devagar.

Achei que ele era cego. Foi assim que ele me pegou. Ainda não consigo acreditar que caí nessa. Fico repassando a cena na minha cabeça, na esperança de que eu faça alguma coisa diferente, mas o fim é sempre o mesmo.

Isso aconteceu domingo bem cedo. Ontem de manhã. Eu não estava fazendo nada de especial, só dando umas voltas pelo saguão da estação da Liverpool Street, tentando me aquecer, procurando algumas sobras de sábado à noite. Minhas mãos estavam no bolso; meu violão, nas costas; meus olhos, no chão. Domingo de manhã é um bom momento para encontrar coisas perdidas. As pessoas ficam bêbadas na noite de sábado. Elas correm para pegar o último trem para casa e deixam cair objetos: dinheiro, cartões, chapéus, luvas, cigarros. O pessoal da limpeza fica com a maioria das coisas bacanas, mas às vezes algo passa batido por eles. Uma vez encontrei um Rolex falso. Consegui dez pratos com ele. Por isso vale a pena sempre dar uma olhada. Mas as únicas coisas que eu tinha encontrado naquela manhã foram um guarda-chuva quebrado e um maço de cigarros pela metade. Joguei o guarda-chuva fora, mas fiquei com os cigarros. Não fumo, mas sempre vale a pena guardar cigarros.

Então lá estava eu à toa, cuidando da minha vida, quando dois funcionários da plataforma saíram de uma porta lateral e começaram a vir na minha direção. Um deles estava sempre ali, um cara negro e jovem chamado Buddy, que geralmente é de boa, mas o outro eu não conhecia. E não gostei do jeito dele. Era um tipo grandalhão de quepe e sapato de bico de aço, e tinha cara de encrenca. Provavelmente ele nem era, e acho que eles não iam me encher nem nada, mas sempre é bom ficar esperto. Então baixei a cabeça, coloquei meu capuz e segui na direção do ponto de táxi.

E foi aí que eu o vi. O cego. Capa de chuva, chapéu, óculos escuros, bengala branca. Ele estava de pé atrás de uma van escura. Um Ford Transit, acho. As portas traseiras estavam abertas e no chão havia uma mala que parecia pesada. Ele lutava para colocar a mala no fundo

da van, sem muito sucesso. Tinha algo de errado com seu braço, pois ele estava numa tipoia.

Era ainda muito cedo e a estação estava deserta. Eu podia ouvir os dois homens da plataforma chacoalhando suas chaves e rindo de alguma coisa e, pelo som dos passos do grandalhão, percebi que eles estavam se afastando de mim, indo em direção à escada rolante que dá no McDonald's. Esperei um pouco para ter certeza de que eles não estavam voltando, então foquei novamente o cego. Tirando a van, o ponto estava vazio. Nenhum táxi, ninguém esperando. Só havia eu e aquele cego. Um cego com o braço numa tipoia.

Pensei um pouco.

Falei para mim mesmo que poderia cair fora se eu quisesse, que não tinha de ajudá-lo e podia simplesmente ir embora quieto e numa boa. Ele era cego, nem notaria, certo?

Mas eu não fui embora.

Sou um cara legal.

Dei uma tossida para que ele soubesse que eu estava ali, então me aproximei e perguntei se precisava de alguma ajuda. Ele não olhou para mim, ficou de cabeça baixa. Achei aquilo meio esquisito, mas pensei que talvez fosse algo que os cegos fizessem. Quer dizer, qual é o sentido de olhar para alguém se você não pode ver?

— É meu braço — ele resmungou, apontando para a tipoia. — Não consigo segurar a mala direito.

Eu me abaixei e peguei a mala. Não estava tão pesada quanto parecia.

— Onde você quer que eu a coloque? — perguntei.

— No fundo — ele respondeu. — Obrigado.

Não havia mais ninguém na van, ninguém no banco do motorista. Aquilo foi uma surpresa. O fundo da van estava quase vazio também, só tinha uns pedaços de corda, umas sacolas, um cobertor velho empoeirado.

O cego perguntou:

— Você poderia fazer o favor de colocar a mala mais perto dos bancos da frente? Vai ser mais fácil pra sair depois.

Comecei a me sentir um pouco apreensivo. Havia alguma coisa errada. O que esse cara estava fazendo ali? Para onde ele estava indo? Por onde havia estado? Por que estava sozinho? Como é que ele dirigia? Quer dizer, um cego com um braço quebrado?

— Se não for lhe dar muito trabalho — ele completou.

Talvez ele não seja completamente cego, pensei. Talvez ele consiga ver o suficiente para dirigir. Ou talvez ele seja uma daquelas pessoas que fingem serem deficientes só para conseguir um selo especial de estacionamento.

— Por favor — ele pediu. — Estou com pressa.

Afastei minhas dúvidas e subi na van. *Que me importa se ele é cego ou não? Só ponha a mala do cara ali dentro e ele que se vire. Vá procurar um lugar aquecido. Espere o dia começar para sair por aí. Veja quem está na área — Zoreba, Bob Bonitão, Windsor Jack. Veja o que está rolando.*

Eu estava indo em direção aos bancos da frente, quando percebi que a suspensão da van

tinha oscilado e que o cego havia subido atrás de mim.

— Vou te mostrar onde colocar — ele falou.

Então me dei conta de que tinha sido apanhado, mas já era tarde demais. Quando virei para encará-lo, ele segurou minha cabeça e apertou um pano úmido contra meu rosto. Comecei a engasgar. Eu estava inalando algum produto químico — clorofórmio, éter, o que quer que fosse. Não conseguia respirar. Estava sem ar. Meus pulmões estavam pegando fogo. Achei que estivesse morrendo. Lutei, agitando meus cotovelos e minhas pernas, chutando, batendo meu pé com força, sacudindo minha cabeça feito um louco, mas isso não deu em nada. Ele era forte, bem mais forte do que parecia. As mãos dele seguravam meu crânio como duas extremidades de um torno. Depois de alguns segundos, comecei a me sentir tonto, e então...

Nada.

Devo ter desmaiado.

Quando dei por mim, estava sentado numa cadeira de rodas dentro de uma grande caixa de metal. Minha cabeça pesava, eu ainda não estava totalmente acordado e, por um instante, realmente pensei que tivesse morrido. Tudo o que eu podia ver na minha frente era um túnel com uma forte luz branca se afastando. Achei que fosse o túnel da morte. Pensei que tivesse sido enterrado num caixão de metal.

Quando finalmente percebi que não estava morto, que não era um caixão, que a caixa grande de metal na verdade era só um elevador, que a porta do elevador estava aberta e que o túnel da morte não era nada além de um corredor branco se estendendo à minha frente, fiquei tão aliviado que, por alguns segundos, senti vontade de rir.

Essa sensação não durou muito.

Depois que me levantei da cadeira de rodas e cambaleei pelo corredor, não tenho certeza do que aconteceu por um tempo. Talvez eu tenha desmaiado outra vez, sei lá. Só consigo me lembrar da porta se fechando e do elevador subindo.

Acho que ele nem foi muito longe.

Eu o ouvi parar — *clunc, clanc*.

Eram então nove da noite. Eu ainda sentia náusea e tontura, e continuava arrotando um gosto horrível de gases químicos. Estava apavorado. Chocado. Tremendo. Totalmente confuso. Eu não sabia o que fazer.

Fui a um dos quartos e sentei na cama.

Três horas depois, precisamente à meia-noite, as luzes se apagaram.

Fiquei sentado ali por um tempo naquela escuridão petrificante, tentando escutar com atenção o som do elevador descendo de volta. Eu não sabia o que esperar; talvez um milagre ou, quem sabe, um pesadelo. Mas nada aconteceu. Nada de elevador, nada de som de passos. Nenhuma cavalaria, nenhum monstro.

Nada.

O lugar era tão morto quanto um cemitério.

Pensei que o cego talvez quisesse que eu caísse no sono, mas não havia chance de isso acontecer. Eu estava bem acordado. E meus olhos iam ficar abertos.

Mas acho que eu estava mais cansado do que imaginava. Era isso ou eu ainda estava sofrendo o efeito do que ele havia usado para me drogar. Provavelmente um pouco dos dois.

Não sei que horas eram quando finalmente dormi.

Ainda estava escuro quando acordei hoje cedo. Não tive nenhuma daquelas sensações de “onde estou?” que supostamente você deve ter quando acorda num lugar estranho. Assim que meus olhos se abriram, eu sabia onde estava. Eu ainda não sabia *onde* estava, claro, mas sabia que era na mesma escuridão estranha onde eu havia adormecido. Reconheci no ar a sensação de estar num subsolo.

O quarto era mais escuro que qualquer coisa. Sem luz. Sem visão. Tateei até a porta e cheguei ao corredor, mas lá não estava muito melhor. Muito escuro. Eu não sabia dizer se meus olhos estavam abertos ou fechados. Não conseguia ver coisa alguma. Não sabia que horas eram. Não podia ver o relógio. Não podia sequer adivinhar que horas seriam. Não havia nada de onde pudesse tirar um palpite. Nenhuma janela ou vista, nenhum céu ou som. Só a escuridão densa e aquele irritante zumbido baixinho nas paredes.

Eu me sentia um nada. Existindo em nada.

Breu por todo lado.

Continuei tocando as paredes e batendo meu pé no chão para me convencer de que eu era real.

Precisava ir ao banheiro.

Eu estava mais ou menos na metade do corredor, me apoiando na parede, quando de repente as luzes se acenderam. *Blam!* Um clarão silencioso, e o lugar inteiro estava iluminado com uma forte luz branca e estéril. Quase me matou de susto. Não consegui me mexer por uns bons cinco minutos. Fiquei ali parado, com as costas apoiadas na parede, fazendo um esforço imenso para não me mijar.

O relógio da parede avançava.

Tique-taque, tique-taque.

E meus olhos acabaram sendo sugados por ele. Parecia realmente importante saber que horas eram, ver movimento. De alguma forma, aquilo parecia querer dizer algo para mim. Um sinal de vida, acho. Alguma coisa em que confiar.

Eram oito e cinco.

Fui ao banheiro.

Às nove, o elevador desceu de novo.

Naquele momento, eu estava vasculhando a cozinha, tentando encontrar alguma coisa para usar como arma, algo afiado ou pesado, ou afiado e pesado. Sem chance. Tudo ali estava parafusado ou soldado na parede, ou era de plástico. Eu estava olhando dentro do fogão, imaginando se conseguiria arrancar alguns pedaços de metal ou algo assim, quando ouvi o elevador sendo acionado — *clunc, clanc* — uma vibração pesada, uma batida firme, um clique

agudo...

E então o som do elevador descendo — *mmmmmmmmmm...*

Peguei uma faca de plástico e saí para o corredor. A porta estava fechada, mas eu podia ouvir o elevador se aproximando — *mmmmmmmmmm...*

Meus músculos ficaram tensos. Meus dedos apertaram a faca de plástico. Eu me sentia patético, desamparado. O elevador parou. *Clanc*. Parti a extremidade da faca, esfreguei o polegar na ponta estilhaçada e olhei enquanto a porta se abria — *mmm-shhh-tuc*.

Nada.

Estava vazio.

Quando era criança, eu tinha sonhos recorrentes com um elevador. O sonho se passava num arranha-céu no meio da cidade, bem ao lado de uma rotatória. Eu não sabia que tipo de prédio era aquele. De apartamentos, escritórios ou algo do tipo. Também não sabia em que cidade ficava. Eu tinha certeza de que não era na minha cidade. Era um lugar grande, meio cinzento, com vários edifícios altos e ruas largas e sombrias. Um pouco como Londres. Mas não era Londres. Era só uma cidade. Uma cidade de sonho.

No meu sonho, eu ia até o prédio e esperava pelo elevador, olhando as luzes. Quando ele chegava, eu entrava nele, a porta se fechava e eu, de repente, percebia que não sabia para onde ir. Não sabia em que andar descer, que botão apertar. Eu não sabia nada. O elevador começava a se mover e o pânico do sonho começava: *Aonde estou indo? O que devo fazer? Será que aperto um botão? Será que grito por ajuda?*

Não consigo lembrar nada além disso.

Hoje cedo, quando o elevador chegou e a porta se abriu, mantive certa distância por um tempo, ficando ali parado e olhando-o de longe. Não tenho ideia do que estava esperando. Acho que só estava vendo se alguma coisa acontecia. Mas nada se passou. Por fim, depois de uns dez minutos, eu me aproximei com cuidado e olhei dentro dele. Não cheguei a entrar, só fiquei de pé ao lado da porta e dei uma olhada. Não tinha muito o que ver. Não havia painéis, botões nem luzes. Não havia uma escotilha no teto. Nada além de um porta-folheto de acrílico parafusado na parede do fundo. Acrílico transparente, tamanho A4. Vazio.

Há um porta-folheto igual, fixado na parede do corredor, ao lado do elevador. Esse outro está cheio de folhas A4 em branco e, ao seu lado, há uma caneta esferográfica presa na parede.

???

*

É quase meia-noite agora. Estou aqui faz cerca de 40 horas. É isso? Acho que sim. Não importa, estou aqui há um bom tempo e nada aconteceu. Ainda estou aqui. Ainda vivo. Ainda olhando para as paredes. Escrevendo estas palavras. Pensando.

Mil perguntas passam pela minha cabeça.

Onde estou?

Onde está o cego?

Quem é ele?

O que ele quer?

O que ele vai fazer comigo?

O que eu vou fazer?

Eu não sei.

Tá bom, o que eu *realmente* sei?

Sei que não fui ferido. Estou inteiro. Pernas, braços, pés, mãos. Tudo está em ordem.

Sei que estou com fome.

E assustado.

E confuso.

E furioso.

Meus bolsos foram esvaziados. Eu tinha uma nota de dez libras escondida numa das minhas meias e agora ela não está mais lá. Ele deve ter me revistado.

Desgraçado.

Acho que ele sabe quem eu sou. Sei lá como, mas deve saber. É a única coisa que faz sentido. Ele sabe que sou filho de Charlie Weems, que meu pai é podre de rico, e me pegou pelo dinheiro. Ele me sequestrou. É isso. Um sequestro. Ele já deve ter entrado em contato com meu pai. Ligado pra ele. Pegado o número dele em algum lugar e exigido um resgate. Meio milhão em notas usadas numa mala preta de couro, deixada num posto de serviço da estrada. Sem polícia ou ele corta minhas orelhas.

É... É isso. Só pode ser.

Um simples sequestro.

A esta altura, meu pai deve estar acelerando pela estrada, com a cabeça chapada de conhaque e alguma outra droga, cansado e rabugento, furioso comigo porque estou custando caro para ele mais uma vez. Consigo até ver a cara dele, toda contorcida, seus olhos vermelhos incomodados com o clarão das luzes da estrada que passam pelo para-brisa, resmungando loucamente consigo mesmo. É, posso vê-lo. Ele provavelmente está pensando se deveria ter pechinchado meu valor, oferecendo 150 mil e fechado por 300.

A primeira coisa que ele vai dizer quando me resgatar vai ser:

— Onde você se enfiou nos últimos cinco meses? Fiquei preocupado, seu idiota.

As luzes se apagaram.

Terça-feira, 31 de janeiro

8h15

Terceiro dia.

Não como desde sábado.

Estou *faminto*.

Por que ele não está me alimentando? Qual é o problema dele? Por que ele não aparece? Por que ele não me ameaça, pega pesado, me manda calar a boca, fala que, se eu fizer o que ele mandar, não vou me machucar... Por que ele não *faz* alguma coisa? *Qualquer* coisa.

Por que eu ainda estou aqui?

Cadê meu pai?

Estou começando a achar que ele se recusou a pagar o resgate. Seria bem a cara do meu pai. Posso imaginá-lo pensando que é uma piada ou um golpe. Que eu me sequestre. Sim, é isso: “Filho de semifamoso e desesperado por atenção, garoto rico e confuso arma seu próprio sequestro para enganar o pai”.

Merda.

Estou com *tanta* fome.

No criado-mudo tem uma Bíblia. Ontem à noite eu estava tão entediado que a peguei e comecei a folheá-la. Então me dei conta de que não estava *tão* entediado assim e a guardei de volta.

Em cada quarto há uma. Eu chequei. Bíblia na gaveta de cima, caderno em branco e caneta na do meio. *Este* caderno, *esta* caneta. As gavetas têm fechadura e há uma chave sobre cada criado-mudo. Seis chaves, seis cadernos, seis canetas, seis quartos, seis pratos...

Seis?

Não, ainda não entendi isso.

Os cadernos são de boa qualidade — capa de couro preta, páginas brancas novas. Páginas em branco. Muitas páginas em branco. Eu não sei por quê, mas isso me incomoda.

A caneta é uma Uni-ball Eye, Micro, preta. À prova de água, ou melhor, antidesbotamento. Feita pela Mitsubishi Pencil Co. Ltd.

Caso você esteja interessado.

São quinze para as nove agora.

As luzes estão acesas já faz 45 minutos.

Ontem à noite passei um tempo afiando a faca de plástico quebrada. Eu só tinha meus dentes e unhas para isso, mas acho que fiz um ótimo trabalho. Ela não parece grande coisa, e eu nem

acho que poderia matar alguém com isso, mas está afiada o suficiente para fazer um estrago.

Se eu estiver certo, o elevador vai descer em cinco minutos.

Ele desceu. Só que dessa vez não estava vazio.

Havia uma garotinha dentro.

Assim que a vi, meu coração congelou e meu cérebro parou de funcionar. Eu não conseguia me mexer, não conseguia pensar, não conseguia falar, não conseguia fazer nada. Era coisa demais para assimilar. Ela estava sentada na cadeira de rodas, a mesma em que eu havia chegado, com o corpo caído um pouco de lado, os olhos e a boca meio abertos. Seu cabelo estava todo bagunçado e embaraçado, e as roupas dela, amassadas e cobertas de pó. Marcas de lágrimas manchavam suas bochechas.

Eu não sabia o que fazer. Não sabia o que sentir. Não sabia coisa alguma. Só consegui ficar ali com minha faca de plástico afiada na mão, olhando aquela pobre garotinha feito um idiota.

Então meu coração foi se aquecendo e um turbilhão de emoções se agitou dentro de mim. Raiva, pena, medo, pânico, ódio, confusão, desespero, tristeza, loucura. E eu queria gritar, berrar e derrubar as paredes. Queria bater em algo, bater em alguém. Bater *nele*. Como ele pôde *fazer* uma coisa dessas? Como *alguém* pode fazer uma coisa dessas? Ela é só uma menina, pelo amor de Deus. Ela é só uma *menininha*.

Eu fechei meus olhos, inspirei profundamente e deixei o ar sair devagar.

Pense, falei para mim mesmo. Pense.

Abri meus olhos e estudei a garota, procurando por sinais de vida. Os olhos dela ainda estavam fechados, seus lábios não se moviam.

Respire... Por favor, respire.

Esperei, observando.

Depois de longos dez segundos, a cabeça dela se contraiu num espasmo, ela fez um movimento de engolir e seus olhos se entreabriram tremulantes. Tirei meu corpo do estado de paralisia, corri até o elevador e a empurrei para fora dali.

O nome dela é Jenny Lane. Ela tem 9 anos. Hoje cedo, ela estava a caminho da escola quando um policial a parou na rua e lhe disse que sua mãe tinha sofrido um acidente.

— Como você sabe que ele era um policial? — perguntei.

— Ele tinha um uniforme, um chapéu e me mostrou seu distintivo. Disse que ia me levar ao hospital.

Então ela começou a chorar de novo. Estava num estado lastimável. Rios de lágrimas, olhos estatelados, tremendo igual vara verde. Tinha um leve arranhão nos lábios e seu joelho estava machucado. Pior que tudo isso, ela estava respirando rápido demais. Pequenos respiros curtos, cortantes, sofridos. Dava medo. Eu me senti totalmente incapaz. Não sei o que se deve fazer com garotinhas em estado de choque. Eu simplesmente não *faço ideia* desse tipo de coisa.

Depois de tirá-la do elevador, levei-a até o banheiro e esperei do lado de fora enquanto ela se limpava. Depois, dei a ela um pouco de água, levei-a ao meu quarto e tentei deixá-la

confortável. Era o melhor que eu podia fazer. Acalmá-la. Confortá-la. Falar com ela. Sorrir para ela. Perguntar se ela estava bem.

— Você está bem?

Ela fungou e fez que sim com a cabeça.

— Você está machucada?

Ela agitou a cabeça negativamente.

— Minha barriga está estranha.

— Ele colocou um pano na sua boca?

Ela fez que sim novamente.

— E esse seu joelho?

— Eu bati com ele. Está tudo bem.

— Ele...?

— O quê?

— Ele...? — dei uma tossida para disfarçar meu constrangimento. — Ele tocou em você ou coisa do tipo?

— Não — ela assoou o nariz. — Onde ele está?

— Não sei. Em algum lugar no andar de cima.

— O que tem no andar de cima?

— Não sei.

— Quem é ele?

— Não sei.

— Como ele se chama?

— Não sei.

— Ele vai vir aqui embaixo?

— Não sei.

Ela olhou ao redor.

— Que lugar é este? Você vive aqui?

— Não, o homem me trouxe aqui.

— Pra quê?

— Não sei.

Não sei, não sei, não sei... Provavelmente não é uma das respostas mais reconfortantes do mundo, mas pelo menos ela não estava mais chorando. E a respiração também começava a melhorar.

Perguntei onde ela morava.

— Beco Harvey, 1 — ela respondeu.

Sorri.

— Onde? Em que cidade?

— Moulton.

— Moulton, em Essex?

— Isso.

Assenti, depois assenti de novo, tentando pensar em algo mais para dizer. Não sou bom de conversinha fiada. Eu não sei o que falar para meninas de 9 anos. Perguntei:

— Que horas eram quando o policial te parou?

— Umas sete e meia.

— Isso não é muito cedo pra estar na escola?

— A gente ia a uma excursão numa central nuclear.

— Nuclear.

— Quê?

— Nada. É por isso que você não está com o uniforme da escola, porque você estava indo a uma excursão?

— Ahã.

Ela estava usando uma jaqueta curta vermelha, uma camiseta, jeans e tênis. Havia a foto de um tigre na camiseta dela.

— Qual é seu nome? — ela me perguntou.

— Linus.

— Quê?

— Linus — repeti, como quase sempre preciso fazer. — *Lai-nus*.

— Que nome engraçado.

Sorri.

— Sim, eu sei.

— Tem alguma coisa pra comer aqui, Lai-nus?

— No momento, não.

Olhei para o tênis dela. Novinho, mas barato. Listras coladas. Cadarços desfiando.

— O que sua mãe e seu pai fazem da vida, Jenny? — perguntei.

— Por quê?

— Só por saber. Nada de mais.

Ela puxou alguns nós do cabelo.

— Meu pai trabalha numa loja de móveis. Ele não gosta muito.

— E sua mãe?

Ela deu de ombros.

— Ela é minha mãe.

— Ela trabalha?

Ela agitou a cabeça.

— Não-um.

— Você não é rica, então?

A cara dela se contorceu numa careta.

— Rica?

— Esquece. Aqui — passei a ela minha jaqueta com capuz. O quarto não estava frio, mas ela estava começando a tremer de novo e seu rosto estava bastante pálido. — Vista isto. Vai te manter aquecida.

Então, nada de sequestro. Enfim, não foi pelo dinheiro. Ele não ia conseguir um bom resgate de um cara que trabalha vendendo móveis, né? Além disso, se ele sabe quem eu sou, por que se incomodar sequestrando outra pessoa? Quer dizer, você não assalta um banco e depois dá uma paradinha no caminho para roubar uma máquina de chiclete, não é mesmo? A não ser que você seja um idiota.

Não faz sentido. Não há nenhuma razão.

Não é sequestro.

Isso significa que...

O quê?

Eu tenho de cair fora daqui, é isso que significa.

Nós temos de cair fora daqui.

O problema é que eu não consigo ver como. Tudo é feito de concreto sólido. A parede, o chão, o teto. O único jeito de sair daqui é o elevador. Mas isso é inútil. Quando o elevador desce, a porta fica aberta. Quando o elevador sobe, a porta fecha. A porta é de metal sólido. Bem grosso. E o elevador parece indestrutível. E ainda que eu pudesse passar pela porta depois que ele subisse, e daí? Eu não sei o que há por trás dela. Não sei a altura do poço do elevador. Que eu saiba, pode ter 30 metros cercado de puro concreto.

E, de qualquer modo, ele está nos observando.

Esta tarde, enquanto Jenny estava dormindo, dei uma olhada. Uma olhada *de verdade*. Dando uma volta, checando isso e aquilo, bisbilhotando, chutando paredes, dando uns pisões no chão.

É inútil.

É como tentar escapar de uma caixa lacrada.

Depois de um tempo, sentei à mesa de jantar e fiquei olhando para o teto. Não consegui deixar de pensar nele ali em cima. O que ele está fazendo? Está sentado, de pé, andando? Está rindo? Gargalhando? Cutucando o nariz? O que ele está fazendo? Quem é ele? O quê? Quem? Por quê?

Quem é você?

O que você quer?

O que te deixa *ligado*?

O que você *curte*?

E foi então, bem no momento em que todas essas perguntas passavam pela minha cabeça, que de repente percebi para onde estava olhando. Havia uma grelhazinha circular no teto, bem em cima da mesa de jantar. Eu estava encarando ela nos últimos minutos, mas meus olhos não tinham reparado nela. Uma pequena grelha circular, com cerca de dez centímetros de diâmetro, feita de uma malha de metal branca, fixada rente ao teto. Olhei firme, para ter certeza de que eu não estava imaginando aquilo, e então procurei em volta e vi outras. Uma, duas, três, quatro. Quatro delas, distribuídas com a mesma distância por toda a extensão do corredor.

Levantei e fui checar o resto dos quartos.

As grelhas estão em toda parte. Há uma no elevador, uma na cozinha, uma no banheiro, uma em cada um dos outros quartos.

Voltei e subi na mesa para olhá-la de perto.

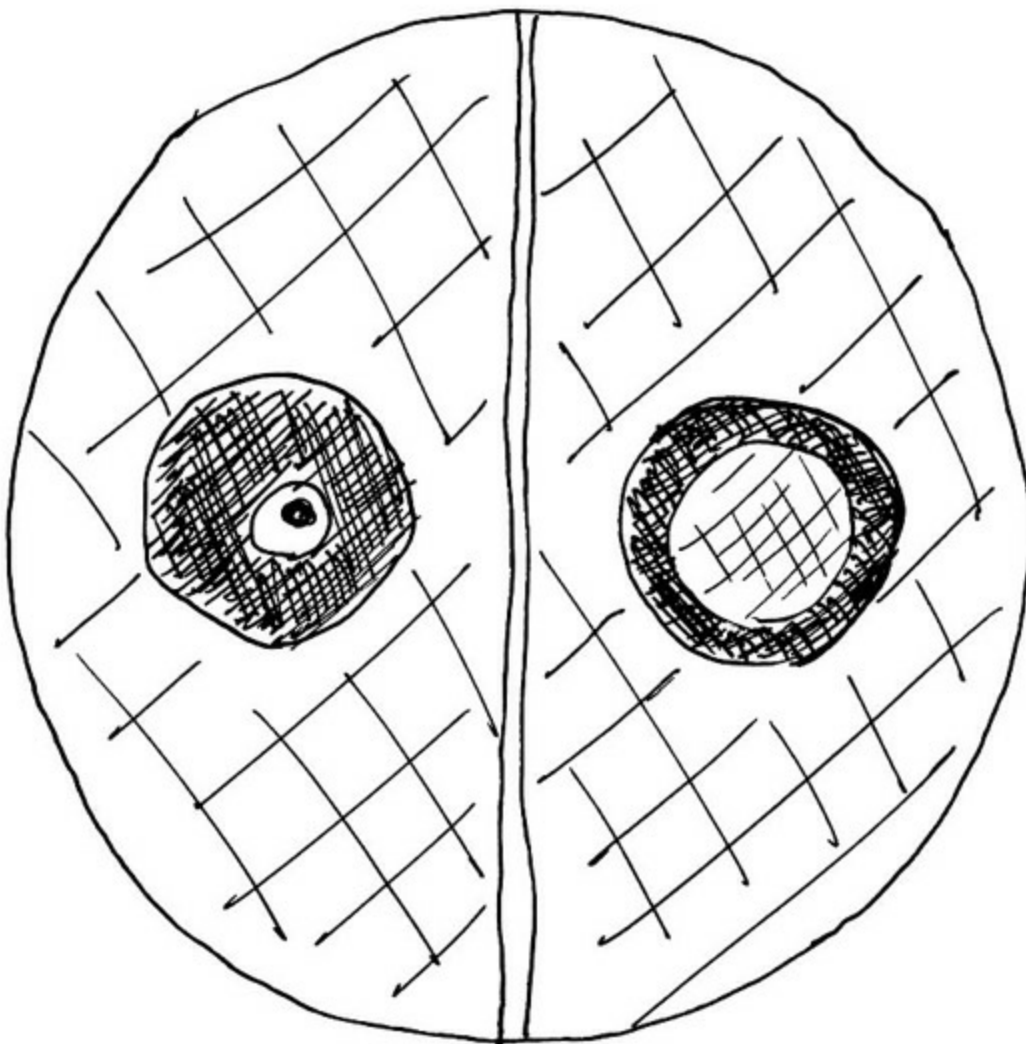
Cada grelha é um círculo perfeito dividido em duas partes. Uma brisa fraca de ar quente sai de um dos lados, enquanto uma corrente igualmente fraca é sugada do outro. Ventilação, eu imagino.

Aquecimento.

Mas tem mais.

Em cada um dos lados da grelha há um pequeno buraco na malha. Cada um deles tem duas coisinhas esquisitas embutidas. Uma é um disco prateado, com uns 20 milímetros de diâmetro, do tamanho de uma moeda de cinco centavos, a outra é como uma pérola com um olho de vidro minúsculo na ponta.

Mais ou menos assim:



Microfone.

Câmera.

Merda.

Tentei arrancar aquilo. Ergui meu braço e enfiei meus dedos na grelha, tentando tirá-la, mas não consegui pegar nada. Os dispositivos estão bem fixados e a grelha é resistente demais para quebrar. Eu a puxei, a estudei, dei uma pancada nela com a palma da mão. Dei outra. Soquei. Forte. Mas tudo o que consegui foi esfolar os nós dos meus dedos.

E foi aí que perdi a cabeça.

Senti um estalo dentro de mim e então comecei a cuspir e gritar na grelha feito um doido.

— Seu DESGRAÇADO! O que você *quer*? Por que você não vem aqui mostrar a sua cara cretina, hein? Por que você não *faz* alguma coisa? O QUE VOCÊ QUER?

Ele não respondeu.

*

23h30

Agora me acalmei um pouco. Fiquei pensando em coisas tranquilas e calei a raiva na minha cabeça. No fundo, ainda estou com muito medo e ódio, ainda quero gritar e colocar tudo pra fora, mas agora não estou mais sozinho. Não posso simplesmente fazer o que *eu* quero. Gritar a plenos pulmões talvez me faça sentir um pouco melhor, mas isso não ia ser nada bom para Jenny. Ela já tem problemas o bastante. A última coisa que ela precisa é de um maluco como companhia.

Depois de ter acordado hoje à tarde, ela chorou até seu nariz começar a escorrer e ensopar a roupa. Depois, ela se encolheu toda, abraçando os joelhos, e se deitou no chão, falando baixinho sozinha. Não gostei nada daquilo, fiquei preocupado. Eu me senti melhor quando ela voltou a chorar. Dessa vez o choro não foi tão melequento e molhado, mas foi bem mais violento. Ela gritou por sua mãe e seu pai, ela se sacudiu e tremeu, gemeu, esperneou.

Fiz o que pude.

Sentei ao seu lado.

Tomei conta dela.

Ela soluçou, ela urrou, seu corpo se agitou, e eu apenas me sentei ao seu lado e chorei algumas lágrimas silenciosas.

Eu queria poder fazer mais para ajudá-la.

Só que eu não tinha como.

Mais tarde, depois de Jenny ter chorado até não ter mais lágrimas, ela disse que estava com fome. Ela não reclamou nem nada. Apenas disse:

— Estou com fome.

— Eu também — respondi.

— Aposto que você não está com tanta fome quanto eu.

Provavelmente ela estava certa. Realmente não sinto mais tanta fome. Embora eu saiba que estou faminto. Algumas vezes hoje me senti realmente cansado, como se eu não tivesse mais

energia nenhuma, e tenho certeza de que isso é por estar sem comer há um bom tempo. Não estou tão preocupado ainda. Já senti fome antes. Sei como é. Você pode ficar sem comida por um longo período.

Merda. Pensar nisso me deixou com fome de novo.

De qualquer maneira, é um alívio saber que Jenny está com fome. Quer dizer, é um bom sinal, não é? Igual a quando você está doente e não tem apetite, e então começa a melhorar e volta a sentir fome.

Isso é bom, né?

Eu não sei.

O que eu sei? Sou apenas um garoto. Tenho 16 anos. Não sei nada sobre cuidar de gente. Ninguém jamais cuidou de mim, a não ser eu mesmo.

Ainda assim, tenho a sensação de que Jenny está se sentindo um pouquinho melhor. Não é *bom* ela estar com fome, é claro. Mas eu estaria bem mais preocupado se ela não estivesse.

Hoje à noite, um pouco mais cedo, quando eu estava colocando a cadeira de rodas no elevador, Jenny me perguntou para que servia o negócio de acrílico na parede. Ela o chamou de bandeja.

— Pra que essa bandeja, Linus?

— Não sei.

Ela o observou por um tempo. Depois, sua atenção se voltou para o outro na parede do corredor. Ela olhou pensativa. Olhos castanhos brilhantes, uma boquinha curiosa.

— Por que não pedimos comida pra ele? — ela perguntou. — Mande um bilhete.

— Ele sabe que a gente está com fome — respondi.

Ela pegou uma folha de papel no porta-folheto.

— Talvez ele queira que a gente peça. Algumas pessoas são assim. Elas não te dão nada se você não pedir.

Olhei para ela. Ela pegou a caneta da parede, depois se agachou e colocou a folha de papel no chão, preparando-se para escrever.

— O que eu peço? — ela perguntou.

Não consegui deixar de sorrir.

— Peça a ele pra nos deixar ir embora.

Ela escreveu: “Por favor, nos deixe ir embora”.

— Que mais? — ela quis saber.

— Pergunte o que ele quer.

Ela escreveu: “O que você quer”.

— Não se esqueça do ponto de interrogação.

Ela incluiu o ponto de interrogação e depois escreveu: “Por favor, nos dê comida. Pão. Queijo. Maçãs. Batatas fritas. Choco-late. Leite. E um pouco de chá”.

— Você gosta de chá? — perguntei a ela.

— Ahã.

Ela escreveu: “Sabonete. Toalhas. Escovas e pasta de dente”.

Eu disse:

— Você escreve bem.

Ela me olhou feio.

— Eu não sou um *bebezinho*.

— Desculpa.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Mais alguma coisa?

— Acho que isso basta.

Ela escreveu: “Obrigado”. Então levantou e colocou a folha de papel no porta-folheto do elevador e prendeu de novo a caneta na parede.

— Você acha que vai funcionar? — perguntei.

Ela deu de ombros, parecendo orgulhosa de si mesma.

Eu falei:

— Tudo bem se não funcionar, né?

— Sim.

— Pior do que estamos não vamos ficar.

— Verdade.

Dei um sorriso.

— Imagino que você se ache muito esperta.

— Mais esperta que você.

Agora é quase meia-noite. Avisei Jenny sobre as luzes.

— Elas se apagam à meia-noite — disse a ela. — Fica muito escuro. Mas não se preocupe, que de manhã elas se acendem de novo.

— Não tenho medo do escuro — ela respondeu. — Eu gosto.

Ela está dormindo na cama no meu quarto. Vou dormir no chão. Peguei alguns cobertores e travesseiros das outras camas e fiz para mim um aconchegante ninho ao lado da porta. Isso me faz lembrar um pouco da rua. Cobertores, papelões, marquises.

Eu me senti em casa.

Estou feliz que Jenny não tenha medo do escuro.

Eu queria não ter também.

Quarta-feira, 1º de fevereiro

É engraçado ver as voltas que o mundo dá. Cinco meses atrás eu estava fugindo para Londres, escapando da bosta da escola e da loucura que estava sendo viver em casa. Não foi fácil e eu já nem sei se foi a coisa certa a fazer, mas eu fiz. Lutei e me esforcei para achar o que estava buscando, e, apesar de nunca ter encontrado, acabei me acostumando à liberdade das ruas e já estava começando a me acertar. E agora estou aqui, preso no lugar mais merda do mundo com meu emocional em cacos.

Engraçado?

É hilário.

Vai ver é meu carna, como diria o Zoreba.

— Issaê é a porra do teu carna, meu bróder. Ô se é. Pode creize.

O bom e velho Zoreba. O doido de uma orelha só. Queria saber o que ele está aprontando agora. Deve estar se arrastando pelo metrô com o seu velho casaco sujo. Recitando para ele mesmo uns mantras inventados e tomando água de torneira numa garrafa de sidra. Uma vez perguntei por que ele fazia isso.

— Como é que é? — ele falou.

— Por que você toma água numa garrafa de sidra? Sabe que isso aí é provocação com os bebuns.

— Provocação neles. Ô se é.

— Então é pra isso que você faz?

— Faz o quê? Fiz porra nenhuma.

— Deixa pra lá.

— Como é que é?

Felicidade desconexa.

Liberdade.

Carna.

Vou precisar pensar nisso.

Jenny já estava acordada quando as luzes se acenderam hoje cedo. Tirei minha cabeça de baixo do lençol, olhei pelo quarto e lá estava ela, sentada na cama, me encarando.

— Você estava sonhando — ela disse.

— Estava?

— O nosso cachorro sonha. As patas dele se agitam e ele fica ganindo.

— Era isso o que eu estava fazendo?

— Acho que você estava chorando.

Ótimo.

— Como ele se chama? — perguntei. — O seu cachorro.

— Tomi.

— Bom nome.

— É diminutivo de Tomilho.

Ela já estava vestida e ainda usava minha jaqueta. O capuz estava para cima, quase cobrindo o rosto dela. Ela parecia um minimonge.

— Posso tomar um banho? — ela perguntou.

— Não.

— Por que não?

— Não tem água quente.

— Não ligo. Eu vou tomar frio.

Ainda não contei a ela sobre as câmeras e os microfones. Não quero assustá-la. Já estou apavorado o bastante por nós dois. E só de pensar nele sentado lá em cima a assistindo tomar banho, roubando a privacidade dela... Deus, isso me dá nojo.

— Deixa eu verificar primeiro — eu disse a ela, me levantando. — Vou ver se tem água primeiro. Fique aqui. Vai ser rápido.

Fui à cozinha e liguei o fogão. Enquanto a boca de vidro estava iluminada e aquecendo, rasguei um pedaço do revestimento da minha camisa forrada e então puxei a faca de plástico quebrada do meu bolso. Quando a boca estava brilhando vermelha, segurei a faca perto do calor, derretendo-a, depois pincelei um pouco do plástico derretido nos cantos do quadradinho de pano. Antes que ele esfriasse, corri pelo corredor, peguei uma cadeira de um dos quartos e fui ao banheiro. Posicionei a cadeira debaixo da grelha, subi nela e estiquei o braço para colar o tecido sobre a câmera. O plástico fundido estava quase seco e não parecia aderir muito bem ao pano, mas imaginei que, se eu apertasse forte o suficiente, talvez funcionasse.

Não tive nem chance de tentar.

Bem na hora em que eu estava colocando o tecido ali, as luzes se apagaram, mergulhando o banheiro em escuridão. No instante seguinte, uma coisa quente e penetrante esguichou da grelha e deixou meus olhos em chamas. Não sei o que era. Gás, líquido... Era como um spray. Quente e sibilante. Ardia pra caramba. Gritei, deixei o tecido cair, pus as mãos nos olhos e caí da cadeira.

Devo ter batido minha cabeça em alguma coisa, na banheira ou na pia. Não lembro.

Apaguei por um momento.

Quando acordei, as luzes tinham voltado e Jenny estava curvada sobre mim, tocando devagar nos meus olhos com a manga molhada da minha jaqueta.

— O que aconteceu? — ela perguntou. — Você está bem? Seus olhos estão esquisitos.

— Esquisitos?

— Eles estão bem vermelhos e inchados.

Coloquei a mão na minha cabeça. Havia um galo do tamanho de um ovo bem atrás da minha orelha. Quando o toquei, uma faca incandescente atravessou meu crânio.

— Está doendo? — Jenny perguntou.

— Só um pouquinho.

Depois daquilo precisei contar a ela sobre os microfones e as câmeras. Eu não queria nem gostei de fazer isso, mas não tinha outro jeito. O que mais eu *poderia* fazer? Provavelmente eu poderia tê-la impedido de tomar banho por um tempo, inventando alguma desculpa, mas ela ainda iria se lavar, usar a privada, achando que estaria sozinha, só que ela não estaria. Eu não posso vigiá-la o tempo *todo*. Quer dizer, vou descobrir um jeito de dar um fim nessas câmeras, não vou deixar esse cretino se dar bem. Mas isso ainda leva tempo. Enquanto isso, precisamos pensar em nossas necessidades físicas.

Eu não sei o que fazer.

Este lugar está me deixando maluco.

Quando contei a Jenny sobre as câmeras, na hora ela não disse nada. Apenas olhou para a grelha, depois de novo para mim e então para a grelha outra vez.

— É dali que ele está nos vendo?

— Acho que sim.

— O tempo todo?

Acenei, confirmando.

— Provavelmente.

— Mas e...? — a voz dela estava quase virando choro. — Mas e aqui? Quando eu estiver... Você sabe?

— Não vai ser por muito tempo — falei de um jeito carinhoso. — Vou pensar em alguma coisa. Prometo.

Ela ficou quieta por um bocado de tempo. Olhando fixamente para o chão, mexendo nervosamente na manga da minha jaqueta, as lágrimas rolando silenciosamente por seu rosto. Até que ela olhou pra mim e disse:

— Ele é um homem mau, né?

— É... É sim.

Ela assentiu devagar e olhou para o teto.

— O senhor é um homem mau. Um homem muito mau.

12h30

Quem diria... A ideia da Jenny funcionou. A ideia da comida, o bilhete. Deu mesmo certo. Quando o elevador desceu às nove, havia uma sacola; quando a abrimos, vimos que tudo o que havia sido pedido estava lá: um pão de forma, um pacote de queijo, duas maçãs, dois chocolates, dois sacos de batatas fritas, uma garrafa de leite, uma caixa de chá em saquinhos, um sabonete, duas toalhas, duas escovas de dente e um tubo de pasta de dente.

— Ele não respondeu à sua pergunta — Jenny comentou. — Ele não disse o que quer.

— E daí? — falei, sorrindo para ela. — Vamos comer.

Tiramos as coisas do elevador, colocamos as toalhas e as outras coisas no banheiro, depois nos concentramos na comida. Sanduíches de queijo, batatas fritas e chocolate. Nunca provei

algo tão gostoso na minha vida.

— Você não quer a sua maçã? — Jenny perguntou.

— Sou alérgico a frutas — falei a ela. — Pode comer.

— Obrigada — ela deu uma dentada grande e começou a mastigar. — O que acontece se você come uma fruta? Você fica tipo com a pele irritada?

— Minha cabeça começa a inchar.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Verdade — eu disse. — Minha cabeça incha, meus olhos começam a saltar e a pele do meu rosto começa a descolar.

Ela deu um sorrisinho.

— Você está inventando isso.

Estiquei o braço e peguei a maçã.

— Me dá isso e vou mostrar pra você.

Ela riu e a arrancou de mim.

— Não! Não quero ver você com a cabeça inchada.

Enchi minhas bochechas de ar e fiz uma careta.

Ela soltou um arroteio.

Eu ri.

Pelo menos por enquanto, está tudo bem.

Nós não temos uma chaleira, panelas nem torneira elétrica, por isso temos de fazer chá com água fria. Não é incrível, mas é melhor do que nada.

Terminamos de escrever outro bilhete.

Chaleira

Panelas

Lanterna/velas

Pão

Manteiga

Queijo

Presunto

Leite

Suco de laranja

Cereais

Bananas

Chocolate

Sopa

Batatas fritas

Frango

Nuggets de peixe

Cenouras

Feijão

Macarrão enlatado

Rádio

Televisão

Celular

Coloquei os últimos três itens só por colocar.

Jenny insistiu em escrever “obrigado” no fim do bilhete.

Quando ela não estava olhando, incluí meu “P.S.”.

“Tudo o que for preciso, senhor. Tudo o que for preciso.”

Mais tarde.

Hoje o dia parece ter passado bem rápido. As horas voaram. Imagino que estar com Jenny seja o motivo. Estou acostumado a ficar sozinho, e gosto disso. Curto ficar sozinho. Estou feliz comigo mesmo. Sempre pensei que, se eu fosse largado numa ilha deserta ou acabasse em algum confinamento ou coisa parecida, ia ser tranquilo pra mim. Eu daria conta. Eu me viraria. E me virei, não é? Passei um bom tempo sozinho aqui embaixo. Não gostei, mas não era por estar sozinho. Estar sozinho não tinha nada a ver com isso. Não gostei porque não há nada igual a estar aqui embaixo, simplesmente isso. Mas preciso admitir que é muito bom ter alguém por perto. Alguém para conversar, alguém com quem interagir. Isso me faz sentir melhor.

Isso não permite que eu me sinta menos mal, claro. Ou menos assustado. Ou menos qualquer coisa, na verdade. Mas tudo bem.

*

Agora acabou de passar um pouco das nove da noite. O elevador subiu.

Jenny está lendo a bíblia.

Estou sentado no meu ninho, falando com você, comigo, com você...

Agora me veio à cabeça. Quem é você?

Com quem eu *estou* falando?

Não sei.

Não tenho ninguém em mente para ser você. Sei que você está em algum lugar, mas neste exato momento você não está em lugar algum e eu estou falando comigo mesmo.

Preciso pensar nas câmeras.

Meia-noite, luzes apagadas.

Quinta-feira, 2 de fevereiro

Hoje de manhã o elevador veio com quase tudo o que a gente pediu. Sem lanterna nem velas (e obviamente sem rádio, TV e celular), mas conseguimos a chaleira, uma panela de alumínio — ambas novinhas — e toda comida e bebida que havíamos pedido, exceto o frango. Não sei o que isso significa. Nada, provavelmente. Também veio uma nova faca de plástico para substituir a que eu piquei e derreti.

A chaleira é daquele tipo antigo que apita e que você coloca pra ferver no fogão. Não há nenhuma tomada aqui. O fogão e a geladeira são parafusados no chão, por isso não consigo ver como eles estão ligados. Imagino que os cabos passem pela parede. Vou precisar investigar isso. Tem um monte de coisas que preciso investigar: como sair daqui, como me livrar das câmeras, como evitar que as coisas fiquem muito desagradáveis.

O cheiro, por exemplo.

As coisas estão começando a feder um pouco. Nós dois estamos nos lavando com frequência razoável, mas não importa o quanto você se lave se continua usando as mesmas roupas o tempo todo. Você não consegue deixar de cheirar mal. E, além disso, com as câmeras nos observando, é difícil se sentir bem e tirar a roupa para se lavar direito. O resto também é bem ruim. Jenny não usa a privada a não ser no escuro. Não sei como ela consegue. Eu simplesmente tento ignorar as câmeras. Ignorá-lo. Fingir que ele não está lá. Nenhuma câmera, ninguém olhando. Feche seus olhos, imagine que você está em algum outro lugar, acredite.

Acreditar, esse é o segredo. Acredite nas suas próprias mentiras.

O cheiro dos corpos mal lavados não é muito bom, mas eu não me importo tanto assim. Estou acostumado com isso. Sempre me mantive bem limpinho quando vivia nas ruas, mas muitos não ligam pra isso. Acho que o Zoreba *já* se lavou. Dá para entender. Se você fede um pouco, que é que tem? Todo mundo fede. Isso não é nada de mais. E, depois de chegar a um certo nível, o cheiro do seu corpo não vai mesmo ficar pior do que está. Então por que se incomodar tentando ficar limpo? O que você ganha com isso? Muito pouco. Eu só fazia esse esforço porque, por algum motivo, quando pareço sujo, pareço *realmente* sujo. Nojento de sujo, como uma coisa que saiu se arrastando de baixo de uma pedra. Meu cabelo é comprido e, se eu não der uma escovada nele de vez em quando ou pelo menos passar meus dedos, ele se embaraça todo, fica parecendo uns cordões podres e velhos, o que me faz parecer um doido. E, se eu não me lavo, minha pele fica meio cinzenta, o que me deixa com uma cara de viciado. Particularmente, não ligo de parecer um doido viciado, mas isso não ajuda muito quando estou tocando música na rua. As pessoas não veem problema em dar dinheiro para um garoto sem teto de aparência adorável, mas, quando veem um maluco de cabelo desgrehado, suspeitam que ele vai torrar todo o dinheiro em crack, heroína ou qualquer coisa do tipo, e para elas isso é

mau. Isso é *errado*. ERRADO. Já é ruim o bastante mendigar por bebida e cigarros, mas drogas? Ah, não. Eu não vou dar *meu* dinheiro para um viciado.

Olha o Windsor Jack, por exemplo. Windsor não é um tipo bonito. Ele tem um nariz de falcão, cara de mau e uma perna só. Bem, uma e meia, na verdade. Uma noite, depois de encher a cara e apagar, ele dormiu por 28 horas com a perna toda retorcida debaixo do corpo e, quando acordou, ela estava morta, inútil, sem sangue. Ele a perdeu do joelho para baixo. Mas, enfim, Windsor fica apenas sentado na rua com a mão estendida. Ele não abre a boca, não segura cartaz com mensagem, nada. Ele só fica lá sentado, mostrando o seu toco e estendendo a mão, na esperança de ganhar uma grana por pena. Mas ele nunca recebe muito, porque tem essa cara de mau, é muito feio e está *sempre* chapado. Olhos arregalados, expressão vazia, meio zumbi. Seria melhor ele tatuar logo DROGADO na testa. Uma vez alguém deu a ele um sanduíche. Uma velhinha chique num casaco bege. Eu estava perto, tocando música para tirar um troco, e a vi se abaixando e colocando um sanduíche numa embalagem de plástico na mão dele. Ela disse para ele largar as drogas e comer alguma coisa. Windsor olhou para o sanduíche como se fosse cocô de cachorro. Depois, quando a velhinha deu as costas e se afastou, ele olhou pra cima e tacou o sanduíche com tudo na cabeça dela.

Mais tarde.

As coisas mudaram. Elas mudaram ao meio-dia. Jenny estava na cozinha comendo cereal e eu estava sentado à mesa olhando fixamente para a grelha no teto, tentando pensar num jeito de desligar as câmeras sem receber um jato de veneno na cara. Tudo estava quieto. Tudo estava normal. Tudo estava como de costume. Sempre existe uma rotina, não importa onde você está. Você logo se acostuma a ela. Luzes se acendem às oito, elevador desce às nove. Elevador sobe de novo às nove da noite, luzes se apagam à meia-noite. Longas horas sem fazer nada. Esperando, pensando, ficando sentado, deitando, levantando, andando em círculos. Eu não gosto, mas estou me acostumando a isso, e, assim que você se acostuma a uma coisa, ela deixa de ser tão ruim.

Então lá estava eu, sentado à mesa, olhando fixamente para o teto, mergulhado em pensamentos, refletindo sobre conspirações e planos, chapéus, máscaras, escudos, capas, quando de uma hora para outra a porta do elevador se fechou — *tuc-shhh-mmm* — e ele subiu zumbindo.

Mmmmmmmm...

Olhei para o relógio.

Meio-dia?

O elevador não sobe ao meio-dia.

Não é a rotina.

Não é bom.

Jenny saiu da cozinha limpando o leite do seu queixo.

— Que barulho é esse?

— É o elevador.

Ela olhou instintivamente para o relógio.

— O que está acontecendo?

— Não sei.

Levantei da mesa, fui até a porta do elevador e fiquei escutando. O zumbido havia parado. O elevador tinha chegado ao topo.

— Volte pra cozinha.

— Por quê?

— Faça apenas o que estou pedindo.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Eu não sei. Por favor, volte pra cozinha.

Ouvi o som do elevador voltando a funcionar — *clunc, clanc, clanc, clic, mmmmmmmmm...*

Os olhos de Jenny foram ficando cheios de medo.

— Não se preocupe — disse a ela. — Provavelmente não é nada. Fique ali enquanto eu vejo o que está acontecendo. Feche a porta, tá? Eu chamo você em um minuto.

Ela hesitou, olhando fixamente para a porta do elevador.

— Vai — eu mandei.

Ela voltou à cozinha e fechou a porta. Eu me virei para o elevador. Ele desceu zumbindo e fez um *clanc*, parando devagar. Meu coração agora estava batendo forte e minhas mãos suavam. Eu as enxuguei na minha camisa e respirei fundo. A porta do elevador se abriu — *mmm-shhh-tuc...*

Havia duas pessoas lá dentro. Uma mulher na cadeira de rodas e um homem caído no chão, com seus pés presos e suas mãos amarradas atrás das costas. A mulher estava inconsciente. Ela havia sido dopada, exatamente como eu e Jenny fomos. Pude sentir o cheiro da coisa no seu hálito — amargo, doce, horrível. A maquiagem dela estava toda borrada e havia um pouco de vômito seco em sua boca. O homem estava consciente, mas o estado dele não era dos melhores. Sua boca estava amarrada com uma mordaca ensanguentada, seu nariz estava sangrando e seu olho esquerdo estava fechado de tão inchado. O olho direito estava me encarando furiosamente.

— *Unn!* — ele grunhiu pela mordaca. — *Mmmisoo! Ugrrr!*

Eu estava bem chocado, mas não chegou nem perto de como fiquei atordoado quando Jenny apareceu. Não sei ao certo por quê. Acho que por eles serem adultos. É diferente com adultos, né? Quando você vê um adulto em dificuldade, você se sente mal, mas não é nem sombra de quando você vê uma criança na mesma situação. É pela incapacidade de se defender, imagino. Isso é uma coisa que afeta a gente. Pega pelo lado emocional. Ou não. Talvez seja algo meu. Talvez eu tenha algo contra adultos.

Sei lá.

Dessa vez eu não estava paralisado.

Primeiro, eu empurrei a cadeira da mulher para fora, então chamei Jenny e me virei para o homem. Ele era grande, pesado demais para arrastar, por isso comecei a desatar as cordas em volta de seus pulsos. Elas estavam bem amarradas.

Jenny apareceu e se aproximou da mulher com cuidado.

— Traga um pouco de água — falei.

— Quem é ela? — Jenny perguntou, olhando para a mulher. Depois ela se virou para o homem. — E quem é *aquela*?

— Não sei ainda. Pegue um pouco de água, por favor.

Ela voltou à cozinha e eu continuei lutando contra as cordas.

— *Nunn-uhh-uhh...*

— Fica quieto — eu disse.

— *Nurntirss... Ugrrr....*

— Fica *quieto*, pelo amor de Deus.

Alguns minutos depois, enfim consegui desatar os nós. O homem puxou rápido os braços e arrancou a mordaça de sua boca.

— *Cacete!* — ele explodiu num grito, sacudindo as mãos para reanimá-las. — Por que você não tirou a merda da *mordaça* antes? Porra! Cara, eu nem conseguia *respirar*.

Ele é grande. Um cara *bem* grande. Alto. Pesado. Forte como uma rocha. Mãos sebosas, cabelo curto e coberto de pó. Jeans, botas, um moletom desbotado com as mangas cortadas.

Ele sentou e começou a desamarrar seus pés, repuxando as cordas e olhando em volta com seu olho bom.

— Que merda é esta? — ele perguntou. — Quem é você? E quem é aquele imbecil...?

— Ei — eu disse.

Ele parou de falar e olhou para mim.

— Eu estou do seu lado — falei. — Só estou tentando ajudar. Por que você não cala a boca por um minuto e me deixa fazer algo por essa mulher? Tá bom?

Ele me olhou feio. *Bem* feio. Fungou um fio de sangue em seu nariz e limpou a boca com as costas da mão. Então observou a mulher na cadeira de rodas. Ela estava começando a despertar, gemendo, murmurando e tentando erguer a cabeça. Jenny estava atrás dela segurando um copo de água, cravando os olhos arregalados em mim e no grandalhão. Morrendo de medo.

O grandalhão disse “merda” e voltou a desamarrar seus pés.

Eu me virei para a mulher. Jenny estava ajudando ela a beber um pouco de água, segurando o copo junto aos lábios dela. Assim que me aproximei, a mulher empurrou o copo, se inclinou para a frente e vomitou no chão.

O grandalhão se chama Fred.

— Fred o quê? — perguntei a ele.

— Só Fred.

Certo.

O nome da mulher é Anja. Pronuncia-se *Ânia*, como Tânia sem o T. Anja Mason. Ela é daquele tipo de mulher confiante que sempre consegue o que quer. Perto dos 30 anos, educada, cabelo loiro cor de mel, nariz bonito, boca esculpida, dentes perfeitos, colar de prata no

pescoço. Vestia uma blusa branca fininha, uma saia curta preta, meia-calça e salto alto.

Meu pai ia adorá-la.

Ela disse que trabalha com “investimentos em propriedades”, seja lá o que isso quer dizer. Vendendo casas, imagino. Foi assim que ele a pegou. Ela marcou uma visita para mostrar a um tal senhor Fowles um apartamento de luxo no térreo de uma rua isolada, na região de West London. Às dez da manhã de hoje. Ela apareceu ali sozinha. Estacionou seu carro. O senhor Fowles estava lá a esperando na entrada. Ele sorriu e deu bom-dia. Ela abriu a porta e mostrou o lugar. Ele parecia bastante satisfeito.

— Ele falou alguma outra coisa pra você? — perguntei a ela.

Ela pensou um pouco.

— Não, na verdade não. Não que eu lembre.

— Nada?

— Eu não *lembro*, tá bom? — ela respondeu, com irritação.

Anja nos contou que mostrou a ele a entrada e a sala de estar, depois o levou à cozinha. Enquanto ela apontava para o assoalho, ele a apanhou com clorofórmio. Anja disse que sabe que se tratava de clorofórmio porque o marido dela trabalha com produtos químicos.

Nisso, Fred riu.

— Você *o quê*?

— O quê? — perguntou Anja.

— *Como* você sabe que era clorofórmio?

— Meu marido — ela repetiu. — Ele é gerente numa empresa multinacional do setor químico.

— Onde? Na porra do departamento de *clorofórmio*?

Ela lhe lançou um olhar frio.

— Qual é o seu problema?

Fred não respondeu, só forçou um sorriso e coçou o braço.

Eu sei qual é o problema dele. Ele é um noia, um viciado em heroína. Sei dizer pelo jeito de ele andar, pelo olhar, pela postura dele. Pelas marcas nos braços.

— Quanto tempo faz?

Ele fungou e fez um gesto negativo com a cabeça.

— O quê?

Imitei o gesto de injetar uma agulha.

Ele deu de ombros e esfregou o braço outra vez.

— Hoje de manhã, algumas horas antes de a van me atropelar.

Ele disse que trabalha com funilaria num lugar em Camden Town, e acho mesmo que é verdade; só não acredito que seja toda a verdade. Sei reconhecer um ladrão quando vejo um. Ladrão, traficante, valentão, vigarista. Pode escolher, provavelmente ele vai se encaixar. Ele é esse tipo de cara. Ele disse que ontem à noite tinha saído, que estava em algum lugar em Essex. Ele disse que não lembra onde. Que se perdeu. Que alguém roubou seu carro.

Ah, tá.

Às 11 da manhã de hoje ele estava ainda no meio do nada, tentando achar um jeito de voltar a Londres. Pedindo carona, procurando uma estação de trem, tentando achar um carro para roubar. Ele estava caminhando por uma estradinha de terra, quando ouviu uma van se aproximar. Quando ele se virou para esticar o polegar, a van foi para cima dele, o pegou de raspão e o jogou para dentro de uma vala.

— Doe pra cacete — ele disse, esfregando o ombro. — Achei que tinha quebrado. E então, quando eu estava rastejando pra fora da vala, todo coberto de folhas, lama e merda, alguém com uma barra de ferro me deu uma pancada com tudo na cabeça — sorrindo para Anja, ele complementou dizendo: — Eu sei que era uma barra de ferro, porque *minha esposa* trabalha numa fábrica de barras de ferro.

Anja fez um bico.

— Muito engraçado.

Mas *foi* muito engraçado mesmo.

Fred continuou:

— Foi isso. Apaguei. Acho que ele me deu outras bordoadas só pra garantir, depois deve ter me colocado na van e me amarrado. Quando dei por mim, estava sendo jogado dentro de uma porra de elevador — ele fez um sinal negativo com a cabeça. — Preciso admitir que o desgraçado é forte.

Ele esfregou de novo o braço e enxugou o suor da testa.

— Mas como você está? — perguntei.

— Começando a sentir...

— Mal?

— Vai ficar.

— Você quer alguma coisa?

— O que você tem?

— Não muito. Chá, água...

— *Chá?*

Encolhi os ombros.

— Nenhuma aspirina?

— Eu pedi algumas.

Já eram dez da noite, por isso o elevador já tinha ido embora. Eu tinha colocado uma nova lista de compras. Comida, aspirinas, curativos, suco, cigarros para Anja e Fred.

Foi nesse momento que Anja de repente reconheceu Jenny.

— Ai, meu *Deus!* — ela arquejou, arregalando os olhos. — Você é *ela*, né? Você é a menina do noticiário, a que está desaparecida? Ai, merda... O que é isso? Que *porra* está acontecendo aqui?

Contei a ela e a Fred tudo o que sei, o que não é muito. Falei a eles sobre como eu e Jenny fomos capturados, sobre o elevador e sobre como precisamos pedir coisas. E contei sobre as luzes, as câmeras, os microfones.

Quando Anja percebeu o que significavam as câmeras, quase teve um troço.

— Ele *o quê*?

— Fica olhando a gente — falei. — Ouvindo.

— Por quê?

— Não sei.

Ela me encarou.

— Você está falando sério que, em qualquer lugar que eu estiver, esse velho nojento vai estar me *olhando*?

— Isso mesmo.

— *Qualquer lugar*?

— Isso — suspirei.

— Ai, meu *Deus*! Isso é nojento. Não vou aguentar isso. Você precisa fazer alguma coisa. Você precisa me tirar daqui.

— Eu? — perguntei.

— Não quero saber *quem* — ela gemeu. — Eu só quero sair daqui. *Agora* — ela virou os olhos. — Isso não pode estar acontecendo. Eu tenho compromissos... Eu tenho coisas pra *fazer* — ela começou a chorar. — Eu tenho de *sair* daqui.

Eu me virei para Fred.

— Então — ele deu uma fungada. — Nada de aspirina até amanhã?

— Nove da manhã, se ele concordar.

— Também nada de cigarros até lá?

— Nem.

— Merda.

Outra vez, mais tarde.

Agora que Fred e Anja estão aqui, tudo parece diferente, e não sei bem se gosto disso. Sei que não havia nada do que se gostar antes de eles chegarem, mas acho que eu já tinha meio que me acostumado às coisas como elas estavam — só Jenny e eu, dando o nosso melhor para cuidar um do outro.

Mas e agora...?

Eu não sei.

Eu me sinto meio tenso, inquieto.

Deslocado.

Eu simplesmente não gosto disso.

Estou cansado.

Foi um dia longo.

Amanhã escrevo mais.

Sexta-feira, 3 de fevereiro

Ontem à noite me ocorreu que Jenny talvez se sentisse mais à vontade dormindo no quarto de Anja, em vez de dividir aqui comigo. Mas, quando falei isso a ela, ela ficou bem mordida.

— Achei que você gostasse de mim.

— Eu gosto.

— Achei que nós fôssemos amigos.

— Nós somos. É só que...

— O quê?

— Bem, você é menina.

— E...?

— E eu sou menino.

— E...?

Suspirei.

— Eu só quis dizer que...

— Eu não *gosto* da Anja.

— Por que não?

— Ela é assustadora. E mete o nariz em tudo.

— É só o jeito dela. Não quer dizer nada.

— Eu não gosto dela.

— Tenho certeza de que ela é de boa.

— Por que *você* não dorme no quarto dela, então?

— Engraçadinha.

Jenny sorriu.

E foi isso.

O elevador não trouxe nenhuma surpresa quando veio pela manhã, só uma sacola cheia de comida. Nada de aspirinas, curativos ou cigarros. Eu e Jenny guardamos a comida e começamos a fazer o café da manhã, quando Anja apareceu. Sem maquiagem, com olhos cansados, roupas amarrotadas. Ela parecia cansada e frágil, e de alguma forma isso a fazia parecer mais receptiva.

Pelo menos tinha me parecido assim.

— Bom dia — falei.

— Quê?

— Bom dia.

Ela só me olhou.

— Tem cigarro?

— Infelizmente, não.

— Merda! — ela chiou. — *Merda!*

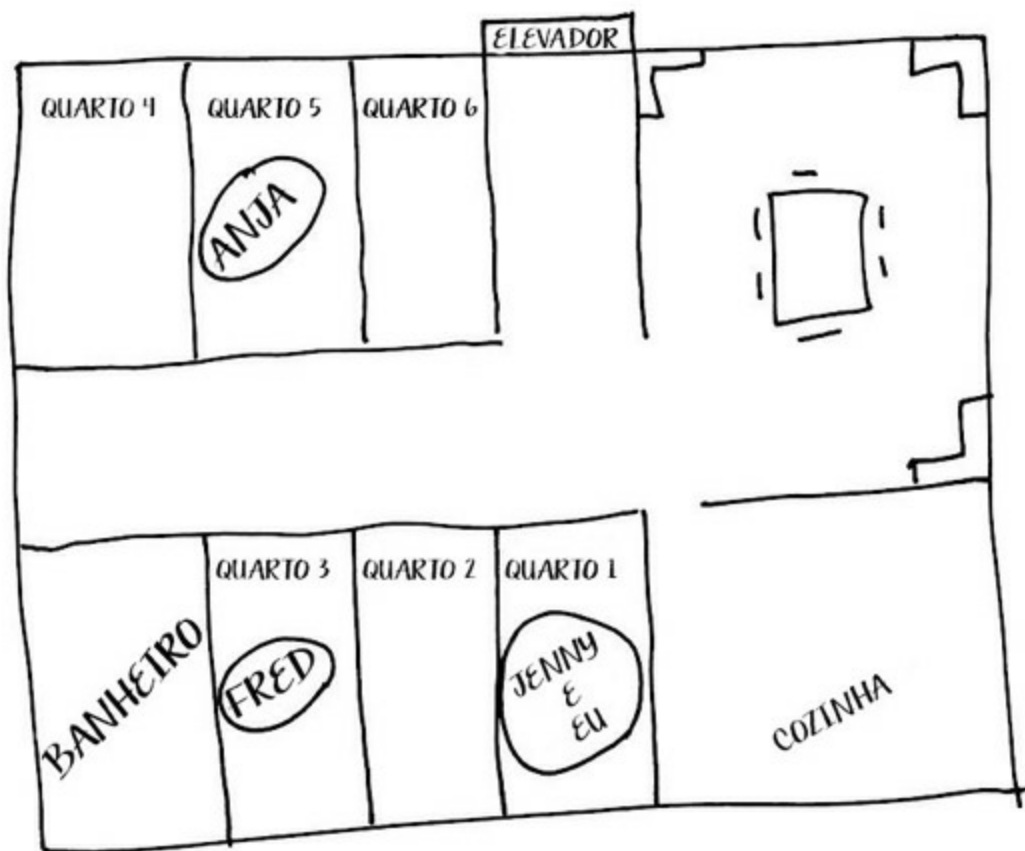
Ela se virou e saiu batendo os pés.

Olhei para Jenny.

Jenny deu de ombros.

Nós seguimos tomando o café da manhã, comendo em silêncio, como dois irmãos cuja mãe está de péssimo humor. Quando Anja voltou batendo os pés para tomar água, xingando baixinho, dei uma espiada para o outro lado da mesa e peguei Jenny me olhando com um brilho de satisfação nos olhos, como se dissesse: “Viu? Não falei? Ela é *assustadora*”.

Só para você saber, aqui é onde está todo mundo:



Você reparou algo de esquisito aqui?

Talvez seja só uma coincidência, mas, tirando eu e Jenny, parece que estamos todos tentando ficar o mais longe possível uns dos outros. O que é meio estranho, você não acha? Quer dizer, aqui estamos nós, presos juntos numa situação sinistra, desesperados para achar uma saída, e estamos nos comportando como desconhecidos dentro de um ônibus.

Ou talvez isso nem seja tão estranho assim.

Deve ser apenas como as pessoas agem, eu acho.

Depois do café, fui ver como Fred estava. Ele não respondeu quando bati à sua porta. Bati de novo e coloquei meu ouvido na porta. Nada. Chamei o seu nome, bati de novo, então abri a porta e dei uma olhada. Ele estava deitado na cama, todo encolhido, só de cueca. A roupa de

cama estava jogada no chão; e vi cicatrizes e tatuagens espalhadas pelo corpo, marcas de agulha nos braços e nas pernas. Ele tem um monte de cicatrizes. Ele estava com o travesseiro sobre a cabeça, suando feito doido e gemendo feito um bebê.

Abstinência de heroína.

Mesmo com as pernas encolhidas, a cama é pequena demais para ele. Ele tem com certeza mais de 1,90 metro.

— Tudo bem por aí? — perguntei.

— *Annnn* — ele respondeu.

— Quer chá?

— *Ann*.

— A gente não conseguiu aspirina. Você vai ter de aguentar.

— *Meernnn...*

— Vou trazer um chá pra você.

No caminho para a cozinha, passei pelo quarto de Anja. A porta estava aberta e pude vê-la sentada na cama com as pernas cruzadas e segurando os braços firmemente sobre o peito.

Jenny está certa sobre ela. Ela é assustadora. Linda, mas assustadora. Ela tem aquela confiança arrogante típica de gente rica e bonita.

— Você quer algo pra comer? — perguntei.

A cabeça dela girou abruptamente ao ouvir minha voz.

— Quê?

— Você gostaria de comer alguma coisa?

— Até quando vamos ficar aqui?

— Não faço a mínima ideia.

Ela passou a mão no cabelo.

— Isso é inaceitável.

Ela começou a sacudir seu pé para cima e para baixo, depois virou e olhou para mim. Um olhar longo, de cima a baixo, me examinando como se eu fosse um móvel ou algo do tipo. Até que ela piscou, franziu o nariz e olhou para longe.

— O que a polícia está fazendo a respeito de Jenny? — perguntei a ela.

— Quê?

Suspirei.

— O que eles estão dizendo sobre Jenny no noticiário?

— Quem é Jenny?

Cravei os olhos nela.

— Ah, tá... — ela disse. — A garota... — ela deu de ombros. — Acho que era um daqueles apelos que fazem na TV, sabe, uma entrevista coletiva, com os pais dela e tudo mais. E teve também bastante repercussão sobre ela nos jornais, um monte de fotos e coisas do tipo.

— A polícia tem alguma pista?

Anja deu de ombros outra vez.

— Como vou saber?

— Eles *disseram* se tinham alguma pista?

— Pra ser sincera, eu não estava realmente acompanhando a história. Ando bem ocupada no momento. Eu não tenho tempo pra...

— Você precisa parar de pensar tanto no próprio rabo — falei.

— Como é que é?

— Você me ouviu. Pare de ficar aí sentindo pena de si mesma, pelo amor de Deus.

Ela me olhou com ódio.

— Pra começo de conversa, você podia tentar falar com Jenny — eu continuei. — Sei que é difícil, mas finja que você tem um coração.

Ela agitou a cabeça.

— Eu não tenho de ouvir isso.

Eu encolhi os ombros.

— E o que *você* sabe, afinal? — ela sorriu com desdém. — Qual é a sua idade?

— Idade suficiente.

A ideia era que isso soasse incrível, mas provavelmente não soou.

O pé dela estava chacoalhando a cem quilômetros por hora.

Falei:

— Você devia ter ido enquanto estava escuro.

— *Oi?*

— O banheiro. Eu avisei você ontem à noite. Você devia ter ido enquanto estava escuro.

Ela descruzou as pernas, coçou o joelho, deu um peteleco em algo no sapato e cruzou as pernas novamente.

Eu disse:

— Quer que eu vá com você?

— O quê? Claro que não!

— Eu não vou olhar. Fico na sua frente, olhando pro outro lado, pra que a câmera não pegue nada.

Ela apertou a boca, mordeu o lábio, cravou o olhar em mim e virou para o outro lado. O quarto estava em silêncio.

Dei um tempo, depois me virei para ir embora.

À porta, ouvi um pequeno soluço. Virei. A cabeça estava abaixada e a voz dela tremia.

— Por que ele está *fazendo* isso? — ela chorou. — O que foi que *eu* fiz? Eu não mereço isso. Não é *justo*.

— Isso não tem a ver com justiça.

As lágrimas rolavam pelas bochechas dela.

Falei:

— Eu estou na cozinha, caso precise de mim.

O verão anterior à minha fuga foi bem quente. Longo, quente e entediante. Meu pai não parava muito em casa, como sempre, e eu passei a maior parte dos feriados escolares

perambulando mundo afora com ele, ficando em hotéis e apartamentos sem vida ou — quando ele ficava cheio de me ter atrapalhando a curtidão dele — em casa de vários amigos e parentes, sendo que a maioria deles eu não conhecia ou não gostava. Na verdade, eu não consegui passar nenhum tempo com meu pai até a semana anterior à que eu deveria voltar às aulas. E ainda assim, tudo o que fizemos foi bater boca o tempo todo. Na maior parte do tempo, pelas mesmas coisas de sempre.

— Eu não entendo *por que* eu preciso ir pra um colégio interno, pai. Por que eu não posso ir pra uma escola normal, uma escola *da região*?

— Você sabe bem por quê, Linus. A gente já discutiu isso um milhão de vezes.

— É, mas...

— Só por mais um ano, tá bom? Assim que eu der um jeito nesses projetos todos, não vou precisar ficar viajando tanto, aí...

— Você disse a mesma coisa ano passado.

— Eu sei, mas...

— *E* no ano retrasado.

— Agora é diferente. Eu prometo. Daqui a um ano, tudo vai estar certo.

Foi então que eu decidi que era hora de partir.

23h55

Fiz uma lista de compras curta hoje à noite. Temos comida suficiente para amanhã, por isso, tudo o que pedi foram roupas limpas e algo para ler. Nem me dei ao trabalho de perguntar se os outros queriam alguma coisa. Estou ficando de saco cheio de bancar a mamãezinha aqui. Eles sabem como isso funciona. Se quiserem algo, eles que peçam.

Depois que pus o bilhete no elevador, fiquei ali por um tempo, olhando para a câmera. Eu sabia que era inútil, mas fiz isso mesmo assim. Eu estava me sentindo rabugento e irritado, e não consegui pensar em outra coisa para fazer. Então fiquei ali simplesmente olhando para a câmera, esperando para ver se algo acontecia. Deu nove horas e o tempo passou e o elevador não se moveu.

— Vamos — eu disse para o teto. — Me leva aí pra cima. Prometo não fazer nada. Só quero ver você, trocar uma ideia.

Nada aconteceu.

Sorri.

— Qual é o problema? Você não confia em mim?

Nada.

Esperei mais um minuto, soltei um suspiro e saí do elevador. Assim que me afastei da porta, o elevador começou a zumbir e eu imediatamente pulei nele de novo.

Ele parou de zumbir.

Olhei para o teto.

— Imagino que, se eu for longe demais com isso, você vai fazer alguma coisa bem desagradável, né?

O silêncio estava começando a me irritar.

— Tá bom — eu disse, saindo. — Vejo você outra hora.

Enquanto eu caminhava pelo corredor, ouvi o elevador entrando em ação. A porta se fechou, o zumbido ecoou e ele partiu. Fui ao banheiro, enchi a banheira de água fria e entrei nela de roupa e tudo.

Agora é quase hora de apagar as luzes. Minhas roupas ainda estão encharcadas e estou deitado debaixo de uma coberta, tremendo. Acho que ele diminuiu o aquecimento. O canalha é vingativo.

Mas pelo menos estou limpo.

Jenny ficou quieta a noite toda.

Anja não pôs a cara para fora desde cedo.

Fred está soltando o seu uivo de vez em quando.

E eu tive uma ideia sobre o que fazer com a câmera do banheiro.

Sábado, 4 de fevereiro

Nenhuma roupa nova, nada para ler. Fred continua fora de combate. Resolvi o problema do banheiro e fui eletrocutado.

Quando as luzes se acenderam hoje cedo, mostrei a Jenny minha ideia para o banheiro. É tão simples que me sinto um idiota por não ter pensado nisso antes. Jenny experimentou primeiro. Quando ela voltou, estava sorrindo de orelha a orelha.

— Como foi? — perguntei.

— Incrível.

O rosto dela estava radiante. Era bom demais de ver. Eu queria ficar lá apreciando aquilo, imerso na alegria dela, mas aquilo me fazia sentir bem *até* demais. Era quase constrangedor.

— Bem — eu disse —, imagino que seja melhor eu ir lá dar a notícia pra Senhorita Esnobe.

Fui até o quarto de Anja, bati à porta, esperei ela responder e entrei. Ela ainda estava na cama. O quarto estava cheirando mal. Os olhos dela estavam bem inchados e seu cabelo estava todo embaraçado e seco.

— Pois não? — ela falou.

Havia um pacote de cereais no chão e um bom naco de pão sobre o seu criado-mudo.

— Pois não? — ela repetiu.

— Como você está hoje?

— O que você quer?

Dei uma olhada para o pão.

— Lanchinho noturno?

— Eu estava com fome.

— Você *pode* comer com a gente, sabia? Não somos selvagens.

— Você queria alguma coisa?

Ergui o lençol que estava carregando em minha mão.

— Privacidade.

— Quê?

Mostrei a ela o buraco do tamanho de uma cabeça que eu tinha feito no lençol.

— Você só precisa colocar isso — expliquei —, como um poncho. Você pode ir ao banheiro, tomar um banho, usar a privada e ele não vai ver nadinha de nada.

— É só isso?

Olhei para ela.

— Achei que você fosse ficar contente.

— Com certeza. Em êxtase.

Não consegui pensar em nada para dizer. Fiquei a encarando. Ela estava deitada de um jeito bem esquisito, meio que encolhida na parte de baixo da cama, com seus joelhos levantados e um braço debaixo do cobertor. A outra mão estava mexendo nervosamente no colar de prata em seu pescoço.

Senti o cheiro do ar, olhei o quarto e depois de volta para ela.

— Quê? — ela disse.

— Volto em um minuto.

Saí do quarto e andei pelo corredor até a cozinha. Olhei dentro da pia, depois no armário, então debaixo da pia. Fiquei ali por um tempo, dando uma olhada geral na cozinha, depois voltei para o quarto de Anja. Ela estava sentada ereta com o lençol bem puxado sobre seu peito.

— Você pode me dizer o que está fazendo? — ela disse rispidamente.

— Onde está?

— Onde está o quê?

— A bacia em que você andou mijando.

— A *o quê?*

Ela estava tentando parecer indignada e ofendida, mas não deu certo.

Suspirei.

— A bacia da cozinha desapareceu. Aposto que está escondida debaixo do seu lençol. Você andou mijando nela, não foi? Eu posso sentir o cheiro daqui.

— Como você *ousa?*

— Olha, moça — eu disse. — Sei que não é legal ser vigiada o tempo inteiro, mas estamos todos no mesmo barco. Pense no que você está fazendo. Você urina na bacia, depois a esvazia no banheiro e a coloca de volta na pia. Nós lavamos nossos pratos na bacia, comemos nos pratos, pegamos germes da sua urina, ficamos doentes e morremos. É isso que você quer?

O rosto dela estava bem vermelho.

— Eu ia...

— Não, você não ia nada. Olha, você não pode ficar pensando em você o tempo todo. Não dá pra você ficar se escondendo aqui e achar que todo o resto vai desaparecer.

Os olhos dela faiscaram por um instante, então ela baixou a cabeça, envergonhada.

— Estou com medo.

— Nós todos estamos — peguei o poncho/lençol e o joguei na cama dela. — Se você precisar ir ao banheiro, use isso. E veja se lava bem essa bacia.

Deus, este lugar está me deixando louco.

*

Depois que o elevador foi embora hoje à noite, fiquei um tempo observando a porta fechada. Observando e pensando. Pensando e observando. É uma porta do inferno. Polida, prateada, granulada, sólida, vedada. Não tem vãos nos lados nem na parte de cima nem na de baixo. Sem

marcas. Sem falhas. Sem arranhões.

Depois de observá-la por um tempo, peguei uma panela da cozinha e dei uma pancada bem dada na porta. Não aconteceu nada, mas me fez sentir um pouco melhor. Bati nela algumas outras vezes, depois a chutei, então larguei a panela e bati na porta com as duas mãos. Um raio disparou pelo meu corpo e me derrubou no chão.

A porta era eletrificada.

Isso foi duas horas atrás.

Minhas mãos ainda estão formigando.

Amanhã é domingo. Estou aqui faz uma semana. Sete dias. Às vezes parece que faz uma eternidade, outras vezes parece que acabou de acontecer.

As lembranças vêm e vão.

Minha casa, aquela em que a gente vivia antes de minha mãe morrer. Meu pai. Escola. A estação, as passagens subterrâneas, a grande escultura de metal em Broadgate... Agora tudo isso sumiu, está em outro mundo, outro planeta. Anos-luz de distância. Mas as pequenas coisas... Eu ainda me lembro das pequenas coisas. Memórias incompletas de quem está crescendo, pequenas histórias, mitos. Momentos. Coisas da rua. Coisas sem data. E outras com datas bem marcadas. Como o último domingo de manhã. Ainda posso sentir a plataforma debaixo do meu pé, o concreto cinzento, liso, frio e plano. Posso sentir o peso do violão no meu ombro. Consigo ouvir o *dong* da corda mi soando enquanto o violão pula nas minhas costas. O que mais consigo ouvir? Sons da manhã de domingo. Pombos se alvoroçando. O trânsito do início da manhã. Os sapatos com bico de aço do grandalhão da plataforma claques-claques pelo saguão. Sapatos de garoto valentão. *Claque-claque. Claque-claque. Claque-claque.* Depois os sons somem, o filme na minha cabeça avança e eu estou na parte de trás da van do cego. A suspensão da van oscila e percebo que o cego subiu atrás de mim e que fui apanhado, mas já é tarde demais. Ele segura minha cabeça, aperta um pano úmido contra meu rosto e começo a engasgar. Estou inalando algum produto químico. Não consigo respirar. Estou sem ar. Meus pulmões estão pegando fogo. Acho que estou morrendo. Luto, agitando meus cotovelos e minhas pernas, chutando, batendo meu pé com força, sacudindo minha cabeça feito um louco, mas isso não dá em nada. Ele é forte, bem mais forte do que parece. As mãos dele seguram meu crânio como dois tornos. Depois de alguns segundos, começo a me sentir tonto, e então...

Nada.

Quando dou por mim, já se passaram sete dias e ainda estou aqui sentado pensando nisso. E o que me irrita é que não ganhei nenhuma sabedoria depois daquilo. Eu ainda não sei onde estou. Eu ainda não sei o que estou fazendo aqui. Eu ainda não sei o que ele quer. Eu ainda não sei como cair fora daqui. Eu ainda não sei o que o futuro reserva. Eu ainda não sei o que vou fazer.

Não aguento mais.

Odeio isto. Mesmo isto, este caderno idiota, este diário, seja lá o que isto for. Eu detesto isto.

Quer dizer, qual é o sentido disto, afinal de contas? Para *quem* estou escrevendo? Quem é você? Por que estou falando com você? O que você está fazendo para me ajudar?

Nada.

Menos que nada.

*

Se você existe, se você está lendo isto, então provavelmente eu morri. Porque, se algum dia eu conseguir sair daqui, a primeira coisa que vou fazer é queimar este caderno. Queimar *você*. Você não vai mais existir. Mas então...

Espere aí.

Se eu conseguir sair daqui e queimar você, se eu apagar sua existência, significa que você *já* vai ter existido?

Merda, que difícil!

Deixa eu pensar.

Agora você *precisa* existir. Caso contrário, estou morto.

Mas eu não estou. E nenhum de nós sabe como isto vai acabar...

Então quer dizer que...

Merda.

Não tenho tempo a perder.

Não estou me sentindo bem.

Vou dormir.

Domingo, 5 de fevereiro

Estamos em algum momento da tarde. Tive uma diarreia brava o dia inteiro. Minha boca está seca e minha barriga dói.

Não consigo sair da cama.

Estou sem energia para escrever.

Depois, à tarde.

Ainda estou deitado. Não sei que horas são. Estava dormindo. Estou ouvindo os outros conversando na cozinha. Jenny, Anja, Fred. É um som reconfortante, mas um pouco deprimente também. Parece que fui deixado de lado. Finalmente estão falando uns com os outros, mas estou doente demais para estar lá. Não é justo.

Isso não tem a ver com justiça.

Ainda mais tarde.

Minha barriga parece ter se acalmado. Ainda está doendo um pouco, mas não é nada terrível. Só uma dorzinha chata interna. Não tenho ido ao banheiro faz certo tempo, o que é bom. Diarreia constante é mesmo uma merda. Sem piada. Diarreia, as tripas roncando, o cheiro ruim... *Bem* ruim. Este quarto está *podre*.

Jenny tem me trazido sopa a noite toda. Sopa, leite quente, toalha molhada. Fico falando para ela que não quero comer nada, mas ela continua trazendo mesmo assim.

— Caso você mude de ideia — ela diz.

Toda vez que ela entra, tenta não torcer o nariz por causa do cheiro, mas é inevitável. Não a culpo. É um cheiro de torcer o nariz mesmo.

Insisti para ela dormir em outro lugar hoje à noite.

— Mas você precisa de cuidados — ela disse.

— Seja lá o que eu tenho, pode ser contagioso — expliquei. — Quem vai cuidar de mim se você ficar doente?

— Bom... — ela torceu o nariz outra vez. — Acho que eu *poderia* dormir no quarto ao lado.

— Pelo menos você vai poder respirar.

Ela deu um sorriso acanhado.

— Olha — falei. — Vou deixar a porta aberta, tá? Se eu precisar de você, dou uma batidinha na parede. Se você precisar de mim...

— Eu assobio. Sei assobiar bem.

Ela assobiou, só para comprovar o que tinha dito. Depois ela retirou a bandeja com a sopa fria e saiu.

Agora há pouco, Fred passou aqui. Ele disse que ainda está se sentindo um lixo, mas acha que o pior já passou. Ele não parece estar muito bem. Perdeu bastante peso. Seus olhos estão meio lacrimejantes e o nariz está escorrendo bastante. Ele parece alguém que está se recuperando de uma forte gripe. Não falou muito, mas perguntou como estou, desejou melhoras e coisas assim. Foi meio esquisito no começo, estar sozinho neste quarto minúsculo com aquele homem do tamanho de um urso. Isso me deixou um tiquinho tenso. Um pouco sufocado. Depois de um tempinho, no entanto, comecei a relaxar. Conversei com ele. Perguntei como ele estava, o que ele estava pensando sobre certos assuntos — escapar, cair fora, esse tipo de papo. Foi bem normal, só nós dois falando sobre coisas. Estranhamente relaxante. Num momento, ele até deu um sorriso. Surpreendentemente, ele tem bons dentes. Menores do que eu imaginava. Mais brancos também.

Não sei que tipo de dentes eu esperava que ele tivesse. Talvez do tipo tatuado, com caninos avantajados ou algo assim.

Antes de sair, ele me deu um tapinha amigável no braço. Você sabe, um desses tapinhas “de homem para homem” ou “te vejo mais tarde, meu chapa”. Não acho que alguém já tenha me dado algum desses antes.

Foi bem legal.

Estou começando a gostar dele.

Cerca de dez minutos depois que Fred saiu, Anja apareceu. Ela me trouxe uma caneca de chá. A primeira coisa que ela disse foi:

— Não posso ficar muito.

Como se ela tivesse que se apressar para ir a um lugar realmente importante.

Fiz que sim com a cabeça. Ela ficou ali segurando a caneca. Acho que ela queria me agradecer por não ter contado a ninguém o nosso segredinho. Você sabe, a coisa de mijar na bacia. Pude ver nos olhos dela. Incerteza, culpa, conflito. Ela *queria* me agradecer, mas na hora em que isso ia acontecer, ela deu para trás. O refinamento dela falou mais alto. Ela deu um sorriso tenso, deixou o chá sobre o criado-mudo e saiu apressada.

Dei um suspiro para mim mesmo e alcancei a caneca.

O chá estava asqueroso.

Segunda-feira, 6 de fevereiro

Agora somos cinco.

Quando as luzes se acenderam hoje cedo, o elevador já estava aqui embaixo e um gordo de terno cinza estava dormindo no chão. Fred o encontrou. O apetite dele voltou e ele tinha acordado cedo para procurar algo para comer. Ele ouviu um barulho de ronco vindo do elevador. Ele viu o gordo, o arrastou e então nos chamou aos berros para ir vê-lo.

Nós fomos.

Jenny primeiro, depois Anja e então eu.

Não sei se tem a ver com o fato de eu ter passado o dia anterior inteiro na cama, mas a imagem de nós três saindo de nossos quartos aos tropeções e chegando até o elevador me pegou de jeito. Nosso aspecto — sujos e pálidos, passos pesados, olhos cansados — e o jeito como andávamos, com a emoção indiferente dos prisioneiros no corredor da morte...

Deus, parecemos tão fracos, tão perdidos.

Fred estava orgulhoso, de pé ao lado do gordo como um gato com um rato morto.

— Ei — ele falou. — Olha o que eu achei.

Nós olhamos. O homem parecia estar perto dos 40 anos, gordo, com cabelo crespo preto e caspa na gola do terno. Ele estava deitado de lado, roncando alto, com o ponta da língua saindo para fora entre os lábios.

Eu me inclinei para checar seu pulso.

— Ele está fedendo a bebida — eu falei.

Fred fungou.

— Dopado?

— Talvez. Mas eu não sinto cheiro de clorofórmio.

Eu me inclinei um pouco mais. O gordo abriu os olhos, deu uma tossida e então vomitou.

O nome dele é William Bird. Ele mora num vilarejo perto de Chelmsford e trabalha em Londres, no centro financeiro. Consultor em gestão ou algo assim. Ontem à noite, depois do trabalho, ele conheceu um homem num bar na estação da Liverpool Street. Um homem de aparência qualquer, segundo ele. Terno, casaco de chuva, óculos, bigode. Esse homem também estava indo para Chelmsford. Eles tomaram alguns drinques, falaram sobre dinheiro e carros, então entraram no trem e pediram mais bebidas.

— Eu lembro que entrei no trem — Bird falou. — Mas depois disso... — ele agitou a cabeça. — Tudo virou um borrão. Eu devo ter desmaiado.

— Tava bebaço? — perguntou Fred.

— *Nem tanto.*

Fred olhou para mim.

— *Roofies*, provavelmente. Ou *Special K*. Algo assim.

Eu acenei positivamente. *Roofies* é como se chama nas ruas o Rohypnol, o flunitrazepam, uma droga que apaga a pessoa e a faz se esquecer de tudo. Derrube alguns *roofies* na bebida de alguém e ela não vai nem saber *o que* está acontecendo. *Special K* é cloridrato de cetamina, um tranquilizante veterinário.

Bird olhou para mim.

— Eu não conheço você de algum lugar?

Sim, pensei. Você provavelmente passou por mim na Liverpool Street uma centena de vezes. Você provavelmente me olhou feio uma centena de vezes, ou me ignorou, ou arremessou o seu maço de cigarros vazio no estojo do meu violão.

— Acho que não — respondi.

Bird afrouxou o nó da gravata e olhou em volta.

— Mas que diabo de lugar é este? O que está acontecendo? Eu tenho uma reunião às três.

Deixei que os outros lhe dessem as boas-novas e voltei ao meu quarto para dar uma deitada. Eu não estava mal, mas também não estava tão disposto assim. Com certeza, não estava com disposição para explicar a um executivo gordo que ele estava preso num tipo de porão subterrâneo por um homem desconhecido com intenções desconhecidas, que não havia jeito de sair, nada para fazer, nenhuma privacidade, nenhuma vida, nenhuma esperança, nenhuma *COISA ALGUMA*. Que nós todos podemos ficar aqui por anos...

Nós podemos ficar aqui por anos.

Não, eu não estou com disposição pra isso.

Eu vou dormir.

Fui acordado pelo som de gritos e metal batendo. Então as luzes se apagaram e um apito muito alto gritou na minha cabeça. O som mais alto e angustiante que eu já ouvi na vida. Deve ter durado só uns 30 segundos, mas pareceu eterno. Achei que meu crânio fosse rachar.

Minhas mãos ainda estavam tampando meus ouvidos quando as luzes voltaram e Jenny veio correndo me dizer o que tinha acontecido. Parece que Fred atacou uma das câmeras com uma panela. Para se proteger do spray, ele cobriu a cabeça com um lençol e enrolou pedaços de camiseta rasgada nas mãos.

— O que aconteceu com ele? — perguntei a Jenny. Meus ouvidos ainda estavam zumbindo e minha voz soou abafada.

Jenny agitou sua mão.

— Ele conseguiu dar alguns bons golpes, aí veio o spray e encharcou o lençol e ele começou a gritar.

— Algum estrago?

— Quê?

— Algum *estrago*?

— Não na câmera.

— E quanto ao Fred?

— Os olhos e o rosto dele ficaram queimados e ele machucou o braço quando caiu da cadeira. Os ouvidos dele também estão sangrando.

— Do apito?

Ela cutucou seu ouvido com um dedo.

— O quê?

— O *apito*.

— Ele machucou meus ouvidos.

— Eu sei.

Não havia muito mais a dizer. Jenny me olhou. Eu encolhi meus ombros. Ela deu outra cutucada nos ouvidos, depois recuou.

— Por que ele está fazendo isso com a gente, Linus? — ela perguntou, enxugando uma lágrima. — Por que ele é tão mau?

— Não sei. Algumas pessoas simplesmente são assim, eu acho. Elas gostam de ser más.

— Por quê?

— Eu não sei.

Alguns meses antes, tomei uma surra de um bando de corretores da bolsa de valores. Pelo menos eu acho que eles eram corretores da bolsa. Corretores, investidores, gente do mercado financeiro, algo assim. Eles eram seis ou sete. Caras jovens, de ternos finos e cortes de cabelo caros. Era uma sexta-feira, perto das oito da noite. Frio e garoa. Úmido. Eu estava tocando na Princes Street. Por lá tem uma porrada de bares de vinho e eles estão sempre bem cheios na noite de sexta. Você sabe, fim do dia, fim da semana, começo do “finde”, as pessoas saem para se divertir, esse tipo de coisa. Enfim, achei que eu pudesse ter alguma sorte, tocar alguns corações, tirar alguma grana. Então descolei um bom ponto coberto na entrada de um prédio comercial, tirei meu violão, coloquei o estojo aberto no chão e comecei a tocar. E eu estava indo bem. Uma boa pilha de 50 centavos, moedas de uma libra, umas poucas de duas libras. Teve alguém que até me deu uma nota amarrotada de cinco.

Aí eles apareceram — os corretores da bolsa, os homens em ternos bacanas. Estavam todos arrumados, bêbados e buscando diversão. Falando alto, rostos vermelhos, rindo e se empurrando. Quando passaram por mim, um deles tropeçou no meio-fio, desequilibrou-se na entrada do prédio, caiu em cima do estojo do meu violão, virando-o no chão. As moedas voaram e rolaram por todos os lados — pela calçada, debaixo dos pés das pessoas, na sarjeta cheia de água da chuva. Parei de tocar e olhei para o idiota bêbado se arrastando de joelhos na minha frente. Ele tinha cabelo coberto de gel e costeletas certinhas, e estava rindo feito um imbecil, pegando as moedas e as jogando nos colegas dele.

— Seu merda — falei para ele.

Ele parou de rir na hora e me encarou.

— Seu o quê?

— Esse dinheiro que você está jogando aí é meu.

— Ah, é?

— É.

Ele pegou uma moeda de uma libra.

— Você chama isto de dinheiro?

Eu estava começando a querer ter ficado de boca calada. Os amigos dele se aproximaram e formaram um semicírculo atrás dele, o incentivando, querendo confusão. Ele estava bêbado, não podia voltar atrás.

A situação não era das melhores.

— Olha — falei calmamente —, vamos esquecer, tá? Não tem importância.

Ele chegou mais perto, segurando a moeda de uma libra.

— Você chama isto de *dinheiro*?

Suspirei.

— Eu não quero confusão.

— Você quer isto? — ele disse, segurando a moeda.

Não falei nada.

— Você quer isto? Aqui... — ele atirou a moeda numa poça. — É sua. Agora pega.

Olhei para ele.

Ele sorriu.

— Você ouviu o que eu falei?

Espiei os outros atrás dele. Estavam quietos, tensos, esperando aquilo começar.

— Ei — disse o bêbado.

Olhei para ele outra vez.

Ele chegou mais perto com um sorriso na cara.

— Eu mandei você pegar, idiota.

Palavras não iam adiantar. A linha tinha sido cruzada. Só havia uma coisa a fazer. E eu a fiz. Desprendi a correia do meu violão e me aproximei da poça, apoiando o violão no pescoço. Ouvi um risinho de escárnio, um urro de arrogância, então girei meu corpo e acertei o violão na cabeça do bêbado. Fez um som legal — um grande e ecoante *boing* —, mas nem acho que o machucou tanto assim. Se não estivesse tão bêbado, provavelmente ele nem teria caído. Mas ele estava bêbado e caiu, e aquilo foi demais para os amigos dele. Eles se juntaram e me encheram de porrada.

*

Agora é de noite. Não consegui voltar a dormir depois do lance do apito, então passei um tempo só andando pra lá e pra cá, pensando e observando, observando e pensando. Tem de haver um jeito de sair daqui, mas eu ainda não consigo ver qual.

Enquanto eu estava andando, Anja e Bird estavam conversando à mesa de jantar. Ouvi Bird contar a Anja que a polícia estava à procura dela. Eles tinham encontrado o seu carro, procurado no apartamento onde ela tinha sido sequestrada, checado as chamadas telefônicas onde ela trabalhava etc.

— E? — Anja perguntou.

— A última coisa que soube era que isso parecia não estar levando a lugar algum.

Anja balançou a cabeça negativamente.

— Patetas incompetentes.

Eu continuei vagando mais um pouco e então voltei para o meu quarto.

E aqui estou.

Ando pensando no meu pai, tentando imaginá-lo numa dessas entrevistas coletivas que fazem quando uma criança ou um adolescente desaparece. A sala cheia de jornalistas e repórteres da TV, câmeras, microfones, o(s) pai(s) escoltado(s) por policiais de caras sisudas. O(s) pai(s) parecendo duro(s), tentando não chorar, tentando manter a calma. Os lábios da mãe ou do pai tremendo enquanto ela ou ele fazem a leitura de uma declaração pedindo informação...

Mas de repente me dei conta — meu pai não sabe que eu estou desaparecido. É *claro* que ele não sabe. Já estou fora faz cinco meses. As únicas pessoas capazes de sentir minha falta são Zoreba, Bob, Windsor Jack e outros poucos vadios, e dificilmente eles vão perder o sono por isso. Nas ruas, as pessoas vêm e vão o tempo todo. Nada dura muito, ninguém fica por lá por tanto tempo. Talvez eles tenham se perguntando onde eu estava por um dia ou dois, mas depois devem ter apenas passado a mão nas minhas coisas — cobertores, estojo do violão — e me esquecido completamente.

Meu pai pensa que estou seguro. Mandeí uma carta para ele alguns dias depois de partir. “Está tudo bem”, escrevi. “Tenho dinheiro. Estou na casa de uns amigos. Por favor, não chame a polícia. Voltarei quando eu estiver pronto. Com amor, Linus.”

Às vezes me pergunto o que meu pai pensou quando leu isso. Fico imaginando a cara dele abrindo o envelope. A boca se contraindo sob o bigode grisalho, os olhos semicerrados enquanto ele desdobra o papel e lê a carta. Eu me pergunto se ele pensou: “É... Talvez isso lhe sirva pra alguma coisa. Vai fazê-lo dar valor ao que tem”. Ou talvez tenha pensado: “Que merda! O que ele tem na cabeça? Moleque idiota”. Ou talvez ele tenha só pensado...

Não sei.

Meu cérebro está explodindo neste momento.

Eu não sei mais o que pensar sobre coisa alguma.

Percebi que ainda não me expliquei totalmente. Não contei o que talvez você queira (ou não) saber — meu passado, minha história, os detalhes da minha vida. Mas você precisa ver as coisas sob meu ponto de vista. Você precisa entender o que você é para mim.

Para mim, neste momento, você é só um pedaço de papel. Na melhor das hipóteses, um espelho. Na pior, um meio para atingir uma finalidade. A verdade é que a única coisa que estou fazendo é falar comigo mesmo. Estou falando com Linus Weems. E eu sei tudo o que é preciso saber sobre ele. Eu sei o que ele fez, o que ele pensa e os seus segredos. Por isso eu não *preciso* explicar coisa alguma. Eu não *preciso* contar a história dele.

Eu não *quero* contar.

Estou cheio disso.

23h45

Acabei de voltar do banheiro. Em termos de barriga e de cu, parece que tudo está normal de novo.

No caminho para meu quarto, vi Anja e Bird outra vez. Eles ainda estavam à mesa de jantar, ainda conversando. Devem ter ficado ali a noite inteira. Anja tinha lavado o cabelo e Bird havia tirado o paletó e a gravata. As mangas da camisa dele haviam sido cuidadosamente dobradas e ele estava fazendo aqueles gestos insuportáveis com as mãos que pessoas de negócios fazem o tempo todo — apontando, cortando o ar ou fazendo perguntas com as palmas viradas para a frente. *Né, né, né?* Anja estava inclinada para a frente com as pernas cruzadas, acenando com sinceridade a todas as perguntas nos momentos certos, mexendo no cabelo.

Eles não me notaram.

Uma última coisa antes de eu ir embora por hoje. Bird disse que o homem o pegou quando ele estava voltando do trabalho ontem à noite. Mas, pelo que sei, ontem foi domingo.

O que isso quer dizer?

- 1) Bird trabalha aos domingos? Improvável.
- 2) Bird está mentindo? É possível.
- 3) Eu me confundi com os dias da semana? Mais que provável.

É tudo.

Terça-feira (?), 7 de fevereiro

Tivemos uma reunião.

Anja e Bird a anunciaram. Dez horas. Na mesa de jantar.

Foi assim que ela começou:

BIRD (abrindo o caderno dele): Todo mundo pronto? Fred?

FRED (olhando para o teto, puxando a pele queimada do lábio): Oi, quê?

BIRD: Você está pronto?

FRED: Pronto pra quê?

BIRD: Precisamos conversar. Todos nós.

FRED (dando um sorriso forçado): Certo, vai nessa.

BIRD (olhando à sua volta na mesa): Está certo, vamos começar descobrindo quem somos nós. Vou fazer a bola rolar. Meu nome é Will Bird. Tenho 38 anos. Nasci em Southend e me mudei pra Chelmsford dez anos atrás. Moro numa casa com minha companheira, Lucy, que é gerente de *call center*. Trabalho como consultor em gestão faz oito anos, sobretudo pro setor bancário. Antes, trabalhei em treinamento de atendimento ao cliente. No meu tempo livre, gosto de jogar *paintball* e mexer com carros de controle remoto. Linus?

EU: Quê?

BIRD: Fale sobre você pra nós.

EU: Por quê?

BIRD: Comunicação, confiança...

EU: Confiança?

ANJA (para mim): Ouça o que ele está dizendo. Ele está tentando ajudar.

BIRD (sorrindo para ela): Obrigado. (Virando para mim com um sorriso falso) Ei, vamos lá! Precisamos trabalhar juntos, Linus. Temos de somar nossas forças.

EU: *Ei*, eu sei.

BIRD: Precisamos de entusiasmo, determinação, solidariedade...

EU: O que a gente precisa é de um jeito de sair daqui.

FRED: Com certeza, porra!

ANJA: *Deus!*

FRED (olhando para ela): O que é que você tem?

ANJA: Nada.

FRED: Ah, é, nada. Sei bem. Você e o seu nada. Desde que você chegou, fica aí sentada o dia inteiro em cima desse seu rabinho fazendo porra nenhuma, aí chega esse viado gordo e, de repente, você está pronta pro que der e vier.

BIRD: Só um minuto...

FRED (olhando-o de um jeito ameaçador): Que é?

ANJA (desdenhosamente): É isso aí... Por que você não bate nele com uma panela?

FRED: Pelo menos estou tentando.

ANJA: Eu que o diga.

FRED: Vai se foder.

BIRD (batendo na mesa): Agora *chega*!

FRED: Vai se foder você também, saco de banha.

Aí Jenny começou a chorar.

Fizemos um intervalo.

Anja e Bird saíram até o corredor e o restante de nós ficou na cozinha. Enquanto Jenny lavava o rosto e secava as lágrimas, fiz um pouco de chá e conversei com Fred em voz baixa.

— Você está assustando a Jenny — falei para ele. — Fale um pouco mais baixo. E pega leve com os palavrões. Ela é criança.

— As crianças estão pouco se fodendo pros palavrões.

— Algumas não.

— Olha só...

— Você está deixando ela assustada.

— A culpa não é minha. São eles dois, Bird e Anja, eles estão me torrando o saco. Toda essa merda de *reuniões* e o cacete...

— É, eu sei. Também não gosto dessa coisa. Mas perder a cabeça com isso também não ajuda, né?

Ele me encarou com um olhar gelado e violento.

— Você tem ideia do que eu poderia fazer com eles? — ele perguntou.

— Todo tipo de coisa, imagino.

— Você não acreditaria.

Um silêncio profundo ficou no ar por um momento. Sujo e pesado. Não consegui quebrar o gelo. Todas as palavras que eu pensava usar ficavam engasgadas na minha garganta. Foi o único jeito que eu consegui continuar olhando para Fred. Aquele gigante impregnou o ambiente com uma ameaça velada.

Então, do nada, seus olhos piscaram, sua boca se abriu num largo sorriso e ele se inclinou pela mesa, me dando um soco no ombro.

— Você sabe qual é o nosso problema? — ele perguntou.

— Qual?

— Você e eu... Nós dois já saímos fodidos desde o início.

Minha casa é bem grande e fica no interior. Ela tem seis quartos, três banheiros, três salões, uma adega de vinhos, uma biblioteca, um haras, um campo de croqué e uma piscina. Meu pai tem três carros. Temos outra casa na Califórnia e uma quinta no Algarve, em Portugal. E desde os 12 anos recebi a melhor educação que o dinheiro pode pagar.

É, Fred. Você tem razão: fodido desde o início.

Depois de meia hora, tentamos recomeçar a reunião. Dessa vez, nos restringimos apenas ao essencial.

Quem, ou o que, é o nosso sequestrador?

Um psicopata.

Um tarado.

Um colecionador de pessoas.

O que ele quer?

Nos vigiar.

Nos matar.

Nos manter como animais de estimação.

Onde estamos?

No subsolo.

Num porão.

Em algum lugar perto de Londres?

Em algum lugar em Essex?

O que vamos fazer?

Sobreviver.

Escapar.

Como vamos sobreviver?

Comendo.

Bebendo.

Nos mantendo limpos.

Ficando calmos.

Nos organizando.

Como vamos nos organizar?

*

O modo como vamos nos organizar, aparentemente, é elaborando um sistema rotativo de tarefas que acabou de ser estabelecido. Portanto, de agora em diante:

Um de nós se encarrega da lista de compras, registrando os pedidos ao longo do dia, pensando em coisas de que precisamos, depois escrevendo a lista e garantindo que ela esteja no elevador antes das nove da noite.

Um de nós faz a faxina e limpeza geral. Todo lixo deve ser jogado num saco de lixo e depois colocado no elevador. (Colocar sacos de lixo na lista de compras.)

Um de nós espera pelo elevador toda manhã, pegando as compras e as guardando.

Um de nós cozinha. Duas vezes por dia. Nove e meia e seis e meia. Se alguém quiser qualquer outra coisa para comer em outro horário, deve preparar sozinho.

Nós vamos fazer um sistema rotativo, nos revezando nas diferentes tarefas a cada dia.

Outra questão que tentamos discutir na reunião foi Como Nós Vamos Sair Daqui? Nesse momento a reunião ficou bem quieta e, um por um, todos olhamos para a grelha no teto. Ela nos olhou de volta, zombando do nosso silêncio com seu olho branco e frio. Vendo tudo, ouvindo tudo.

Fred quebrou o silêncio.

— Como vamos sair daqui se ele está nos vigiando o tempo todo? A gente não pode nem *falar* sobre escapar.

— Vocês têm certeza de que são mesmo câmeras? — Bird perguntou.

Eu confirmei com a cabeça.

— E microfones.

— E vocês não conseguem cobri-los?

— O que você acha que é isto? — Fred perguntou, apontando para a queimadura no rosto dele. — Marca de sol?

— Hmmm — murmurou Bird, rabiscando algo no caderno.

— Passa isso pra mim — eu disse para ele.

— O quê?

— Seu caderno.

— Eu só estou tomando notas da reunião...

— Dá aqui só um segundo.

Com relutância, ele me passou.

— Caneta?

Ele me passou uma caneta.

Protegi a página com minha mão e escrevi: “Cada um de nós tem um caderno. Mantenham os seus protegidos das câmeras, escrevam todas as suas ideias de fuga e as levem para a mesa toda noite, às dez. Podemos discuti-las”.

Depois passei o caderno para circular. Quando todos tinham lido, perguntei:

— Combinado?

Estava combinado.

Perguntei a Bird.

— Você registra por escrito a reunião toda?

— Claro.

Acenei.

— Certo. Bom, tem mais uma pessoa pra vir. Vai ser mais fácil se você mostrar pra ele ou ela as suas notas em vez de ter de passar por isso tudo de novo.

— O que você quer dizer com “mais uma pessoa pra vir”? — perguntou Anja.

— É óbvio, né? Temos seis quartos aqui. Seis pratos, seis copos. Há seis de cada coisa. Mas só cinco de nós. Ainda deve ter mais um pra chegar.

Quarta-feira, 8 de fevereiro

Um dia longo.

Nada aconteceu.

Nós comemos, bebemos, ficamos calmos, nos organizamos. Todos estamos com uma cara horrível. Pálidos, esgotados, preocupados. Anja está desenvolvendo um olhar desequilibrado. Quando ela não está no quarto, fica perambulando, parecendo concentrada o tempo todo, mas os olhos dela estão permanentemente fora de foco, como um urso enjaulado no zoológico. Bird não consegue tirar os olhos dela. Ele vive coçando o saco e passando a mão na cara. Apesar de ter chegado aqui há pouco tempo, ele já tem uma grossa barba por fazer crescendo no queixo. Em todo o rosto, para ser exato. É um homem peludo o senhor Bird. A barba de Fred é maior, mas também mais irregular, um pouco como a barba do Salsicha. Você sabe, o Salsicha do *Scooby-Doo*. Não que Fred tenha alguma semelhança com o Salsicha. Ele parece mais o Brutus, do *Popeye*. Imagine o Brutus com a barba do Salsicha, os olhos de viciado e tatuagens por todo o corpo — assim é o Fred.

Eu não sei como estou parecendo. Na verdade, eu nem ligo. Aqui embaixo você não ganha pontos extras pela boa aparência. Se bem que estou me *sentindo* bem imundo e isso não é legal. Não importa quantas vezes eu me lave, minha pele continua parecendo suja e pegajosa, como se a sujeira estivesse debaixo dela. Minha cabeça também está coçando.

Tudo aqui cheira mal.

*

Ainda não tive chance de conversar com Bird a respeito do dia em que ele foi sequestrado. Na verdade, isso é mentira. Já tive várias chances, só não tive vontade. Como você provavelmente já percebeu, eu não gosto dele. Ele me dá arrepios. E, de qualquer forma, não importa muito o dia em que isso aconteceu. Se ele estiver mentindo, ele está mentindo. Não dá para eu fazer nada a respeito. E se ele não estiver mentindo e eu tiver perdido um dia... E daí? Quem liga para que dia é hoje?

18h30

Hora do chá.

Oba.

22h30

Acabamos de fazer nossa primeira reunião noturna. Como a sugestão foi minha, eu tive o prazer de recolher os cadernos de todos e ler as ideias de fuga deles. Jenny estava dormindo, então éramos só nós quatro. Quatro pessoas. Quatro páginas.

Tirando o cabeçalho bonitinho — FUGA —, a página de Anja estava em branco.

Bird escreveu: “Cavar??? Fazer comunicação”.

Fred sugeriu: “Fogo, mensagem pela privada”.

E eu escrevi: “Distração. Distraí-lo, esconder alguém no elevador. Como? Quem?”.

— Cavar? — falei para Bird. — Estamos numa droga de porão. No subsolo. Vamos cavar pra onde?

— *Shhh!* — ele chiou, apontando o teto.

— Cavar — resmunguei, fazendo um gesto negativo com a cabeça.

— Foi só algo que passou pela minha cabeça — Bird disse, na defensiva. — Foi só, você sabe, um *brainstorming*, uma troca de ideias.

— Você chama isso de ideia?

Fred riu.

Bird ficou vermelho.

— Tá bom, talvez não tenha sido uma boa ideia. Mas que tal a outra? Fazer comunicação. Por que não tentamos falar com ele?

— Você acha que ele vai ouvir? — perguntei.

— Só vamos saber se tentarmos.

— Eu já tentei. Não foi pra frente.

— Talvez você não tenha feito da maneira correta. Comuni-cação é algo delicado. Não se trata só de mandar uma mensagem, você precisa pensar em *como* essa mensagem é mandada.

— Ah, tá — eu comentei, fingindo pensar a respeito.

— O conteúdo necessita de contexto — ele acrescentou.

— É claro que ele necessita.

Ele franziu os olhos para mim.

— Você está tirando com a minha cara?

— Não, eu estava só pensando. Talvez a gente devesse pedir a ele um laptop e mandar um e-mail pra ele depois. Ou, ainda melhor, um SMS. Peça a ele um celular, pegue o número dele e depois mande uma mensagem. Você acha que pode funcionar?

Bird me encarou irritado.

— Qual é o seu problema? Você não consegue levar *nada* a sério?

— Você que começou.

Ele soltou um suspiro e balançou a cabeça negativamente, estalando a língua, como se eu fosse uma criança idiota. Mas eu não o culpo. Dizer aquilo foi infantil da minha parte. Mas não sou um adulto, tá lembrado? Posso falar e agir de maneira imatura. É meu trabalho. E, de qualquer forma, ele que *começou*.

Ele ficou amuado.

Passei os olhos pelos outros cadernos e peguei o de Fred. Eu não sabia o que ele quis dizer com *fogo*, mas a outra ideia soava promissora. Escrevi: “Fogo é muito perigoso, mas trabalhe na ideia da mensagem pela privada”. Então passei o caderno para circular. Anja o leu, deu de ombros e o passou para Bird. Senhor Amuado. Achei que ele nem fosse se dar ao trabalho de

ler, mas, para seu mérito, ele pegou o caderno e ficou estudando a mensagem, depois escreveu algo embaixo e passou de volta para mim.

Olhei para ele por um instante, sentindo um pouquinho de culpa, depois olhei para a página. Ele tinha escrito: “Precisamos de um recipiente à prova de água, algo que flutue, uma pequena garrafa de plástico?”.

— Isso! — eu falei — Boa ideia. Vamos pensar nisso.

Finalmente passei minha ideia para circular, aquela sobre se esconder no elevador.

Eu disse:

— Eu não pensei ainda em todos os detalhes, mas estou trabalhando nisso.

Recebi dois ombros encolhidos e uma sobrancelha erguida do Fred.

E isso foi tudo.

Eu deveria estar ficando mais otimista, acho. Pelo menos estamos conversando, pensando, fazendo *alguma coisa*. Estamos começando a trabalhar juntos, e isso é bom. Porque, no fundo, tudo se reduz a isto: somos nós contra ele. O Homem Lá Em Cima. Senhor Louco. O Homem Sem Nome. Chame-o como quiser. Seja lá quem Ele for, é Ele quem dá as cartas. Nós estamos onde ele quer. Tudo o que podemos fazer é tentar dar o máximo com o pouco que temos.

E o que *temos*?

Bom, imagino que temos a vantagem numérica. Somos cinco e Ele é um. Cinco cérebros contra um. E, se eu estiver certo, logo serão seis. Seis contra um. Melhor ainda. Seis cérebros contra um. Não é muito, eu sei. Quer dizer, esses miolos já estão meio moles e vão amolecer ainda mais se ficarmos aqui por muito tempo. Mas é bem melhor ter cinco ou seis cérebros de miolo mole trabalhando juntos do que ter cada um deles trabalhando por conta própria. Você entende o que estou dizendo? É tipo a coisa das formigas. Você sabe, como a diferença entre uma formiga e uma colônia de formigas. Uma formiga sozinha não consegue fazer muito, mas, quando ela se junta com todas as colegas formigas, pode fazer quase tudo. Ela pode construir cidades, capturar escravos e criar jardins subterrâneos. Ela pode sair quebrando tudo pela selva, comendo o que tiver pela frente. É isso que a gente tem de fazer, só que numa escala um pouco menor.

Esta noite foi um começo. Não foi o melhor dos começos, mas pelo menos foi um começo. Estamos chegando lá. Estamos melhorando nossas chances de fugir daqui. Não muito, admito. Quer dizer, não estamos prontos para sair por aí quebrando nada ainda. Mas “não muito” é bem melhor do que “nada”.

Então, sim, eu deveria estar me sentindo mais esperançoso. Eu deveria estar me sentindo mais otimista, mais positivo.

É como eu deveria estar me sentindo.

O problema é que, bem lá no fundo, eu não consigo deixar de sentir que tudo isso é uma baita perda de tempo.

Quinta-feira, 9 de fevereiro

Eu estava certo. O número seis chegou hoje cedo.

Era minha vez de checar o elevador. Eu estava parado no corredor com um saco de lixo na mão, refletindo sobre minha ideia de escapar pelo elevador, quando ele chegou, a porta se abriu e lá estava ele.

Seu nome é Russell Lansing.

Eu o conheço. Pelo menos, sei quem ele é. Já vi a foto dele nos jornais e no verso do livro dele, *Tempo e matéria: filosofia da natureza no século 21*.

Ele estava na cadeira de rodas, amarrado e amordaçado, mas acordado. Seus olhos estavam abertos. Assustados, vermelhos, lacrimejantes, mas abertos. Eu empurrei a cadeira para fora e gentilmente tirei a fita que cobria a boca dele.

— Obrigado — ele arquejou. — Onde estou?

Comecei a desamarrá-lo. Enquanto desatava os nós, expliquei a ele o máximo que pude — os cinco de nós, o elevador, a comida, as câmeras e os microfones. Aquilo soou bem esquisito. É bizarro como você acaba se acostumando a uma coisa e só percebe como ela é estranha depois que começa a falar dela. Eu sei que tenho falado com você nas últimas semanas, mas é diferente. Aqui é uma conversa silenciosa. Lá foi uma conversa *real*.

Russell me escutou pacientemente enquanto eu contava tudo a ele, e não disse nada até que eu tivesse terminado.

Então a única coisa que ele falou foi:

— Entendi.

Bem calmo.

— Você está bem? — perguntei a ele.

Ele acenou positivamente, esfregando os pulsos e dando uma olhada em volta.

— Dopado, eu creio. Sem ferimentos físicos — ele olhou para mim. — Há quanto tempo você está aqui?

— Quase duas semanas.

— Duas *semanas*?

— Parece bem mais.

— Aposto que sim — ele esfregou os olhos. — Há por aqui um banheiro que eu possa usar? Acho que estou sentado nessa cadeira faz umas quatro horas.

— Claro. Você consegue andar?

— Acho que consigo.

Ele tentou sair da cadeira, mas, enquanto levantava, estremeceu bruscamente e fechou os olhos; então se sentou novamente e respirou fundo algumas vezes.

— Talvez não.

— Sem problema.

Eu o empurrei pelo corredor até o banheiro. No caminho, os olhos dele não paravam de se mover, estudando as paredes, o teto, as portas, o chão. Tudo.

— O que há atrás dessas portas?

— Os quartos.

— É onde estão os outros?

— Eles devem estar dormindo — disse a ele. — A gente costuma ficar bastante na cama. Daqui a pouco eles levantam para o café da manhã.

— Café da manhã?

— A gente é bem civilizado.

Ele sorriu.

Eu perguntei:

— Você é Russell Lansing, né?

— Sou eu mesmo.

— Eu sou Linus Weems.

— Weems?

Eu fiz que sim.

— Eu li o seu livro.

— Ah, é?

— Gostei dele de verdade.

— Obrigado.

Eu não sabia mais o que dizer. Para ser sincero, fiquei um pouco constrangido, me sentindo meio tonto, como um garotinho conversando com seu *pop star* favorito. Ainda bem que os outros não estavam por perto. Apesar do constrangimento, foi um momento legal e eu não queria dividir com ninguém. Fui eu que o encontrei. Eu que sabia quem ele era. Eu que li o livro dele. Ele era *meu*.

— Chegamos — anunciei. — Este é o banheiro. Você consegue seguir daqui sozinho?

— Acho que sim.

Eu o ajudei a sair da cadeira.

— Tem um lençol atrás da porta — eu o avisei. — Para você se esconder da câmera.

— Tem uma câmera no *banheiro*?

Acenei positivamente.

— Se você passar o lençol pela cabeça, ele não consegue te ver.

— Certo. Bem, obrigado.

Eu o vi entrar devagar no banheiro e fechar a porta. Ele é velho, quase 70 anos, acho. Sua pele negra é opaca e acinzentada, e o cabelo é todo quebradiço e branco. Eu me lembro de ter lido em algum lugar que ele faz muitas obras para instituições de caridade voltadas para Aids, que ele próprio tem a doença, que ele está morrendo.

Acredito que seja verdade.

Durante o café da manhã ele nos contou o que tinha acontecido.

— A culpa foi minha — ele falou. — Conheci um cara no bar. Deixei ele me pagar alguns drinques e depois, estupidamente, concordei em acompanhá-lo até a casa dele. Eu estava já um tanto entorpecido.

Fred riu.

— Entorpecido?

Russell estendeu a mão com a palma para cima. Ele a levantou devagar, parou, então a virou e a deixou cair completamente sobre a mesa da cozinha.

Fred sorriu.

Eu não sei por que ele estava sorrindo, mas o acompanhei mesmo assim. Parecia a coisa certa a fazer. Eu me senti melhor. Então olhei para os outros ao redor da mesa e meu sorriso desapareceu. Anja e Bird estavam olhando de um jeito estranho para Russell desde que o apresentei. Eu não sabia por que nem me interessava saber. Mas o jeito como eles estavam se olhando, sacudindo a cabeça negativamente e trocando olhares de reprovação, me perturbou por algum motivo.

— Tem alguma coisa pra dizer? — perguntei a Bird.

Ele olhou para mim, fungou, então se virou para Russell.

— Esse homem que você conheceu num bar — ele disse friamente. — Você deu uma boa olhada nele?

— Boa o suficiente.

— Como ele era?

Russell parou para pensar. Depois de um tempo ele disse:

— Charmoso... manipulador... persuasivo... inteligente... afetosamente insosso. Em retrospecto, um clássico psicopata.

— Descrição?

— De meia-idade, cabelo escuro, cerca de 1,80 metro de altura. Encorpado, mas não exageradamente musculoso. Mãos fortes. De barba feita. Óculos ligeiramente escurecidos. Terno grafite, camisa branca, gravata vinho. Mocassins pretos, meias vinho.

Bird olhou descrente.

— Você se lembra de tudo isso?

— Eu sou físico. Sou treinado para observar.

— Ah, certo — Bird falou em tom de zombaria — Era isso o que você estava fazendo, não era? Andando pelos bares *observando* outros homens.

Russell olhou para ele.

— Eu sou gay, senhor Bird. Algum problema?

— Não... Não, claro que não. Eu estava só dizendo...

Fred soltou uma gargalhada.

— Meu Deus! Você é negro e boiola?

Não foi a maneira mais sutil de colocar a questão. Eu estava esperando que Russell perdesse as estribeiras e se enfurecesse, mas ele não pareceu ligar nem um pouco. Ele só olhou para Fred e sorriu. Fred sorriu de volta para ele. Então, sem dizer uma palavra, Russell pôs a mão no olho, abaixou a cabeça e ficou mexendo nele com os dedos. No momento seguinte ele se ergueu de novo e estendeu a mão. No lugar de seu olho havia agora só uma cavidade vazia e, na mão dele, uma bugiganga de vidro liso.

— Não apenas negro e boiola, meu amigo — ele falou para Fred —, mas também caolho.

À noite.

Mistura de sentimentos.

Eu gosto de Russell. Gosto do jeito calmo, do conhecimento e da tristeza dele. Gosto do seu humor. Gosto de como ele aceita as coisas. Isso nos dá equilíbrio. Isso *me* traz equilíbrio. Não sei por quê. Provavelmente tem algo a ver com a esperteza dele. Russell é um cara bem inteligente. Ele sabe das coisas. E eu gosto disso. Eu gosto porque eu também sou esperto, e nós sempre gostamos das coisas que parecem conosco. Eu não estou dizendo que sou um gênio nem nada. Quer dizer, não tenho tanto conhecimento quanto o Russell, óbvio. Na verdade, tem um monte de coisas sobre as quais eu não sei nada. Mas tenho um bom nível de instrução. Fui ensinado a pensar. Então, mesmo quando eu desconheço os fatos sobre alguma coisa, consigo normalmente encontrar uma forma de pensar sobre aquilo. E isso é o que significa ser esperto — saber como pensar. Fatos são coisas ótimas, mas não têm valor nenhum se você não souber o que fazer com eles.

Resumindo, sou esperto. É só isso que tenho a dizer. Tenho afinidade com Russell porque sou esperto. Não é nada de mais. Não estou me gabando nem nada. É só o que eu sou. Todos nós somos alguma coisa. Eu sou esperto. Fred é forte. Jenny é bondosa. Anja é bonita. Bird é... gordo. Todos temos nossas qualidades e nenhuma delas é melhor ou pior do que a outra. Elas são apenas diferentes.

No encontro desta noite, Russell não tinha muito a dizer. Nenhum de nós tinha. Não houve nenhuma nova ideia, nenhuma sugestão, nenhuma heureka. Bird parecia preocupado com algo e mal disse uma palavra. Anja teve uma dor de cabeça e se recolheu ao quarto. Até Fred parecia excepcionalmente quieto. A única que teve algo construtivo a dizer foi Jenny. Quando eu lhe mostrei as ideias de fuga de ontem à noite, ela rapidamente deu uma passada de olhos pelas páginas, movendo os lábios enquanto as lia, então cravou o dedo na minha ideia de distração e falou:

— Esta aqui. O resto é besteira.

Não consegui evitar um sorriso.

— E a do Fred?

— Qual é essa?

Eu lhe mostrei a ideia de mandar uma mensagem pela descarga da privada.

Ela a releu, olhou para Fred e deu uma risadinha.

— Que foi? — ele perguntou. — É uma *boa* ideia.

— Não vai dar certo... — ela começou a explicar.

— *Chiu* — fiz para ela. — Escreva aqui — passei a ela uma caneta e um pedaço de papel.

Ela se curvou na mesa, protegendo a página com o braço. Enquanto escrevia, a ponta da língua dela ficava para fora dos lábios: “O que a mensagem vai dizer? Nós não sabemos nada. Não sabemos onde estamos nem nada. Pra que escrever uma mensagem se agente não sabe o que escrever?”.

Mostrei aquilo para os outros.

Olhamos um para o outro.

— Merda — Fred falou. — Ela tem razão.

Jenny sorriu orgulhosa.

Depois da reunião, Russell disse que gostaria de ter uma palavrinha comigo. Fiz um café e levei ao quarto dele. Ele está no quarto seis. Enquanto eu encostava a porta, Bird passou pelo corredor em direção ao quarto onde ficava, o número quatro.

— Cuidado aí dentro — ele deu um sorrisinho malicioso.

Eu o ignorei e fechei a porta. Quando olhei em volta, Russell estava se abaixando cautelosamente na cama. Ele parecia estar com alguma dor.

— Está tudo bem?

— Não é nada — ele indicou a cadeira. — Por favor, sente-se.

Sentei.

Russell deu um gole no café e olhou fixamente para a grelha no teto.

— Maldita coisa — disse, por fim.

— O quê, a câmera?

— Tudo, tudo. Este lugar... Vocês todos... Essa pobre garotinha... — sua voz foi sumindo e ele agitou a cabeça. — Eu vi os pais dela na TV. Isto tudo é muito perturbador.

Não disse nada. Não senti necessidade de dizer coisa alguma. Fiquei ali apenas sentado. Fazia silêncio. As paredes zumbiam. O tempo passava. Depois de um tempo, Russell levantou os olhos e inclinou a cabeça.

— Este zumbido... Fica assim direto?

Acenei que sim.

Ele ficou ouvindo. Depois olhou para a grelha no teto e colocou a mão na parede.

— Pequeno gerador — ele falou, quase para si mesmo. — Quatro cilindros, motor a diesel — ele tirou a mão da parede e olhou para mim. — Esta é uma senhora operação.

— Você acha?

Ele deu uma olhada ao redor, assentindo com a cabeça.

— Bem impressionante. Deve ter consumido bastante tempo e dinheiro.

— O que você acha que é este lugar? — perguntei a ele. — Um porão? Você acha que a gente consegue sair daqui? O que você acha...?

— Eia! — ele disse gentilmente, levantando a mão e fazendo sinal para ir mais devagar.

— Desculpe. Você deve estar bem cansado.

Ele sorriu.

— Estou sempre cansado. Sou velho — ele deu mais um gole no café. — Amanhã vou dar uma boa olhada geral e vamos ver contra o que estamos lidando. Talvez você possa ser meu guia.

— Vai ser um prazer.

Caímos de novo no silêncio.

Depois de um tempo, o silêncio foi quebrado por um fraco som de choro vindo do quarto ao lado. Anja. Era um choro abafado, como se ela enterrasse a cabeça no travesseiro.

Russell pigarreou.

— A jovem moça...

— Anja.

— Anja, isso. Ela está envolvida com o senhor Bird?

— Envolvida?

— Eu os ouvi conversando mais cedo. Essas paredes são bem finas. Ele estava no quarto dela.

— Eles passam bastante tempo juntos.

Ele assentiu pensativo.

— Talvez mais do que Anja gostaria.

— O que você quer dizer?

Ele encolheu os ombros.

— Ela pediu que ele a deixasse sozinha. Parecia transtornada.

— Deve estar com os nervos à flor da pele — comentei. — Este lugar pode te deixar louco.

— Consigo imaginar.

Então uma coisa estranha aconteceu. O olho bom dele começou a pestanejar, devagar e sem parar, até que o rosto dele não se mexeu mais e o olho ficou sem foco, mirando o nada. Passado algum tempo, a cabeça dele começou a cair, como se ele estivesse adormecendo. Ela ficou lá pendurada, curvada sobre o peito dele. Eu mexi minha cadeira, arrastando-a no chão, e limpei a garganta algumas vezes, fazendo um barulho bem alto. Mas ele não parecia me ouvir. Comecei a me preocupar, achando que ele podia ter morrido ou algo assim. Eu já estava para me levantar e dar um cutucão no braço dele, quando sua cabeça estremeceu e ele se endireitou ligeiro, com o olho bem aberto.

— Ahn? — ele falou. — O quê...? Quê?

— Senhor Lansing?

Ele olhou para mim. Por um breve momento, seu rosto pareceu confuso, mas então, de repente, desanuviou e ele sorriu.

— Linus — ele falou. — Linus Weems.

— Isso mesmo.

— O filho de Charlie Weems.

Olhei fixamente para ele.

— Estou certo, né? — ele perguntou. — Você é filho de Charlie Weems?

— Como você sabe?

— Bem, Weems é um sobrenome bem pouco comum, né? E eu me lembro de ter lido um artigo sobre seu pai alguns anos atrás que mencionava um filho adolescente. Eu também me lembro de ter lido em algum lugar que seu pai é um grande fã das tirinhas do *Peanuts* e, se bem me recordo, o melhor amigo de Charlie Brown é um personagem chamado Linus van Pelt — ele sorriu para mim. — Eu não sou um grande admirador de *Os Gribbles*, mas sempre adorei caricaturas e tirinhas, e acho que os primeiros trabalhos do seu pai estão lá no topo, entre os melhores.

Algumas pessoas têm a habilidade de fazer você falar. Elas conseguem fazer você contar coisas que normalmente não seriam divididas com ninguém. Russell é desse tipo de pessoa. Não sei como ele faz isso. Não é nada em especial. A única coisa que ele faz é ficar ali sentado, fazendo perguntas esquisitas e ouvindo tudo pacientemente. Ele transmite uma serenidade que faz você se abrir.

Com certeza ele me fez falar.

Eu não queria começar contando a ele tudo sobre meu pai, mas assim que confirmei que ele estava certo, que eu *sou* filho de Charlie Weems, que os primeiros trabalhos do meu pai *são* realmente bons, que *Os Gribbles* são *realmente* um lixo e que meu pai *tinha* me dado esse nome por causa do personagem das tirinhas do *Peanuts*, eu simplesmente não consegui parar de falar.

— Eu nunca o perdoei por ter me chamado de Linus — confessei. — É um nome tão *idiota*.

— Poderia ter sido pior — Russell falou. — Ele poderia ter te colocado o nome de Snoopy.

— Bom, é, mas pelo menos todo mundo já ouviu falar no Snoopy. A maioria dos garotos que eu conheço não tem ideia de quem é Linus van Pelt. Eles simplesmente acham que eu tenho um nome bem idiota.

Russell sorriu solidário.

— Linus é aquele do cobertor, né? O menininho que acredita na Grande Abóbora?

— Isso.

Depois conversamos um pouco sobre as tirinhas do meu pai. Na verdade, elas não têm nada a ver com as do *Peanuts*. Elas são bem mais sombrias, bem mais perturbadoras, e não são nada apropriadas para crianças. Um monte de gente as compara com a coisa do *Far Side*, do Gary Larson, e acredito que elas sejam mesmo nessa linha. Um pouco surreal, um pouco bizarro. Mas, se você pedir a outros cartunistas para descreverem as coisas do meu pai, a maioria deles vai compará-las com o trabalho de um cara chamado Bernard Kliban, de quem bem pouca gente já ouviu falar...

Que era exatamente a situação em que meu pai se encontrava antes de *Os Gribbles* estourarem.

— É verdade que antes da série de TV ele nunca ganhou dinheiro com as tirinhas? — Russell perguntou.

— Ele ganhou um pouco — falei. — Mas não muito. A maior parte do dinheiro vinha das coisas que ele publicava nas revistas, o que não era tanto assim.

— Mas e os livros dele?

— Ninguém comprava.

— Então como vocês faziam?

— Minha mãe tinha um emprego. Ela era advogada. Foi assim, aliás, que ela conheceu meu pai. Ele era um dos clientes dela — olhei para Russell. — Meu pai foi preso com drogas e minha mãe o ajudou a sair da prisão.

Russell sorriu.

— E então eles se apaixonaram e se casaram?

— É, acho que sim. Apesar... Bem, eu era ainda muito pequeno quando minha mãe era viva, então é difícil me lembrar de tudo com detalhes, mas sei que eles costumavam brigar bastante, berrando um com o outro feito doidos. Minha mãe estava sempre reclamando com meu pai para ele arrumar um emprego de verdade. Ela ficava bem brava às vezes, dizendo que estava cheia de ter ele a sugando o tempo todo. Eu não sei se ela realmente pensava assim, mas com certeza ele *dependia* do dinheiro dela. Isso explica em parte por que tudo piorou tanto quando ela morreu...

Eu tinha 9 anos quando minha mãe morreu.

Ela ficou doente, começou a ficar de cama direto. O quarto dela fedia tanto.

Ela foi para o hospital e morreu.

Meu pai chorou um monte e ficou bêbado durante vários dias.

Não consigo nem pensar nisso.

Não consigo...

Não quero.

— No fim, meu pai precisou começar a vender as coisas... — contei a Russell. — O carro, as joias da minha mãe, qualquer coisa. Ele vendeu tudo. E ainda assim a gente estava sem dinheiro. A situação ficou tão ruim que ele começou até a procurar um emprego, um emprego de verdade, alguma coisa que o fizesse trazer algum dinheiro pra casa toda semana.

— Ele conseguiu achar?

Sorri.

— A única coisa que ele tinha feito na vida era desenhar tirinhas. Ele não sabia fazer nada além disso. Ele não é apresentável, não gosta de pessoas, é grosso, se droga, bebe demais...

— Não é o tipo de funcionário ideal então, né?

Eu ri.

— Não mesmo.

— O que aconteceu então?

O que aconteceu foram *Os Gribbles*, graças a Deus.

Os Gribbles.

Você provavelmente nunca ouviu falar deles. Quer dizer, eles são um sucesso na maior parte do mundo, especialmente no Extremo Oriente, mas por algum motivo nunca realmente

pegaram aqui no Reino Unido. O livro ilustrado original — chamado simplesmente *Os Gribbles* — foi publicado aqui, mas provavelmente vendeu só umas 20 cópias. Não que meu pai se importasse. Para começo de conversa, ele nunca quis fazer o livro. Ele nem gostava de *Os Gribbles*. Eles eram só algo que ele desenhava num dia, quando estava entediado, uns rabiscos esboçados num canto de uma página. Ele não queria que eles virassem nada. Mas a editora dele acabou reparando nos esboços quando meu pai estava mostrando a ela alguma outra coisa, e ela achou então que eles dariam bons personagens para um livro infantil.

— Eu não *faço* livros infantis — meu pai disse.

— Eu não posso pagar por suas outras coisas, Charlie — ela respondeu. — Desculpa, mas ninguém quer isso.

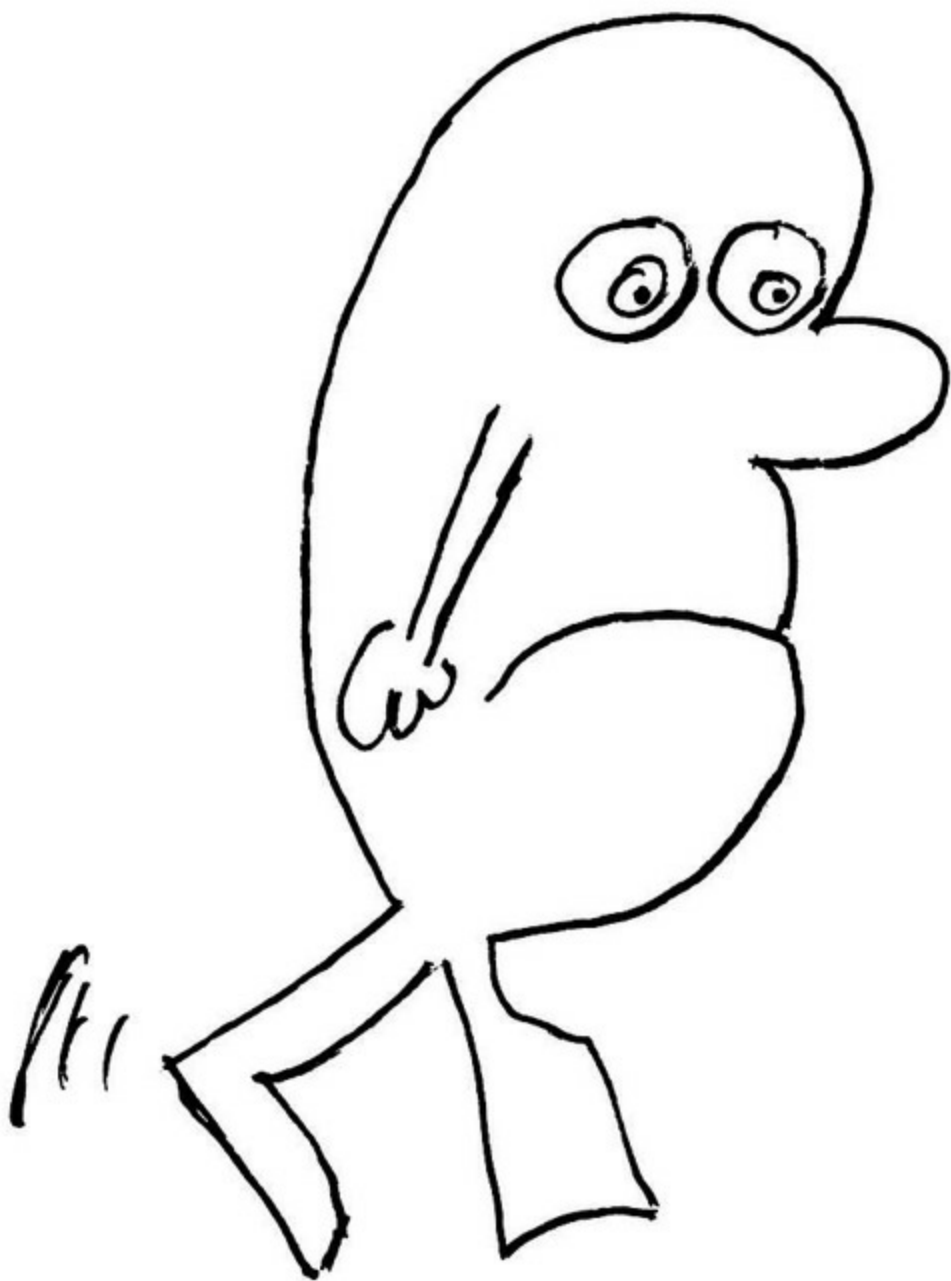
Meu pai soltou um suspiro.

— Então, quanto você pode me dar pelos *Gribbles*?

Não muito, foi a resposta. Mas aquilo era o suficiente para meu pai. Ele começou então a trabalhar nos *Gribbles*, aperfeiçoando os esboços até ter o personagem básico, que, na realidade, era uma imensa cabeça com bracinhos e perninhas (uma versão mutante e mais assustadora dos personagens da série inglesa *Mr. Men*). Aí ele desenhava meia dúzia de versões, dando a cada uma delas uma cor diferente, criou algumas aventurazinhas, e foi basicamente isso.

Os Gribbles.

Eles parecem um pouco assim:



A única coisa que consigo me lembrar do livro original é que a cor de cada personagem deveria representar a sua personalidade. O Gribble Azul era triste, o Gribble Vermelho era entusiasmado, o Gribble Preto era...

Eu não consigo lembrar como o Gribble Preto era. Malvado, provavelmente. Ou talvez deprimido?

Eu não lembro.

Enfim, o livro saiu, ninguém comprou e *Os Gribbles* foram totalmente esquecidos. E então, quando tudo parecia perdido, o agente do meu pai ligou para avisá-lo de que uma emissora de TV japonesa tinha comprado os direitos do livro e que estava produzindo uma série de desenhos baseada nos personagens.

E foi assim que meu pai ficou rico como jamais havia sonhado. A série de TV estourou no Japão e, cerca de um ano depois, tinha sido vendida para quase todos os países do mundo. O dinheiro começou a jorrar e continuou jorrando desde então. Meu pai ficou até com uma porcentagem de todo o *merchandising* — os bonecos de *Os Gribbles*, as lancheiras de *Os Gribbles*, os estojos de lápis de *Os Gribbles*. Ele fez uma fortuna com essas tranqueiras.

E, é claro, ele adorou aquilo de cara. Comprou todo tipo de coisa que você deve comprar quando é rico: o casarão do interior, a casa de praia em Santa Mônica, a quinta, os carros, o barco... Quantidades imensas de bebidas e drogas... Ele podia comprar tudo o que quisesse. E ele comprou. Mas, passado algum tempo (e depois de ter enchido o nariz com tanta cocaína até quase ficar permanentemente nas nuvens), ele começou a se dar conta (ou pelo menos a dizer para si mesmo) de que o dinheiro sozinho não era tudo e que o que ele realmente queria, acima de tudo, era respeito. Ele queria ser levado a sério. Ele queria ser reconhecido como um artista, alguém com algo a dizer. Ele não queria ser lembrado como o cara que criou *Os Gribbles*.

(Um entrevistador uma vez perguntou ao meu pai se ele tinha orgulho deles.

— Orgulho dos *Gribbles*? — ele bufou. — Eu não *suporto* esses merdinhas.)

E agora, quanto mais dinheiro *Os Gribbles* lhe trazem, mais amargo e chapado ele fica. Isso o corrói dia a dia. Ele está ficando louco. E é por isso que ele não para de viajar pelo mundo, tentando levantar e tocar seus “projetos” — animações, *graphic novels*, coisas experimentais em computação gráfica. O tipo de coisa que ele espera que lhe dê o respeito que ele acha que merece. E foi por isso que passei muitos anos em colégios internos, muitos anos de paredes frias e cinzas, professores pervertidos e garotos arrogantes de mentes violentas.

— Chegou ao ponto em que eu não aguentava mais — contei a Russell. — Aquilo estava me deixando maluco. Quer dizer, provavelmente não teria sido tão ruim se eu tivesse uma casa para onde voltar no fim do dia, mas eu não tinha. Eu tinha de *morar* ali. Eu precisava ficar lá o tempo *inteiro*. Dia após dia, noite após noite, tendo de aguentar a mesma porcaria de sempre... As piadas idiotas sobre o nome, os comentários cretinos...

— Que tipo de comentários? — Russell perguntou. — Se é que eu posso saber.

— Nada de mais. Só aquele tipo de merda de gente medíocre, sabe? Aquele tipo de coisa que você ouve quando não se enquadra... você é um tipo de aberração ou você deve ser gay ou algo... — olhei para Russell e fiquei repentinamente constrangido. — Desculpa — disparei. — Eu não queria dizer...

— Está tudo bem — ele falou, sorrindo. — Sei exatamente o que você quer dizer. A vida pode ser bem difícil quando você não se enquadra.

Acenei positivamente com a cabeça.

— Não era nem tão ruim assim. Sabe, eu nem apanhava ou coisa do tipo, e na maior parte do tempo eu realmente não estava nem aí pro que os outros garotos pensavam. Mas eu não suportava ter de ficar com eles o tempo todo. Vê-los comendo, vê-los se lavando. Ouvi-los arrotar e peidar. Sentir o cheiro deles. Era uma vida ridícula. Tudo ali era uma merda — suspirei. — Sabe o fedor horrível que você sente quando outra pessoa caga? Era isso, o tempo *tudo*.

— Então — Russell disse —, você fugiu?

— Bom, eu não *fugi* exatamente.

— Mas você deixou a escola. Deixou sua casa.

Fiz que sim de novo.

— Meu pai me levou de volta à escola depois das férias de verão. Ele me largou lá, eu dei tchau pra ele e então simplesmente andei até a cidade e peguei um trem pra Londres. Isso faz pouco mais de cinco meses. Tenho morado na rua desde então.

— E como tem sido?

Dei de ombros.

— É normal.

Ele sorriu.

— É menos fedido?

— Na verdade, não. Mas pelo menos você consegue escapar do cheiro.

— Onde você costuma dormir?

— Em qualquer lugar. Normalmente em torno da Liverpool Street.

— Albergues?

— Não, uma vez eu tentei dormir num. Era pior que a escola. É melhor ficar na rua. Há muitos lugares, se você souber onde procurar. Debaixo de marquises, casas abandonadas, túneis de ferrovias. Não é tão ruim quanto parece.

— Do que você vive?

— Tocando música nas estações, pedindo esmolas, ganhando doações. Um roubo aqui e ali.

— Deve ser difícil.

— Tão difícil quanto qualquer outra coisa.

— Você...? — ele hesitou. — Você toma algo para ajudar?

— Você quer dizer drogas?

Ele assentiu.

— Não — eu disse. — Não uso drogas. Eu vi o que elas podem fazer. Não quero acabar igual ao meu pai.

— Mas deve ter muita droga por lá.

— Tem muito de tudo por lá.

Então Russell se calou de novo. Ele ficou lá sentado, olhando em silêncio para os próprios pés. Parecia algo razoável a se fazer, então eu o acompanhei. Eram sapatos bonitos de ver. Eram como sapatos dos anos 1950. De camurça na parte de cima e solas de borracha.

Passado algum tempo, ele me olhou e disse:

— Você é um jovem incrível, Linus.

— Por que isso?

— Você se mantém firme nas suas convicções.

— Eu?

— Devem te oferecer coisas o tempo todo. Bebida, drogas... Todo tipo de coisa. E você simplesmente diz não. Acho isso admirável.

— Nem tanto — rebati. — Eu só não quero morrer, só isso.

Agora é tarde.

Estou cansado, exausto. Fazia milênios que eu não falava tanto assim. Acho que *nunca* falei tanto assim sobre meu pai. Estou completamente esgotado. Mas parece que eu não consigo parar de escrever.

Parece que estou tão distante de tudo.

Oscilante, triste, apreensivo, frio. Queria que as coisas fossem diferentes, mas elas não são. Elas nunca são. Elas não podem ser.

Não consigo parar de pensar no meu pai. Fico querendo saber o que ele está fazendo agora. Tento imaginá-lo em casa, na sala da frente talvez, bebericando um conhaque em frente à lareira. Ou na cozinha, à mesa, cercado pelas vigas escuras de carvalho, pelas paredes fechadas de tijolos, pelas panelas de cobre penduradas na parede...

Mas eu não consigo ver isso. Não consigo ver coisa alguma.

Está tudo muito distante. E longe no tempo.

Tudo aconteceu há tanto tempo.

Tenho lembranças vagas de estar em casa com minha mãe e meu pai quando eu era pequeno, mas não sei se essas lembranças são reais. Elas passam como DVDs piratas no fundo da minha mente, todas desfocadas e dando saltos, de tantas vezes que foram copiadas. Eu me lembro do meu pai criando histórias, poemas e cantando para mim, me mostrando tirinhas e ilustrações nos livros... Mas não é ele, é só uma lembrança dele.

E da minha mãe.

Eu não quero mais pensar nisso.

Queria ter perguntado ao Russell se ele ouviu falar alguma coisa sobre meu pai, se leu algum artigo recente sobre ele ou viu alguma entrevista ou algo assim. Às vezes ele dá entrevistas para tentar promover um novo projeto. Ele jamais fala sobre *Os Gribbles*. Ele também não costuma falar sobre sua vida pessoal, mas pensei que talvez, se ele tivesse aparecido na TV ou coisa do tipo, ele tenha falado de mim. Você sabe, uma mensagem ou algo assim, um apelo por qualquer informação...

Mas acho que Russell teria me dito se tivesse visto alguma coisa.

É difícil não se importar.

Difícil o bastante para fazer você chorar.

Sexta-feira, 10 de fevereiro

Ontem à noite sonhei com o Zoreba e o Bob Bonitão. Eles estavam na escola comigo. Era de noite, no dormitório. Zoreba e Bob estavam sendo o centro das atenções, contando histórias, e todos os garotos estavam sentados ao redor deles, ouvindo o que estavam dizendo. O mais estranho era que eu não sabia o nome de nenhum dos meninos. Eu reconhecia os rostos deles, só que não conseguia identificá-los. Mas, enfim, eles estavam lá sentados com os olhos grudados em Zoreba e Bob, como se eles fossem astros de TV ou coisa parecida. Bob Bonitão estava encostado na parede, comendo uma banana, e Zoreba estava sentado no chão, de pernas cruzadas, contando como ele perdeu a orelha.

— Ei, ei, escutem aqui — ele estava dizendo. — Vocês sabem o lance sobre o... Como ele chama mesmo? O homem-corvo, flores, o pintor, Vango...

— Grogue — completou Bob Bonitão. — Van Grogue.

— Certo, ele mesmo. Ó só o que ele fez... Tinha esse outro pintor aí que fazia umas selvas e uns tigres e umas paradas e o Grogue não ia co'a cara dele...

— Gangrena — falou Bob.

— É, é, esse aí. O Grogue teve uma briga com o Gangrena e o Gangrena arrancou a orelha do Grogue. E foi issaê que aconteceu comigo. Só que no meu caso foi lápis de cera.

— Os lápis de cera do Exterminador — completou Bob.

Zoreba sorriu.

— É, o Extrumenador. Nossa, aquele é um garoto grande, aquele lá. Ó só... Eu peguei os lápis de cera dele e ele comeu minha orelha.

— E é por isso que ele não bebe mais — disse Bob. — Você pergunta pro Zoreba se ele quer sair pra encher a cara e ele responde: “Não, obrigado. Já estou Van Grogue”.

Todos os garotos começaram a rir.

E então me levantei e disse:

— Não foi isso que aconteceu.

E todo mundo olhou para mim.

Falei:

— Um cachorro o mordeu, foi isso. Foi assim que o Zoreba perdeu a orelha. Um cachorro o mordeu.

Todos me olharam com frieza, como se eu tivesse estragado tudo. Então a cena foi sumindo e cortou para uma pequena construção branca, sozinha no topo de uma colina, no meio de uma pradaria. Acho que era a casa de uma fazenda. Poderia ser uma capela, mas tenho quase certeza de que era a casa de uma fazenda. Como um daqueles filmes antigos de faroeste, sabe? Uma construção toda de madeira com um campanário de um lado e um curral na frente. O

campanário foi o que me fez pensar que poderia ser uma capela, mas tenho certeza de que era a casa de uma fazenda.

Era verão. O céu estava limpo e azul, a grama da pradaria sussurrava suave numa brisa preguiçosa. O curral, se é que era aquilo, formava um círculo perfeito delimitado por uma cerca branca de madeira.

E era lá que eu estava sentado. Bem no meio do curral.

Eu não sei por que eu estava nessa casa, mas tenho certeza de que eu não morava lá. Acho que ninguém vivia ali. E não sei de onde eu vinha nem como tinha chegado àquele lugar. No sonho não havia viagem. Mas eu tinha uma espécie de lembrança dentro dele de ter cruzado a pradaria e escalado a colina. Ainda posso me lembrar da sensação da grama alta roçando de leve em mim.

Mas, enfim, lá estava eu, sentado de pernas cruzadas sobre a terra seca no meio do curral... cercado por uma multidão de animaizinhos peludos. Eram bichos de brinquedo, bichos de pelúcia, você sabe. Bichos fofinhos com olhos de vidro e bocas costuradas. E os pelos deles tinham as cores mais incrivelmente intensas. Amarelo vívido, azul elétrico, vermelho fluorescente... laranja, lilás, cor-de-rosa.

E eles tinham vida.

Eles *eram* animais de pelúcia, mas também estavam vivos.

Eles não faziam muita coisa no sonho, ficavam lá apenas sentados em círculo, inquietos, murmurando baixinho um com o outro e me olhando de vez em quando. Mas, definitivamente, eles tinham vida.

Sem dúvida.

Havia umas duas dúzias deles, talvez mais. Eram uns 30. Macacos, ursos, vacas, cachorros, tigres, leões, porcos, ovelhas, pinguins, jacarés, galinhas... Todo tipo de animal. Todos tinham o mesmo tamanho, como um cachorro de pequeno porte ou um gato, e todos eram cobertos por uma pelagem irresistivelmente macia e brilhante, do tipo de pelo que faz você ter vontade de estender a mão e alisá-lo.

Mas eu não estiquei a mão e nem os alisei.

Eu não alisei os animais.

Eu não tinha de fazer isso. Tudo o que eu tinha de fazer era ficar ali sentado e deixá-los sorrir para mim. Era tudo o que eu tinha de fazer. Era incrível.

Acho que eles me amavam.

Simples assim.

Eu só me sentei ali, eles sorriam para mim e, então, depois de um tempo o sino soava e era hora de ir embora. E era isso. O sino da fazenda soava quando era hora de descer da colina. O sino soou, eu me levantei e fui embora, descendo a colina, e os animais me olharam com frieza, como se eu tivesse estragado tudo. Então o sonho foi sumindo até ficar preto.

Isso não significou nada. Sonhos nunca significam coisa alguma. Isso só quer dizer que tudo é a mesma coisa. A escola, a rua, os loucos, os mendigos, os animais, eu... Somos todos a

mesma coisa.

Somos todos equivalentes.

Nesta tarde mostrei a Russell o resto do espaço. Na verdade não havia muito para lhe mostrar, mas ainda assim demorou. Ele se cansa rápido. Seus olhos, quer dizer, seu *olho* fica constantemente fora de foco e ele precisa se sentar para descansar a todo momento. Então levou um bom tempo, mas tudo bem. A gente não tinha outra coisa para fazer mesmo. Eu mostrei tudo. O elevador, os quartos, as paredes, o chão, o teto, as grelhas. E ele estudou tudo com uma calma intensidade, fazendo perguntas, tocando nas coisas, ouvindo, cheirando, anotando, olhando, durante todo o tempo assentindo silenciosamente e murmurando para si mesmo.

Depois disso, ele foi para o quarto para refletir.

Uma hora mais tarde, ele saiu e nos chamou à mesa.

— Estamos num bunker recondicionado — ele anunciou. — As paredes são feitas de 75 centímetros de concreto armado com malha de aço. O teto tem no mínimo um metro de espessura. A fundação é constituída de três metros de concreto. O poço do elevador é feito de chapas de aço e, provavelmente, protegido por pesadas paredes de contenção. A iluminação, o aquecimento, o encanamento e a ventilação são alimentados por um sistema de geradores com motor a diesel — ele fez uma pausa e olhou para o teto. — Essas grelhas eram originalmente parte de um sistema de filtragem para extração de material radioativo e agentes químicos ou biológicos. O sistema foi adaptado para permitir que gases fossem emitidos *no* bunker, e as grelhas foram instaladas com um equipamento de vigilância de áudio e vídeo...

— O que é um bunker? — Jenny o interrompeu.

Russell sorriu.

— Uma construção subterrânea. Como um abrigo antibomba. A maioria deles foi construída no começo dos anos 1950, quando a ameaça de guerra nuclear se tornou real. Eles foram originalmente pensados como centros de comando para organização de tropas e disparo das nossas defesas antiaéreas — ele deu uma olhada em volta. — É claro, a construção original deve ter sido bem maior que esta. Devia ter muitas salas, um centro de comando, equipamento de comunicação, até mesmo diferentes andares. Esta... — ele agitou a mão, indicando a construção. — Esta é apenas uma pequena parte do bunker original. Provavelmente o alojamento. O resto deve ter sido fechado ou bloqueado. Foi isso que eu quis dizer com recondicionado. Vocês veem...

Bird bocejou bem alto.

Russell olhou para ele.

— Acho que você está achando desinteressante, certo?

— Bom... — respondeu Bird. — Isso não ajuda muito, né?

Russell não disse nada.

Bird falou:

— Ei, não me leve a mal. Tenho certeza de que você sabe do que está falando e, se eu não

estivesse preso aqui, certamente estaria achando isso fascinante. Mas deixa eu te fazer uma pergunta. Toda essa conversinha fiada, toda essa merda de informação histórica... Como isso vai nos tirar daqui?

Russell não respondeu.

Bird deu um sorriso presunçoso — como o idiota que acha que superou o professor —, e os olhos gordos dele relancearam para a mesa, buscando aprovação. Ninguém disse nada. Não havia muito o que dizer. Bird encarou isso como um sinal de que havíamos concordado com ele.

— *Viu?* — ele disse, com um sorriso triunfante. — Entendeu o que eu quis dizer?

Eu queria dar um soco nele.

Depois daquilo, a reunião meio que acabou e todos nos dispersamos e ficamos sentados sem fazer nada. Um pouco depois, porém, eu me encontrei com Russell e Fred e tivemos uma conversinha sobre certo assunto.

Ainda não posso contar a você.

É segredo.

Já é noite. Sete ou oito, algo assim. Deve estar escuro do lado de fora. Escuro, frio, provavelmente chovendo. Imagino que esteja ventando bastante também. Uma daquelas fortes rajadas de vento que fazem a chuva bater na sua nuca como se fossem pequenas agulhas molhadas. Seria bom um pouco disso agora. Um pouquinho de chuva, uma brisa cortante, o céu noturno. Estrelas...

Merda.

Esta é a pior parte do dia. De umas cinco da tarde até a meia-noite. É quando o tempo *realmente* se arrasta. Não sei por quê. Não é menos tedioso que qualquer outro momento do dia, mas por algum motivo isso me afeta. O silêncio, a brancura, o vazio.

Aqui embaixo as noites duram uma eternidade.

Não tem muito o que fazer.

Eu penso bastante.

Eu penso em todo tipo de coisa.

Você não ia acreditar em algumas das coisas em que penso. E eu também não vou contar a você. Quer dizer, pense nisso. Se eu contasse a você todos os meus pensamentos... Imagine só. Pense nos seus pensamentos mais sombrios, agora imagine dividi-los com um estranho. Qual é a sensação?

Certo.

Pensar não é crime.

Mas tem outra razão para eu não contar tudo a você, um motivo mais prático. Veja bem, você é o desconhecido. Você é você e às vezes você sou eu, mas é também Ele, O Homem Lá Em Cima. Ou ao menos você *poderia* ser Ele. Eu não estou dizendo que você é, mas preciso manter essa possibilidade em mente. Quer dizer, estou fazendo tudo o que posso para esconder estas palavras. Eu não deixo o caderno jogado por aí. Eu o fecho quando não estou escrevendo.

Eu sempre escrevo de costas para as câmeras. Mas aqui embaixo não existe nenhuma garantia. Tudo é possível. Não tem como eu saber se O Homem Lá Em Cima não está lendo meus pensamentos. Mas também não tem como eu saber se Ele *está* fazendo isso.

Acho que eu poderia simplesmente perguntar a ele.

Ei, Senhor, você está lendo isto? Dê um sinal se estiver. Bata no teto ou algo assim. E a propósito, aproveitando que você está na linha, deixa eu dizer uma coisa. Deixa eu falar isto para você: eu sei que posso morrer aqui. Estou bem ciente disso. Eu sei que você pode me matar. Na verdade, acho que é o que você provavelmente vai fazer. Mas você não pode matar o que eu penso. Pensamentos não precisam de um corpo. Eles não precisam de ar. Eles não precisam de comida, água nem sangue. Então, mesmo que você me mate, eu ainda vou pensar em você. Você entende o que estou dizendo? Eu vou pensar em você para todo o sempre.

E essa é uma promessa feita a sangue-frio.

Pense *nisso*, Senhor.

Pense nisso.

Sábado, 11 de fevereiro

Agora ele começou a jogar.

Quando o elevador desceu hoje cedo, havia a habitual sacola de comida, além de algumas coisas de limpeza que Jenny havia pedido — desinfetante e água sanitária — e também uma grande caixa de papelão. Era uma daquelas caixas que os supermercados jogam fora ou deixam na porta para você colocar suas compras nelas. Uma das grandes. Fechada com fita adesiva. Era a vez de Anja pegar a comida no elevador, mas estávamos todos ali quando ele desceu. Normalmente estamos. É o ponto alto do dia. Mas, enfim, tiramos a comida, colocamos a caixa na mesa da cozinha e então a abrimos.

Ela continha:

Seis garrafas de vodca.

Dez pacotes de cigarros.

Três isqueiros.

Várias revistas pornográficas (para vários gostos).

Uma seringa.

Uma colher de metal.

Uma sacolinha plástica cheia de um pó marrom.

Alguns recortes de jornal.

Ficamos todos ali por um momento, olhando para tudo aquilo como peixes estudando uma minhoca no anzol, e eu senti meu coração palpitar. Espiei em volta aqueles olhares e aquelas caras que eu já havia visto mil vezes antes — olhos famintos, caras famintas, cabeças vazias dizendo “me dá, me dá, me dá”.

Eu sabia o que aquilo queria dizer.

Eu conseguia visualizar O Homem Lá Em Cima nos observando com um sorriso doentio no rosto Dele, pensando Consigo: “Certo, vamos ver como vocês vão trabalhar nisso tudo juntos”.

Foi uma jogada inteligente, preciso reconhecer. Inteligente e sórdida.

Fred foi o primeiro a fraquejar. De alguma forma, eu sabia que seria ele. Ele deu um passo à frente e alcançou a sacola e uma garrafa de vodca. Então o resto deles saltou para morder a isca. Crec-crec-crec. Me dá, me dá, me dá! Anja rasgou um pacote de cigarros e ficou lutando para achar um isqueiro. Bird pegou uma garrafa, girando a tampa.

— Esperem aí! — gritei.

Mas eles não estavam ouvindo. Os olhos deles brilhavam com ferocidade enquanto abriam seus brinquedos.

Eu me virei para Russell.

— Faça alguma coisa.

— O quê?

— Faça eles pararem.

Ele balançou a cabeça tristemente.

Voltei para a mesa. Bird tomava um trago direto da garrafa e Fred estava colocando o dedo dentro da sacola plástica. Segurei seu braço.

— Não seja idiota — falei. — Você acabou de sair dessa.

Ele afastou minha mão.

— Para com isso, Fred — implorei. — Por favor.

Ele apenas me encarou.

— Eu *preciso* de você — falei para ele.

— Eu *preciso disto*.

— Por quê?

— Por que *qualquer coisa*? Por que não?

— Mas...

Ele me empurrou, pegou uma revista e uns cigarros e disparou para fora da cozinha. Suspirei e corri os olhos ao meu redor. A mesa estava coberta de pedaços de celofane e papel rasgado. Bird tinha ido embora. Anja estava sentada, sugando um cigarro com sofreguidão. Ela levantou os olhos para mim com um sorriso de satisfação, soprando fumaça no ar.

— Pois não? — ela disse de um jeito desagradável. — O que *você* está olhando?

— Nada.

Queimei o resto das revistas. Eu ia queimar também os cigarros e jogar a vodca pelo ralo, daí pensei: essa decisão não cabe a mim, né? Não posso decidir pelas outras pessoas. Todos temos desejos e necessidades diferentes. Além disso, se eu jogasse a vodca fora e queimasse os cigarros, provavelmente levaria uma surra.

Os recortes de jornal eram sobretudo a respeito do desaparecimento de Jenny. Havia alguns sobre Anja e um sobre Bird, mas os outros eram sobre Jenny. Havia fotografias dela, de seus pais, da rua onde ela desapareceu. Havia artigos, teorias, suposições, detalhes de vários suspeitos interrogados pela polícia, declarações indignadas de políticos e jornalistas.

Eu não deixei Jenny ver nada disso.

Só ia deixá-la perturbada.

Queimei tudo.

Então fui para meu quarto e gritei em silêncio para as paredes.

Tudo são jogos. Ele está jogando o Dele, e nós, os nossos. O Dele consiste em nos dar tudo o que quisermos, nossos vícios, ou o que Ele acha que pode nos fazer mal, nossas fraquezas, e aí ver o que acontece. Suponho que tenha um pouco a ver com um daqueles jogos de computador de inteligência artificial. Você sabe, aqueles jogos que deixam você brincar de Deus. Sim, eu consigo vê-Lo gostando disso. Ele é com certeza esse tipo de pessoa. Filho único, provavelmente. O tipo de criança que passa a maior parte do tempo sozinha, ateando fogo em

formigas e arrancando patas de aranhas.

É, eu consigo ver isso.

22h

Jogos.

Passei a maior parte da noite disputando jogos de palavras com Jenny e Russell. Anagramas, forca, coisas assim. Eu não estava muito no clima, mas não queria deixar Jenny sozinha. Há um clima desagradável rolando aqui esta noite. Fred está chapando no quarto dele. Anja está chorando bêbada. E Bird está batendo o pé e gritando feito um maluco a noite toda.

Não há nada com que se preocupar, na verdade, mas deve ser bastante assustador para uma criança.

Por isso é que a gente está jogando. Ajuda a passar o tempo e a distrair a cabeça de Jenny.

A minha também, eu suponho.

Russell é realmente bom com Jenny. Ele tem essa coisa de velhinho radiante... Assim, ele é sábio e agradavelmente bobo ao mesmo tempo. Eu sei que é só encenação, e acho que Jenny também sabe disso, mas ainda assim é muito bom.

Como quando Jenny perguntou o que ele fazia.

— Sou um filósofo natural — ele disse.

— O que é isso?

— Um tipo de físico. Eu faço perguntas sobre o mundo e depois tento respondê-las.

— Que tipo de perguntas?

— Todos os tipos, mas a maioria é de perguntas que esquecemos de fazer depois que crescemos. Por exemplo, por que o céu é azul, por que o espaço é preto, por que as estrelas brilham, por que temos dois olhos.

Jenny sorriu.

— Por que temos dois olhos?

Russell arrancou um botão solto da camisa dele e o colocou na cama a cerca de meio metro de Jenny.

— Feche um olho — ele a instruiu —, depois toque no botão com o seu dedo.

Jenny olhou para ele.

— Vá em frente — ele disse.

Ela fechou um olho e esticou o braço para tocar no botão. O dedo dela começou a oscilar, ela franziu a testa, então bateu o dedo na cama, errando o botão por alguns centímetros.

— Ei! — ela exclamou, abrindo o olho.

Russell sorriu.

— Por isso temos dois olhos: para evitar que a gente faça “ei”.

A noite continua. Agora somos apenas Jenny e eu. Russell começou a ficar um pouco pálido depois de meia hora, então a cabeça dele começou a vacilar e os olhos começaram a se fechar. Dei um cutucão nele e falei para voltar ao seu quarto e dormir.

— Vocês vão ficar bem? — ele perguntou.

— De boa.

— Tem certeza?

— Claro, pode ir.

Ele foi.

Então aqui estou eu, sentado de costas para a porta, falando sozinho de novo. Jenny está na cama, com o lençol puxado até a cabeça, tentando dormir. Do lado de fora, Bird ainda está lá, batendo o pé e fazendo uma gritaria dos diabos, completamente bêbado.

É uma daquelas noites.

Já passei por algumas dessas antes. Sentado no meu quarto, ouvindo meu pai enlouquecer por alguma coisa. Noites no colégio interno, coisas idiotas rolando. Noites na rua, gente louca brigando por caixas de papelão...

Já passei por coisa pior do que isto.

Domingo, 12 de fevereiro

Hoje parece domingo. Não sei por quê. Todo dia aqui é a mesma coisa. O mesmo ar, a mesma luz, a mesma rotina. Nada muda. Mas por algum motivo hoje parece diferente. Está aquela sensação de vazio dos domingos. Aquela acidez pós-sábado. O cheiro de vômito seco.

Ontem à noite, depois que as luzes se apagaram, Bird continuou a gritaria por mais de uma hora, depois ficou batendo coisas na cozinha por algum tempo, foi ao banheiro, fez uns barulhos horríveis e então tudo ficou calmo. Eu não conseguia dormir. Fiquei ali sentado olhando para a escuridão, ouvindo Jenny dormir. Ela estava fazendo uns sonzinhos engraçados ao respirar, aqueles sons inquietos de quem está sonhando: “Ca-ca-ca... nã-nã... mmnoo...”.

De madrugada, ouvi uma porta abrindo e passos oscilantes se arrastando pelo corredor. Alguém bateu numa porta. Então ouvi um sussurro embriagado. Não consegui ouvir o que dizia, mas não soava muito bonito. Depois de um minuto, escutei a voz de Anja sibilando em resposta.

— Vai *embora*.

Resmungos.

— Não, NÃO! Me deixa em PAZ!

Mais resmungos, um palavrão bêbado, então passos cambaleando de volta pelo corredor, uma porta abrindo e fechando, e tudo ficou quieto de novo.

Nada aconteceu no resto do dia. Absolutamente nada.

Terça-feira, 14 de fevereiro

Não tenho escrito nada faz um tempo. Sem motivo, realmente. Eu precisava pensar em algumas coisas. Queria esvaziar minha mente. Pôr tudo em ordem. Queria apenas ficar sozinho.

Você não perdeu muita coisa.

A bebida e as drogas já eram. Os cigarros foram todos fumados. A festa acabou e agora estamos todos pagando por isso. Fred voltou a uivar e gemer o dia inteiro. Anja e Bird estão de ressaca e irritados. O lugar está uma zona. Ninguém está cuidando da limpeza. O banheiro está fedendo. As reuniões noturnas não estão acontecendo. Não temos falado sobre fugir. Não temos falado sobre nada.

Estava olhando o relógio. Estava sentado à mesa de jantar com minhas mãos sobre os joelhos, mantendo meus olhos no relógio, observando o ponteiro dos segundos, batucando um dedo no ritmo dos segundos. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... Continuo batucando, contando o tempo mentalmente... Um, dois, três, quatro, cinco, seis... Até acertar. O que você precisa fazer é contar bem devagar e acrescentar a palavra *mil* para cada segundo. Um, mil... dois, mil... três, mil. Se você praticar bastante, consegue medir o tempo com precisão.

Nos últimos dias, tenho contado os segundos, monitorando os minutos e as horas mentalmente. Tenho comparado *meu* tempo com o tempo do *relógio*.

Assim é que eu sei quando Ele está mexendo no tempo.

É bem sutil. Ele o diminui ou o acelera bem gradativamente. Por exemplo, na segunda, comecei a cronometrar as coisas às duas da tarde. Às quatro do *meu* tempo, o relógio marcava 15h45. OK, nada de mais. Eu poderia ter me enganado. Mas três horas depois, três das *minhas* horas depois, quando deveria ser 18h45, o relógio apontava 17h55. E não tinha como eu errar a conta desse jeito. O relógio na parede estava definitivamente atrasando. E, conforme a noite passava, ele andava cada vez mais devagar.

Meia-noite chegou depois de duas horas.

Continuei contando por toda a noite.

Isso foi mesmo bem difícil. Eu ia ficando com sono, desorientado, disléxico com os números. Continuava me perdendo. Mas no fim tenho certeza de que mantive uma contagem relativamente precisa. Estou certo de que a manhã chegou duas horas antes.

Chegou.

Sei que chegou.

Por um momento fiquei bem satisfeito comigo mesmo, tipo porque eu O tinha pegado. Eu havia sentado e usado minha cabeça e descoberto o que Ele estava fazendo. Eu tinha passado a

perna nele. Rá! Bom pra mim. Linus, o gênio. Mas então eu pensei: “É, então você descobriu o que Ele está fazendo. E daí? Isso não muda nada, muda? Isso não vai levar a lugar nenhum. Quer dizer, o que você vai fazer a respeito?”.

Pensei nisso por um tempo, mas não fui muito longe, então fui ver Russell e contar a ele sobre aquilo.

— Você tem certeza? — ele perguntou.

— Positivo. Às vezes Ele o acelera, outras Ele o retarda. Não há um padrão estabelecido. Ele faz isso em momentos e em diferentes velocidades, mas definitivamente Ele está fazendo isso.

— Ora, ora... — Russell disse.

O rosto dele está ficando cada dia mais fino. Seu crânio parece ter encolhido, a pele parece sugada como um balão murcho. A única parte dele que não está encolhendo são os dentes.

Ele olhou para mim.

— O que você acha que isso significa?

— Não sei. Foi por isso que vim aqui te perguntar.

Ele sorriu.

— Achei que você tivesse lido meu livro.

— Eu li.

— Você se lembra do capítulo sobre o tempo?

— Sim. Bem, mais ou menos. Foi um pouco difícil de entender.

Ele assentiu pensativo.

— No começo do capítulo eu menciono um homem chamado Santo Agostinho. Isso diz alguma coisa a você?

— Não — admiti.

— Agostinho de Hipona. Ele foi um filósofo e teólogo do Norte da África, um dos pensadores mais influentes do mundo sobre a natureza do tempo. Muitos séculos atrás, ele fez a pergunta: “O que é o tempo?”. E sua resposta foi: “Se ninguém me perguntar, eu sei; mas se uma pessoa me pedir para explicar, eu não conseguiria”.

Silêncio.

Olhei para Russell, esperando que ele fosse em frente, mas ele apenas ficou ali sentado olhando para o chão. Eu não sabia se ele estava mergulhado em pensamento, se havia dormido ou se estava esperando que eu dissesse algo. Eu estava torcendo para ele não estar esperando eu dizer algo, porque não tinha nada para dizer. O que havia para ser dito? Quer dizer, um velho cara africano tinha criado uma firula para responder a uma pergunta difícil... E daí?

De qualquer maneira, deixei passar um tempinho, então falei:

— Certo... Entendi.

Russell ergueu sua cabeça.

— Não ajudou muito, né?

— Não mesmo.

— Olhe — ele disse —, o que você precisa ter em mente é que o tempo não tem uma existência prévia. Ele é uma quantidade produzida — ele fez uma pausa, respirando fundo,

como se o ato de falar o tivesse esgotado. — O relógio não é nada. Não está relacionado a nada. É só uma máquina...

A voz dele vacilou e ele levou a mão à cabeça.

— Você está bem? — perguntei. — Qual é o problema?

— Nada.

— Claro que é alguma coisa.

— Não é, verdade...

— Não, nada de *é verdade* — falei. — Você está doente. Tá piorando desde que chegou aqui. Por que não me fala sobre isso? Talvez eu possa ajudar.

— Eu acho que não.

— Como você sabe? Talvez eu tenha poderes curadores se-cretos.

Eu não sei por que disse aquilo. Era para ser uma piada, eu imagino. Mas não teve graça. Foi uma coisa ultracretina pra se dizer.

Ele deu um sorriso.

— Você consegue guardar um segredo?

Fiz que sim.

— Não quero que os outros saibam. Promete?

— Sim, prometo.

Ele respirou fundo, depois suspirou.

— Não é o que você pensa — ele disse. — Eu não tenho Aids. Não que fizesse diferença se eu tivesse, claro. Bem, faria... Mas acho que você sabe o que eu quero dizer.

Eu não sabia, mas assenti mesmo assim.

— É um tumor no cérebro — ele falou com franqueza. — Um tumor primário no cérebro. Um astrocitoma de grau quatro. Tenho dores de cabeça bem terríveis...

Eu não sabia o que dizer.

Eu disse:

— Ah.

Russell só olhou para mim.

— O que vai acontecer? — perguntei.

— Bem, a posição do tumor... — ele colocou a mão na cabeça. — Está aqui, bem fundo no cérebro. Uma cirurgia seria muito arriscada. A chance de danos é muito alta.

— Que tipo de dano?

— Um dano maior. Paralisia geral, perda da fala...

Eu não sei o que aconteceu comigo. Senti algo meio engraçado. Enquanto Russell continuava falando comigo, contando tudo sobre o tumor, minha mente começou a viajar. Eu me senti estranhamente fora de lugar, desajeitado e desconfortável, muito perto, muito longe, muito jovem...

Eu ainda consigo sentir.

Estou ouvindo ele, mas de um jeito estranho e desconexo. Sabe quando você está ouvindo

alguém e sua mente começa a ir longe? Eu ouço as palavras que ele diz, mas elas estão acionando as coisas erradas na minha cabeça. Tipo, quando ele disse *dano maior*, me veio à cabeça a palavra *major*; quando ele falou em *paralisia geral*, pensei em general — Major Dano, General Paralisia — e no mesmo instante uma imagem me veio à mente, a capa de um antigo gibi. *Sargento Fury*. O favorito do meu pai. Ele tem pilhas de velhos gibis. Ele os ama. E os coleciona. Gibis de guerra, de super-heróis, todos antigos da Marvel. Eu costumava os ler o tempo todo quando era criança. Eu sabia todos de cor e conhecia todas as capas. Consigo vê-los na minha mente.

Agora, no entanto, em vez de estar vendo o Sargento Fury na minha mente, rangendo os dentes e arremessando heroicamente uma granada de mão, estou vendo esse homem negro, velho e decrépito, caído junto a um tanque bombardeado. Os olhos dele estão arregalados e sua cabeça está encolhendo. Um médico de capacete solto está agachado ao lado dele, dizendo:

— A posição do tumor... Aqui, bem no fundo do cérebro... Cirurgia é muito arriscado. A chance de danos é muito alta...

— Linus?

— Pai?

— Não, sou eu. Russell. Você está bem?

Olhei para cima, minha mente de repente ficou clara de novo.

— Você está com câncer?

— Um tumor cerebral, sim.

— Tem cura?

Ele deu de ombros.

— Com o melhor tratamento possível, talvez eu tenha cerca de um ano, talvez menos. Mas aqui embaixo, sem medicação, quem vai saber? Poderia levar um mês, duas semanas...

O quarto caiu em silêncio. Nossos olhos se encontraram por um momento e, naquele instante, eu soube que ele morreria muito em breve.

Perguntei:

— Há algo que eu possa fazer?

Ele agitou a cabeça negativamente.

— Eu preciso de analgésicos, esteroides. Eu solicitei isso, coloquei na lista de compras...

— Ele não vai te dar nada.

— Não.

— Está piorando?

— Alguns dias são melhores que outros... alguns dias... — a voz dele foi sumindo, e eu pensei por um instante que ele estava caindo no sono de novo, mas então ele respirou fundo, se endireitou e sorriu para mim. — Ei — ele disse —, não faça essa cara. Não é pra tudo isso. Pense simplesmente numa mudança de prazo. O que eu faço. Veja, se você pega uma linha, uma linha-mundo ou, se preferir, uma linha da vida...

Ele ficou falando sobre diferentes dimensões, relatividade e coisas assim por um tempo, mas eu não consegui me concentrar naquilo.

Eu estava deprimido demais.

Contudo, ele está certo sobre o tempo. O relógio na parede não é nada. É só uma máquina que faz três pedaços de metal andarem em círculo. O Homem Lá Em Cima não está interferindo no tempo, Ele só está interferindo numa máquina. A única coisa que o relógio afeta é a precisão das datas deste diário. Foi por isso que eu fiquei confuso quando Bird chegou. Eu achava que ele tinha chegado numa segunda-feira, mas ele disse que O Homem o apanhou no seu caminho do trabalho para casa um dia antes, que eu achava ser um domingo — o que não faria sentido. Mas, no fim das contas, não devia ser mesmo uma segunda-feira. Provavelmente era uma terça, ou até uma quarta.

Sabe-se lá Deus o que aconteceu desde então. Quantos dias será que eu perdi? Ou ganhei? Pelo que sei, hoje poderia ser quarta, ou segunda, ou quinta. Mas, como eu disse, que diferença isso faz? Segunda, terça, quarta... São só palavras, elas não têm nenhum significado real. Aqui embaixo é aqui embaixo. Um dia é um dia. O tempo é agora. E isso é tudo.

Quarta-feira, 15 de fevereiro

As coisas estão começando a voltar ao normal. Bird e Anja se recuperaram de suas ressacas e se acostumaram novamente a não fumar. Ambos continuam constantemente tensos e irritados. Mas um pouco menos agressivos.

Fred já se recuperou. Ele não parece tão mal. Seus olhos estão um pouco fundos e tremelizando, mas é só isso. Ele parece ter superado os sintomas de abstinência bem mais rápido do que da outra vez. Eu realmente não sei como a heroína age nem o que ela causa ao corpo dele, mas acho que dessa vez ele não demorou muito para se livrar dela, pois não a usou por tanto tempo.

O sistema rotativo está voltando aos eixos também. O lugar está ficando mais limpo e não fede mais a cigarro. Ainda não estamos nos falando direito, mas pelo menos todo mundo está sóbrio e careta.

Normal.

Eis um dia normal.

7h: Acordo suando. Está quente demais. Às vezes Ele aumenta a temperatura à noite. Outras vezes, Ele diminui e eu acordo tremendo, mas hoje está muito calor. Fico deitado na cama pensando. Pensando em outros tempos, quando eu era criança, quando meu pai estava em casa, quando minha mãe estava...

Brava.

Eu sempre me lembro dela brava. Brava ou irritada. Ou as duas coisas.

Eu me lembro do jardim também. O jardim da casa onde morávamos antes de meu pai ficar rico. O gramado surrado, a cerca viva, os arranjos de pedras detonados, os pinheiros... Posso ver tudo isso, tão claro quanto um céu azul. Bem no fundo do jardim há dois pinheiros altos e uma verde e espessa cerca viva, feita de alfena. Pombos-torcazes arrulham do alto dos pinheiros: *ruu-ruu-ruu, ruu-ruu... ruu-ruu-ruu, ruu-ruu*. Eu me lembro da cerca viva como se fosse uma selva. Eu me lembro do verão. As cobras-de-vidro estão descansando na areia e nas raízes da cerca viva. Cobras-de-vidro. Tubos lustrosos marrons com pele de couro envernizado. Eu me sento, de pernas cruzadas, na terra da cerca viva, observando-as. Elas não são cobras. Sei porque leio meus livros de animais. Cobras-de-vidro são lagartos sem pernas. Elas têm protuberâncias ocultas como braços e pernas para provar isso. Eu fico sentado na terra, coçando minha bunda, distraidamente esmigalhando um torrão de terra com meus dedos, observando as cobras-de-vidro, quando me lembro da piada do meu pai.

Pergunta: Por que a cobra o seu cabelo cobre?

Resposta: Porque a serpente pegou o seu pente.

Eu me lembro da boca dele, seu sorriso, seus dentes brancos e certinhos. Seu bigode arrepiado. E estou sentado aqui na terra, esfregando a palma da mão no joelho, sussurrando uma canção para mim mesmo (no ritmo daquela canção infantil “Três ratos cegos”):

— Oi, dona Cobra. Oi, dona Cobra, onde a senhora mora, onde a senhora mora... — balançando para a frente e para trás como um louva-a-deus — ... onde a senhora mora, onde a senhora mora, por que vai embora, por que vai em... BORA?

E, quando eu falava “BORA”, tentava agarrar uma das cobras-de-vidro, mas eu não era rápido o bastante.

Nunca fui rápido o bastante.

Tudo o que eu conseguia era ficar com a mão cheia de terra e folhas.

8h: As luzes se acendem e minhas lembranças se apagam. Levanto da cama e visto minhas roupas esfarrapadas. Uma camiseta grande, camisa forrada, jaqueta com capuz, calça larga, que está ficando mais larga a cada dia, botas. Vou ao banheiro, me lavo, escovo os dentes, passo o lençol pela minha cabeça e uso a privada. Volto ao corredor, aceno com a cabeça silenciosamente para Anja, que passa no outro sentido, e vou à cozinha. Faço café. Sento, espero o elevador chegar.

8h45: Jenny aparece. Conversamos. Ela está com uma coceira na perna, cheia de picadinhas. Tomo nota mentalmente para acrescentar limões na lista de compras de hoje. Lembro que limão é bom para picada de pulga.

8h55: Fred perambula por ali, sem camisa, coçando a barriga. Não diz muita coisa. Ele bagunça o cabelo de Jenny. Falo que quero conversar com ele mais tarde. Ele diz “tá bom”, prepara uma xícara de café e sai andando de volta para o quarto.

9h: O elevador desce. Comida, sucos, frutas, leite. Jenny me ajuda a guardar tudo.

9h30: É a vez de Bird preparar o café da manhã, mas ele esquece. Jenny faz torradas. Comemos juntos. Preparo um pouco de café e levo para Russell. Eu quero falar com ele sobre algo, mas a cabeça dele está tão ruim que o deixo sozinho e volto para a cozinha.

O resto do dia se arrasta. O relógio está programado para andar mais devagar. Falo com Fred, vejo como Russell está, ajudo Jenny com a limpeza. Eu me deito e penso um pouco mais no jardim. Eu me lembro das minhas roupas, minha bermuda azul-claro, minha camiseta listrada marrom, minhas sandálias. Eu me lembro de estar segurando uma vara de bambu e uma garrafa de laranja nas minhas mãos sujas. E eu me lembro dos meus devaneios, das minhas fantasias. O jardim era a África, a América, uma planície desértica de grama não cortada, com arbustos floridos e rosas vermelhas esfarrapadas. Eu me lembro de arrancar o espinho de uma rosa, lambê-lo e grudá-lo no meu nariz, fazendo de mim um rinoceronte. Então, imaginando rinocerontes e leões, açoitando minha vara de bambu numa grande bola vermelha, errando o alvo, e o espinho cai. Chuto a bola e ela voa para o alto, passa pelo arranjo de pedras e vai cair no canteiro de lírios-tocha, achatando uma flor desabrochada. Espio rápido para a porta dos fundos para checar se minha mãe não está olhando, então disparo para o jardim para ver se consigo arrumar a flor partida. Mas eu não consigo. Então eu a arranco e a enfio bem no fundo, na base da cerca viva. Sei que minha mãe não vai olhar aqui, porque ela

morre de medo das cobras-de-vidro.

Mas e se ela olhar?

E agora meu coração arde com a lembrança do que aconteceu num verão passado, quando puxei todas as pétalas dos amores-perfeitos da minha mãe e ela ficou outra vez bem brava.

— Seu *vermezinho*!

Olha feio.

— O que você pensa que está *fazendo*? O que é isto?

Ela está segurando um vidro de geleia cheio de água lamacenta. Pedacos de graveto e pétalas de amores-perfeitos estão boiando na gosma marrom-clara. Insetos também. E grama. Bichinhos. Folhas. Musgo. Tatuzinhos de jardim. Minhocas. Caracóis. Uma lesma. Pedras. Cascalho. Lama.

O que é isso? Uma poção de jardim.

O que você pensa que está fazendo? Estou juntando coisas num vidro de geleia cheio de água e misturando tudo só para ver o que acontece. Isso é o que estou fazendo.

— O que é isto aqui? — minha mãe rosna.

— Nada.

— O que você pensa que está *fazendo*?

— Nada.

— Vem aqui.

Eu não consigo me mexer.

— Vem *aqui*! — ela empurra o vidro nas minhas mãos. — Jogue isto fora. Vai... *já*!

Começo a chorar.

— Onde?

— Só jogue fora.

Eu o levo pelo caminho do jardim e começo a despejá-lo ao lado das rosas.

— *Aí NÃO!*

Eu a vejo de pé à porta, um cigarro aceso na mão, e eu não sei o que fazer. Estou apavorado.

— Deixe aí — ela vocifera. — Põe no chão — ela dá uma forte tragada no cigarro. — **PÕE NO CHÃO!**

Coloco o vidro de geleia devagar no gramado, tomando cuidado para não derramá-lo. A água lamacenta gira no vidro. Vejo pedacos de insetos, canoas feitas de asa de besouro, uma lesma preta flutuando como uma baleia...

— Vem aqui.

Eu me arrasto pelo caminho. Meus olhos estão ardendo. Preciso fazer xixi. Minha mãe me pega pelo braço, me sacode, me dá um tapa na parte de trás das coxas.

— Seu *merdinha*.

E de novo — *paft!* — bem forte.

— Suba!

Eu subo para meu quarto e me desfaço de tanto chorar.

Mais tarde ela me traz biscoitos e um copo de leite.

— Linus? — ela fala baixinho. — Linus?

Não consigo falar. Estou tremendo.

— Está tudo bem — ela sussurra. — Está tudo bem. Eu não vou falar pro papai. O papai não precisa saber...

Não sei se alguma coisa disso tudo é verdade.

Não consigo dormir. Estou tremendo.

Sexta-feira, 17 de fevereiro

Ontem tentei fugir.

Não funcionou. Agora todos estamos sofrendo por causa disso.

Antes de tentar, escrevi o que eu tinha planejado fazer numa página do meu caderno e a mostrei aos outros. Jenny achou uma boa ideia. Bird e Anja acharam que era perda de tempo. Russell achou muito arriscado. Fred também não parecia acreditar muito nela, mas pelo menos ele estava disposto a fazer uma tentativa. E no fim ele convenceu os outros a fazer uma tentativa. Ele pode ser bem convincente quando quer.

Então ontem à noite, cerca de meia hora antes de o elevador subir, nós o colocamos em prática.

Enquanto Jenny e Fred estavam na cozinha, fritando um pouco de *bacon*, peguei um rolo de sacos de lixo, levei ao banheiro e comecei a encher um deles com qualquer lixo que encontrasse pela frente. A um sinal combinado, Jenny “acidentalmente” derrubou a frigideira, derramando a gordura do *bacon* no fogão, e gritou “fogo!”. Ela então correu para o quarto dela. No que as chamas se espalhavam pelo fogão, Bird e Anja saíram correndo de seus quartos, gritando a plenos pulmões. Enquanto isso, Fred havia quebrado a perna de uma das cadeiras da mesa de jantar, mergulhado sua ponta na gordura de bacon flamejante e ateado fogo a ela. Rapidamente ele enrolou a cabeça num lençol, subiu na mesa e começou a espetar a perna da cadeira ardente na grelha do teto.

Enquanto tudo isso estava rolando, fiquei no banheiro e, assim que toda a gritaria começou, pus mãos à obra. Eu precisava ser rápido.

- 1) Tirar o lixo que está no saco.
- 2) Picotar mais cinco sacos do rolo.
- 3) Colocar rapidamente um saco dentro do outro.
- 4) Até que eu tivesse feito um saco de lixo super-reforçado (com seis camadas).

Eram sacos extragrandes, daqueles que você usa para resíduos de jardim. Nós não tínhamos pedido especificamente esses sacos, e não sei por que Ele os mandou aqui para baixo. Imagino que Ele achasse que não fazia diferença. Ou talvez achasse, pensando bem. Talvez Ele soubesse o que estava fazendo desde o início. Mas, enfim, eram sacos extragrandes. Eu sou bem baixinho para minha idade, então, quando entrei no saco de lixo super-reforçado, me agachei bem e me encolhi o máximo possível, ainda havia espaço suficiente para amarrar o saco acima da minha cabeça.

E então eu apenas aguardei.

Esperando.

Imaginando...

Eu conseguia ouvir toda a confusão do lado de fora — Fred xingando, Anja e Bird gritando — e então, de repente, aquele apito penetrante começou a soar bem alto outra vez. Não por muito tempo, mas o bastante para fazer o ouvido doer.

E, então, subitamente tudo ficou em silêncio de novo.

Fiquei na escuridão do plástico preto.

Esperando, imaginando...

Será que Ele me viu preparando o saco?

Será que Ele me viu entrando nele?

Será que conseguimos distrair a atenção Dele?

Será que o saco super-reforçado que eu fiz era forte o suficiente?

Esperei.

No mais completo silêncio.

Depois de um tempo, ouvi os passos de Fred se aproximando pelo corredor. A porta do banheiro se abriu, seus passos estavam cada vez mais perto. Então o saco foi aberto e Fred virou algum lixo na minha cabeça. Não muito, só o suficiente para me encobrir. O saco se fechou. Eu senti Fred pegar o saco e levantá-lo. Segurei minha respiração, meio que esperando o saco se romper, mas ele aguentou. E assim fui carregado pelo corredor.

Como eu já disse, não sou muito grande e costumo não pesar muito, mas ainda assim foi uma façanha notável. Fred precisava me carregar como se eu não pesasse nada, como se fosse apenas um saco cheio de lixo. Incrível. Foi uma sensação bem estranha a de ser carregado num saco de lixo e, em certo momento, quase comecei a rir. Eu me imaginei como um homenzinho minúsculo que estava sendo carregado numa sacola de compras por um cliente desprevenido e, quando ele chegasse em casa e começasse a desempacotar as coisas, eu pularia de dentro e o faria morrer de susto.

Isso não soa muito engraçado, né?

Acho que você precisaria estar lá.

Pude sentir Fred virando à esquerda, indo em direção ao pequeno corredor que leva ao elevador. E então, tão gentil quanto possível, mas sem parecer muito óbvio que ele estava sendo gentil, Fred me largou dentro do elevador e me deixou ali. Só mais um saco de lixo.

Tudo o que eu tinha de fazer agora era esperar até as nove da noite e esperar que 1) o elevador subisse como sempre, 2) O Homem Lá Em Cima não tivesse me visto entrar no saco de lixo e 3) Ele não tivesse prestado muita atenção ao ver Fred me carregando pelo corredor.

Era muita coisa para se esperar.

O tempo passou devagar.

Esperei.

Sem me mexer.

Tentando não respirar muito fundo.

Então, depois de alguns minutos, a porta do elevador se fechou.

Tuc-shhh-mmm...

Segurei a respiração outra vez.

O elevador deu um solavanco e começou a subir.

Mmmmmmmmm...

Eu não conseguia acreditar.

Eu estava me movendo, eu estava subindo, saindo do bunker.

O elevador parou.

Clanc, clanc.

Nenhum barulho.

Esperei.

Nada.

A porta continuava fechada.

Esperei.

Nada.

Então ouvi um chiado fraquinho. Um som de gás vazando. E alguns segundos depois, eu o senti. Um cheiro químico, não desagradável. Tipo um cheiro de hospital. Limpo e gasoso e...

— Ai, merda — murmurei.

E foi isso.

Não lembro mais nada.

Simplesmente inconsciente.

Quando acordei, estava deitado na minha cama, de volta ao meu quarto, com a cabeça latejando, os olhos pegajosos e uma terrível dor de estômago. Eu tremia violentamente. Estava um frio de rachar. Meus olhos pareciam grudados e eu estava sentindo um gosto ácido horrível no fundo da garganta. Sentei, gemi e separei minhas pálpebras.

Russell estava sentado na cadeira do outro lado do quarto.

— Como você está? — ele perguntou.

— Hã...?

— Como você está se sentindo?

— Uma merda — falei, limpando a gosma dos meus olhos. — O que aconteceu?

Ele usou gás contra todos nós, foi isso que aconteceu. Eu no elevador, os outros no bunker. Eles ficaram inconscientes por umas três horas. Eu fiquei por quase 12. Ele me mandou de volta pelo elevador. Quando os outros acordaram, me tiraram de lá e me colocaram na cama.

— Você não parecia muito bem por um tempo — Russell disse. — Ficamos preocupados com você. Especialmente Jenny.

— Ela está bem?

— Tão bem quanto se poderia esperar.

— Que bom — tive um calafrio. — Por que está tão gelado?

— Ele desligou o aquecimento.

— Punição, imagino?

Russell assentiu.

— E não é só isso, infelizmente. Enquanto estávamos inconscientes, Ele desceu aqui e tirou toda a nossa comida e bebida da cozinha. Agora a única coisa que temos é água.

Abri a boca para falar, mas tudo o que saiu de mim foi uma tosse seca que me virou do avesso.

Já está tarde. Não estou me sentindo tão mal. Não fisicamente, pelo menos. Fui ver Jenny agora há pouco. Ela chorou quando me viu. Ela disse que achou que eu estava morrendo.

— Eu não vou morrer — falei para ela. — Sou forte como um touro.

— Não, você não é — ela retrucou. — Você é um magricela, igual a mim.

Sorri.

— Eu não sou *magricela*.

Ela esfregou o nariz.

— É sim.

— Bom... Nós, magricelas, somos mais fortes do que parecemos, né? Nós temos o Poder Magrelo.

Ela sorriu.

— Poder Magrelo? O que é isso?

— É uma coisa que os outros não têm. Uma coisa que nos faz seguir em frente. Eu e você, os Supermagricelas.

— Isso aí.

Eu não sabia o que estava falando. Mas parecia estar tudo bem. Ainda parece estar tudo bem. E, enquanto estou aqui sentado na cama escrevendo estes pensamentos, sinto algo que não sentia há muito tempo, que talvez jamais tenha sentido. Eu sinto uma proximidade. É um sentimento grande e avassalador que anula todo o resto, e eu não sei o que fazer com ele. É tão bom, muito mais que bom, mas ao mesmo tempo é insuportável. Ele me enche com visões de escuridão e dor.

Não posso dizer mais.

Domingo, 19 de fevereiro

Sem comida por dois dias. Todo mundo está ficando cansado e irritado. Ninguém chegou a dizer que a culpa é minha, mas dá para sentir isso nos olhos deles. Nós *dissemos* a você que era uma ideia idiota, nós *dissemos*.

Ontem a punição continuou com três horas de barulho ensurdecedor. Eu não sei o que era aquilo. Um tipo abominável de música — bateria estrondosa, guinchos horríveis, vozes gritando de dor. Deus, foi péssimo. E tão *incrivelmente* alto. Não havia nada que pudéssemos fazer. Nós todos só conseguimos ficar deitados nas camas com os lençóis e as roupas enroladas nas cabeças, e as mãos tampando firmemente os ouvidos... por três horas infernais.

Indescritível.

Quando finalmente acabou, o silêncio gritou de dor.

Segunda-feira, 20 de fevereiro

Quatro horas de calor sufocante seguidas de quatro horas de frio ártico. Então o calor de novo, depois o frio, o calor, o frio...

Mais barulho para arrebentar o crânio.

Ainda nada para comer.

Tudo o que você pode fazer é viver isso.

Sobreviver a isso. Retirar-se para dentro da sua cabeça, tentar desligar e dar tempo ao tempo.

Nada dura para sempre.

Você pode aguentar.

Aguate.

Aguate.

Terça-feira, 21 de fevereiro

Finalmente.

A temperatura está de volta ao normal e temos comida de novo. *Comida*. Toneladas. Quando o elevador desceu hoje cedo, estava abarrotado com todo tipo de coisas. Carne, pão, legumes, frutas, chocolate... Nunca vi nada tão delicioso na minha vida.

Comiiiiidaaaa!

Russell nos aconselhou a comer com moderação no começo. Ele disse que, se comêssemos muito com o estômago tão vazio, teríamos cólicas. Nós todos o ouvimos, concordamos com a cabeça e começamos a salivar. Então, todos nos amontoamos e nos empanturramos como animais famintos. Foi como um daqueles banquetes dos antigos romanos que você vê nos filmes — pedaços de fruta e carne voando por todos os lados, todo mundo abocanhando, e mastigando, e triturando, e babando, e arrotando...

Deus, como aquilo foi bom.

Agora estou deitado na minha cama, bebendo chá e sorrindo com a dor na minha barriga. É uma dor boa. Boa e cheia. Só para deixar tudo ainda melhor, estou tentando lembrar como é sentir fome. Mas é impossível. Eu sei que é ruim, mas não consigo resgatar a sensação real disso...

Espere aí.

Talvez Russell estivesse certo sobre as cólicas.

Estou começando a sentir algo...

Tipo

Não, não é cólica

Outra coisa

está vindo por toda a parte para todos os lados

como eletricidade como um

quente passou foi embora

quente e leve

eu acho que é

perfeito.

quente e sem sede eu nunca precisei de nada. Não há nada de errado. As paredes são emolduradas em ouro descascado.

o jardim o jardim você tá de volta ao jardim outra vez. nunca foi embora. simsim, aqui está você, fustigando sua vara de bambu na cerca viva e tirando as lágrimas de verão da sua cabeça.

esqueça. esqueça o quê? faça simplesmente o que você tiver vontade. vai lá embaixo até o poste do varal, desça, gire. gire no poste do varal, gire, gire, gire, gire veja tudo isso contra o céu rodopiante veja tudo isso a janela da casa o telhado o sol o pombo árvores o céu a cerca a pirâmide céu a janela da casa onde os tigres esperam o teto o sol o pombo árvores uhuu apenas olhe a queimadura de sol céu a cerca viva a rosa de espinhos rinoceronte chifres o céu rodopiante onde os melros sobrevoam a janela da casa o teto do sol a árvores grandes verdes a cerca o portão o céu rodopiante

agora temos certeza.

ao fazer isso.

contando os animais no seu livro de animais.

conte os animais.

quantos animais? conte seus dedos.

cobra-de-vidro claro, ela está no livro. cobra-de-vidro rinoceronte tigre leão lesma raposa urso pombo cachorro urso. não. rinoceronte tigre leão lesma raposa urso pombo cachorro. lesma é um animal? lesmacão lusma. lesgo. uma lesma é uma baleia num vidro de geleia. iupi. elefante baleia inseto rato. como é aquela coisa engraçada? fuinha vaca texugo raposa. não. coelho de orelhas caídas fuinha.

piada do papai

como você sabe. não. qual é a diferença entre uma foca e uma lontra?

uma foca é só focar que você percebe e uma lontra é loutra coisa.

papai faz versos.

*periQUITOS param quietos no fundo do mar
e caranguejos estão infestados de piolho
papagaioS comem gente e tigres, caviar
e abelhas fazem mel de polvilho*

e a outra, aquela com os búfalos. gira, gira, gira, gira.

*os búfalos são exigentes como ninguém
não comem mosquito nem amendoim
só querem saber de coisas gigantes
como leões da montanha e elefantes
para os camundongos isso é besteira
eles gostam de miudezas como pulga e poeira*

e e e

*o que mil camundongos podem comer
não enche a pança de um bufalozinho bebê*

e aquele outro com a zebra. não. não lembro. então. dedos. cobra-de-vidrino noceronte tigrelão lesmacão raposa urso pombocão elefante baleia inseto rato fuinha vaca texugo raposa

coelho furão periquitotubarão pulgacaranguejo papagaiogente abelhabúfalourso oveliiia giragiragiragiragiragiragiragira beba sua laranja, plástico quente no sol de agosto. o poste do varal é frio como chumbo. bom para se balançar. gira, gira. o varal balança no ritmo. tique de taco quina cabo tique de taco quina cabotique de tacoquina cabo

quantos animais? incluindo pessoas?

somos todos animais

quantos animais?

27?

basta por enquanto.

cobra-de-vidro = 28.

zebra = 29.

2 raposas = 28.

PARE

aqui é onde você está.

aqui

aqui sentado na grama verde do jardim rodopiante mascarando um graveto. esgotado e atordado. olhando para a parede.

só eu estou aqui.

eu você eu

eu ainda estou aqui, Senhor.

O sol ainda se move no céu.

Não importa que horas são.

Um dia dura uma eternidade. Vamos lá.

o caminho do jardim leva a montanhas de rochas ornamentais onde as pedras estão esperando você atear fogo em homem-aranha encharcadogasolina com uma salsicha na camisaranha dele ou levá-lo ao deserto onde aranhas dobram em cavernas de teias suspensas seu dorso bulboso atravessado como burros agarrados firmemente em oito pés pretos. burros e soldados mexicanos alemães sargento fury talvez um rato. um urso pardo rroooaahh! ou billy the kid. billy o homem mágico encurralado numa caverna com uma aranhaborro. a aranha o gira em seu fio de seda e o pendura num gancho e billy agita sua varinha mágica e dá uma batidinha no seu livro mágico e diz eu não tenho medo de morrer como um homem mas o pavio aceso da sua salsicha derrete seu lindo rosto e quando explode ela faz um buraco no seu coração de plástico aaaahhhh!!!! veja todos esses pequenos lugares são feitos para caubóis e índios esperarem numa emboscada ou para lutarem ou para caírem mortos ou cobertos em geleiademel esperarem pelas formigas chegarem e todos esses pequenos lugares são conhecidos de vocês. então robocop de hongkong leva no pescoço aaaahhhh!!!! essas pedras não estão presas. a do meio e a de baixo estão presas mas a de cima balança e se levanta quando ninguém está olhando igual a agora. você pode fazer uma festa no céu de um outro mundo e que se faça a luz. na lama achatada a cor do chocolate animais debaixodapedra pânico no sol. tatus de jardim se esparramam. minhocas se torcem e contorcem. músculo vermelho

amarelo branco como vômitodeleite. centopeias. uma lesma tossida. a dura espiral marrom de um piolho-de-cobra cutuque-a com uma vara. um besouro comprido e fino com pintas verdes rola numa toca onde ele curva a cabeça e faz um tique para a direita então estremece e vira e faz um tique para a esquerda voltando no tempo. ajuste seu controle sobre a pedra e olhe mais perto. confira a qualidade escorregadia da lama e o acesso a caminhos misteriosos. a toca do besouro é cercada por um brilho branco tênue de ovinhos minúsculos. não tão brancos eles têm a cor do subterrâneo ou coisas mortas e você sabe você sabe que se você os colocar numa caixa de fósforos vazia para ver o que acontece eles vão ressecar e acabar em nada. você sabe. e agora você ouve a voz da sua mãe.

LINUS!

bem longe

ONDE VOCÊ ESTÁ?

— Estou aqui.

Mais tarde. Um milhão de anos mais tarde.

Meu coração dói. Estou passando mal.

Tinha droga na comida.

Ele botou droga na comida.

Não tenho ideia do que Ele colocou ali, alguma coisa estranha. Jesus, eu nunca me senti tão esquisito na vida. Não foi exatamente esquisito no mau sentido. Mas também não foi no bom. Esquisito no sentido de esquisito. Esquisito “de outro planeta”. Foi como se de repente eu fosse outra pessoa. Outro lugar, algo diferente.

Não consigo pensar nisso agora.

Preciso dormir.

Quarta-feira, 22 de fevereiro

Certo, tivemos uma reunião. A gente precisava se reunir de novo. Estamos todos ficando loucos. Precisamos nos recuperar, nos consolar e confortarmos uns aos outros. Merda, a gente precisa de *alguma coisa*.

Corri os olhos pela mesa e tudo o que consegui ver foram rostos moribundos.

Jenny, coitadinha. Ela mal consegue falar. Vomitou quase toda a comida com a droga, por isso não passou tão mal, mas já sofreu o bastante. Gente doente, pesadelos, barulho, calor, frio — ela não consegue dar conta de tudo isso. Ela é só uma criança, pelo amor de Deus. É demais.

Eu escrevi um bilhete hoje de manhã. Peguei uma folha do porta-folheto na parede e escrevi: “Por que você não deixa a Jenny ir? Por favor! Só isso. Deixe-a ir. Eu vou pagar por isso, se é o que você quer. Faço qualquer coisa. Diga o que você quer que eu faça e eu faço. Só deixe-a ir. Por favor”.

Eu sabia que era inútil.

Uma perda de tempo.

Mas eu fiz isso mesmo assim.

Anja está prestes a surtar. Ela está começando a parecer uma daquelas mulheres loucas que você encontra na rua, aquelas que carregam tudo o que possuem em sacolas de plástico e que gritam com os carros. O rosto dela está sem vida e desequilibrado.

Bird continua encarando todos como se quisesse nos matar.

Russell está ficando cada dia mais doente. Ele não consegue falar direito. Está com a fala arrastada e a cara carregada de dor.

Fred, no entanto... Fred continua parecendo bem forte. Duro e assustador. Feito de pedra. Acredito que ele esteja acostumado a isso. A dor não é nada para ele. Ela bate na cabeça dele e ricocheteia, como uma gota de chuva numa rocha.

E eu? Bem, eu só conheço meu rosto visto de dentro. Ele parece mirrado, duro e esfolado de dor.

Então lá estávamos nós, seis rostos moribundos ao redor da mesa, esperando que alguém começasse. O silêncio estava me torturando.

— Fala sério! — eu disse, enfim. — A gente tem de fazer alguma coisa. Não dá pra continuar desse jeito. Isso está nos matando.

Bird riu.

— Ah, é, certo. Boa ideia. *Fazer* alguma coisa.

— Linus tem razão — murmurou Anja.

Bird a olhou friamente.

— Você acha mesmo?

Anja baixou os olhos.

Bird sacudiu a cabeça negativamente.

— Da última vez que tentamos *fazer* alguma coisa não deu muito certo, né? — ele olhou para mim. — Se não tivéssemos *feito* nada, não estaríamos sofrendo agora.

— O que você quer que eu diga? — perguntei. — Você quer eu peça desculpas? Tá bom, desculpa. Eu *sinto muito* por ter tentado tirar a gente daqui. Por favor, me perdoa.

Bird revirou os olhos.

Eu odeio de verdade aquele imbecil. Não só ele, embora ele seja bastante terrível, mas tudo o que ele representa. Homem de terno. Homem de negócios. Do tipo que viaja de casa para o trabalho todos os dias. Sempre choramingando e reclamando de alguma coisa, nunca satisfeito. O trem está atrasado, está muito frio, eu estou tão *cansado*. Eles são todos iguais, como bebezões de terno. Brinquedos nas pastas executivas deles, trens em vez de bicicletas, esposas no lugar de mães, cerveja em vez de leite... Você sacou o que eu quero dizer? É como se eles tivessem crescido e se tornado nada além de crianças pervertidas. Eles pegaram as infâncias que tiveram, pegaram todas as coisas legais e transformaram em lixo. Isso me irrita de verdade. Não sei por quê, só sei que me irrita. Gente como Bird eu vejo todo dia... Eu *costumava* ver todo dia, quando ficava tocando meu violão na estação. Costumava ver o jeito que eles me olhavam, como se eu não fosse nada, um monte de merda. E eu costumava pensar — eu poderia *comprar* você. Eu poderia comprar tudo o que você tivesse mais de 40 vezes, então não me olhe desse jeito.

E acho que era isso que me dava mais nojo. Eu odiava como eles me faziam ser um deles.

De volta à mesa.

Então Bird está revirando os olhos para mim, me dando aquele olhar seu-monte-de-merda, e isso está começando a me tirar do sério de verdade. Estou prestes a dizer algo para ele quando Jenny puxa minha mão e cochicha algo no meu ouvido.

— O quê? — pergunto.

— Peça desculpas para Ele — ela sussurra.

— Eu acabei de pedir...

— Não, não pro Bird — ela olha para o alto. — Pra Ele, O Homem Lá Em Cima.

Olhei para ela.

— Pedir desculpas?

— É o que Ele quer.

Bird se inclina sobre a mesa.

— O que ela está falando?

Eu o ignoro. Não consigo deixar de sorrir para Jenny.

— Ei — diz Bird, batendo a mão na mesa. Eu me viro para ele. Seu rosto está vermelho e disforme. Ele diz: — Você está falando comigo ou está de nhem-nhem-nhem com a sua

namorada?

Eu me inclino sobre a mesa e dou um soco na cara dele.

Reunião adiada.

Fiz o que Jenny sugeriu. Pedi desculpas ao O Homem Lá Em Cima. Escrevi outro bilhete. Não foi difícil. É fácil pedir desculpas, especialmente quando você não está falando sério. “Por favor, me perdoe por ter tentando fugir”, escrevi. “Prometo que não vou fazer isso de novo e sinto muito por todo o problema que eu causei. Entendi que foi algo egoísta. Eu realmente sinto muito. Por favor, não nos castigue mais. Linus.”

Juntei o bilhete à lista de compras e os coloquei no elevador.

Eu me senti meio como uma criança mandando um bilhete para o Papai Noel. Esse garotinho não acredita em Papai Noel, mas que mal pode haver nisso? O que ele tem a perder?

Recado para O Homem Lá Em Cima: se você *estiver* lendo isto, por favor, ignore aquela parte sobre não falar sério quando eu pedi desculpas. Eu sinto muito. De verdade. Eu estava fingindo quando disse que não era para valer. Estava só me exibindo. Você sabe, bancando o durão.

Tá bom?

Claro, se você *não* estiver lendo isto...

Quinta-feira, 23 de fevereiro

Passei o dia todo sentindo pena de mim mesmo. Não sei o que de repente causou isso. Nada de terrível aconteceu, nada fora do comum. Eu só acordei me sentindo um bosta. Não me entenda mal. Eu não estou reclamando. Na verdade, eu até que gosto de sentir pena de mim mesmo. Tem algo de acolhedor e aconchegante nisso. E não é uma coisa ruim, é? Eu não acho que seja. Desde que você guarde para si mesmo, acho que não há nada de ruim com autopiedade.

É claro que, tecnicamente falando, não estou guardando para mim. Eu estou contando a você. Mas vou aceitar você como eu por enquanto — acho que consigo me sair com essa.

E se eu não conseguir?

Quem se importa?

O engraçado é que, quanto mais eu sinto pena de mim, menos perigoso isso tudo parece. Sim, é uma droga. É injusto. É inacreditável. É insuportável... Bem, não, não é insuportável. Nada é *insuportável*. Insuportável significa algo que você não é capaz de aguentar. Algo que mata você. Se não mata, então você aguenta. Não é assim? Não pode ser insuportável. Enquanto eu estiver vivo, estou suportando isso. E, mesmo que isso me *mate*, pouco vai me importar. Vou estar morto mesmo. Não vai haver nada mais para aguentar. A menos, é claro, que *exista* mesmo um lugar chamado Inferno.

Isso é uma ideia assustadora.

Fogo eterno e danação, demônios, tridentes, carvão em brasa... Jesus, imagine *isso*! Você passa a sua vida inteira rindo da ideia de Céu e Inferno; aí você morre, achando que é o fim, só que não é. Existe mesmo um Inferno. No fim das contas, é verdade. É *verdade*. E você está nele, sendo queimado e xingado pelo Diabo, tendo seus olhos arrancados por duendes gritando...

Isso seria bem perturbador, né?

Tem outro jeito de olhar para isso.

Deixe eu pensar um pouco.

Certo.

Na verdade, isso não tem nada a ver com Inferno. É outra coisa em que eu estive pensando. Eu estava pensando em como sou desafortunado. Como sou azarado por ter sido tirado do nada e ter vindo parar neste buraco de merda, sem qualquer perspectiva de sair. Eu estava pensando: eu devo ser uma das pessoas mais desafortunadas do mundo. E então eu *realmente* comecei a pensar nisso.

Certo, falei para mim mesmo, esqueça os outros, imagine que você está sozinho aqui embaixo. Só você. Aí você se pergunta: será que eu sou a pessoa mais desafortunada do

mundo?

Pense a respeito.

Teoricamente, é possível fazer uma lista. Você começa com a pessoa mais sortuda do mundo, a pessoa que tem tudo aquilo que sempre quis e mais, então você vai descendo pelos cerca de 7 bilhões de pessoas que vivem neste planeta, até finalmente chegar à pessoa mais azarada do mundo. A mais azarada, a mais infeliz, aquela cuja vida é pior que a de todo o resto.

Mas aí você tem um problema.

Você tem essa pessoa, a mais desafortunada do mundo, a pessoa que está bem na última posição da lista, certo? Mas, logo acima dela, você tem a *segunda* pessoa mais desafortunada do mundo. Agora pense. Qual delas você preferia ser? A mais desafortunada do mundo? Ou a segunda mais desafortunada? Eu sei qual escolheria. Eu ficaria com a primeira opção: A Pessoa Mais Desafortunada do Mundo. Pelo menos eu *seria* alguma coisa. Eu teria um título. Eu teria algo que ninguém mais teria. Quer dizer, quem ia querer ser A *Segunda* Pessoa Mais Desafortunada do Mundo? Segundo não existe. Segundo é igual a nada. Ninguém quer saber do segundo colocado. É aí que está o problema. Porque, se ser A Pessoa Mais Desafortunada do Mundo dá a você algo que A Segunda Pessoa Mais Desafortunada do Mundo não tem, então você não pode ser A Pessoa Mais Desafortunada do Mundo, certo? Mas aí, se o título de Mais Desafortunado pertence à Segunda Pessoa Mais Desafortunada, isso significa que *eles* têm algo que a nova Segunda Pessoa Mais Desafortunada não tem...

E assim sucessivamente.

Agora não consigo lembrar em que estava pensando.

Não importa.

O que quer que fosse, isso me fez sentir melhor.

Quando o elevador desceu hoje cedo, havia duas sacolas de comida no chão. Estávamos todos com fome, mas não tínhamos como saber se havia droga na comida ou não.

— Eu não vou tocar nisso — Bird falou. — Prefiro passar fome a passar por aquilo outra vez.

Eu olhei para ele. Ele me encarou de volta por um momento, depois virou de lado. Tem uma mancha vermelha feia na bochecha dele, onde eu o acertei. Eu queria não ter batido nele. Eu não me arrependo pelo ato, mas por toda a merda que vem junto com ele — o atrito, a conclusão, as possibilidades, a reação... Os nós dos dedos roxos.

Eu devia ter me lembrado do conselho do Bob Bonitão.

Bob era um lutador nato. Uma vez ele me disse que lutar se resume à atitude. Bata logo, bata forte, lute sujo. Trapaceie. E a coisa de que eu devia ter me lembrado: se você vai bater em alguém na cabeça, não use suas mãos. Mãos são frágeis. Elas quebram. Se você for bater na cabeça de alguém, use um pau, ou um tijolo, ou um violão, ou sua própria cabeça. Cabeças são duras e pesadas. Elas machucam. Elas surpreendem. As pessoas estão esperando um soco, não uma cabeçada.

Não usei minha cabeça.

— Alguém vai ter de provar a comida — falei. — Não podemos ficar aqui só olhando o dia todo.

Jenny disse:

— Por que não fazemos um sorteio?

— Pra quê? — perguntou Bird.

— Pra ver qual de nós vai provar.

— Eu não — Bird bufou.

— Pelamor... — falou Fred, dando um passo à frente e alcançando uma das sacolas.

Ele pegou uma maçã e enfiou os dentes nela. Metade dela desapareceu numa mordida. Ficamos lá o observando. Ele mastigou ruidosamente por um tempo, engoliu, depois comeu o resto, com miolo, sementes e tudo. No segundo seguinte, ele meteu a mão de novo na sacola e pegou um pacote de queijo. Rasgou a embalagem, arrancou um bom pedaço e enfiou na boca.

— Ei — Bird falou. — Vai devagar.

— Você quer um pouco? — Fred perguntou, oferecendo o queijo.

Bird recuou.

— Só vá com calma. Deixe um pouco para o restante.

Fred deu um sorriso.

— Ele que tem a coragem...

— Não coma tudo — falei.

Fred parou de mastigar e me encarou.

— O quê?

Eu o olhei nos olhos.

— Não coma tudo. Deixe um pouco pra Jenny. Ele precisa mais do que você.

Ele continuou me encarando por um bom tempo, com seus olhos duros e violentos, e por um momento achei que ele ia esmagar minha cabeça ou algo assim. Mas então ele apenas concordou com a cabeça, piscou para Jenny e me deu um sorriso todo cheio de queijo.

— Sem crise — ele falou.

Ele jogou o queijo de volta na sacola e pegou um chocolate e um pedaço de pão.

— Me deem 15 minutos com isso. Deve bastar. Se eu não estiver deitado conversando com a Lua em 15 minutos, podem começar a festa, tá bom?

— Obrigado.

Ele enfiou um pedaço do chocolate na boca e começou a andar em direção ao quarto dele, mantendo os olhos fixos em mim enquanto caminhava. Ele ainda estava sorrindo, mas era aquele tipo de sorriso que faz o seu coração parar. Ao passar por mim, ele se curvou e falou baixinho no meu ouvido. Duas palavrinhas apenas.

— Fica esperto.

Então se foi.

A comida estava boa. Sem drogas, sem esquisitices, apenas uma bela pança cheia. Parece

que Jenny estava certa. Ele só queria que eu pedisse desculpas.

Isso me deixou intrigado.

Estou aqui deitado faz duas horas tentando entender o que isso quer dizer. Eu peço desculpas, Ele nos dá comida. O que se passa? Será que isso significa que Ele tem um ponto fraco? Será que Ele não consegue resistir a boas maneiras? Ou Ele está tentando nos *treinar*? Não acho que seja isso. Acho que não significa nada. Acho que Ele ia nos dar comida de qualquer maneira. A comida que veio hoje cedo, na manhã seguinte ao meu pedido de desculpas, foi só uma coincidência. Ele estava só se divertindo com a gente. Dá e tira. Bom e mau. Quente e frio. A comida não era um presente, uma recompensa ou qualquer outra coisa...

Ou talvez fosse.

Talvez esse seja o barato Dele: castigo e recompensa. Você sabe, tipo como se fôssemos ratos numa gaiola e tivéssemos de aprender que botões apertar. Apertamos o botão certo e ganhamos comida, apertamos o errado e recebemos uma paulada.

Talvez seja isso.

Não sei.

Para ser sincero, estou de saco cheio de pensar nisso.

Estou de saco cheio de pensar em qualquer coisa.

E estou de saco cheio de falar com você também. É como falar com um muro. Quer dizer, o que você faz? Nada. Você só fica aí sentado, sem dizer nada, sem fazer coisa alguma. Você me dá nojo.

Deus, eu quero *fazer* alguma coisa. Qualquer coisa. Cavar um buraco, derrubar a parede, explodir algo, bater em alguém, qualquer coisa.

Eu quero apenas *FAZER ALGUMA COISA!*

23h30

Desculpa.

Sábado, 25 de fevereiro

Dois dias de comida, dois dias de paz e sossego. Normalmente eu gosto de um pouco de paz e sossego, mas isso não é normal. Agora nada mais é normal. Esse não é o tipo de tranquilidade que deixa você relaxado; isso é entediante e mortífero, como se todo mundo tivesse perdido as esperanças.

Ultimamente nós todos temos passado um bom tempo sozinhos nos quartos, inclusive eu. Não é saudável, eu sei, mas é difícil achar energia para fazer qualquer outra coisa. Estou dando o melhor de mim. Eu me forço a levantar cedo e a dar uma caminhada a cada duas horas, mais ou menos. Isso mantém minha sanidade e evita que minha cabeça entre em colapso. Além disso, eu ainda estou procurando um jeito de sair daqui. Meu cérebro continua me dizendo que estou perdendo meu tempo, mas meu coração ainda não desistiu.

Com certa frequência, Jenny tem se juntado a mim nas minhas caminhadas e, às vezes, Fred também me acompanha por um tempo, mas o resto deles raramente sai da cama. Eles só dão as caras quando o elevador desce ou quando precisam ir ao banheiro.

Eu não sei o que eles fazem nos quartos deles.

Anja tem chorado bastante.

Eu fui vê-la ontem. Eu não sei por que me importo. Eu sabia que seria inútil.

Toc-toc.

— Quê?

— Sou eu, Linus.

— O que você quer?

— Nada, na verdade. Eu só queria saber como você está.

— Vai embora.

Russell dorme a maior parte do tempo.

Eu não sei o que Bird faz. Nunca escuto nenhum barulho vindo do quarto dele e só o vejo muito raramente. Mesmo quando isso acontece, ele não fala comigo. Ele ainda não me perdoou por ter batido nele. Faz sentido, acho. Acho que ele está preparando algum tipo de retaliação humilhante para mim. Boa sorte para ele. É preciso muito para me humilhar.

Jenny canta quando está sozinha. Eu a ouço às vezes, cantando baixinho para si mesma — canções de crianças, canções inventadas, canções sem sentido. Soa bonito, mas triste também.

E eu? O que eu tenho feito no meu quarto?

Eu penso.

Escrevo.

Não leio a bíblia.

Rio.

Eu estremeço.

Mas, na maior parte do tempo, eu apenas penso.

Muito do que penso são coisas sobre a fuga, coisas que não posso contar a você. Pelo menos não por enquanto. Espero que nunca. E o restante do que penso... Eu não sei. A maioria é coisa chata demais para ficar falando a respeito. Meu pai, minha mãe, lembranças, sentimentos...

Quem quer saber sobre esse tipo de besteira?

Mas uma coisa eu vou contar a você.

Quando eu conseguir cair fora daqui, a primeira coisa que vou fazer é achar um belo quarto para mim com um belo e confortável sofá-cama e uma bela e grande TV. Eu vou ficar ali deitado e assistir aos programas mais chatos que encontrar até que o menor dos meus pensamentos tenha sido sugado da minha cabeça; aí vou ficar deitado um pouco mais até secarem todas as minhas emoções. Então eu vou comer um quarteirão com queijo GRANDE, com fritas GRANDES, e vou fazer isso tudo descer com uma Coca-Cola GRANDE com muito gelo. Depois, vou entrar numa banheira e tomar um banho de espuma pelando de quente — e não vou sair dali até que a água esteja fria e meus dedos todos enrugados.

Depois vou comer outro quarteirão com queijo GRANDE.

E aí...

Aí eu penso a respeito quando isso acontecer.

Agora vou dormir.

Terça-feira, 28 de fevereiro

Agora eu realmente fui lá e fiz. Tentei fugir de novo. Dessa vez não contei a ninguém o que eu estava fazendo.

Dessa vez...

Merda.

Dessa vez eu acho que fiz uma grande besteira.

Achei que eu tivesse planejado tudo. Eu usei minha cabeça. Usei lógica. Usei a experiência anterior. Qual é o problema? Perguntei para mim mesmo. Dê um passo para trás e se restrinja somente ao básico, Linus. Qual. É. O. Problema? Bom, o problema é que Ele está lá em cima e nós aqui embaixo. E, enquanto ele estiver lá em cima, nós ficaremos aqui embaixo.

Certo?

Certo.

Então por que não tentar fazê-lo descer aqui?

Ele já veio aqui antes, não veio? Ele gosta de punir você. Se você fizer algo errado, Ele vai punir você. Da última vez que você tentou escapar, Ele usou o gás contra todos vocês, depois veio aqui embaixo e tirou toda a comida. Pense nisso. Ele desceu pelo elevador. Isso quer dizer que Ele deve ter algum tipo de aparelho de controle remoto, de outra forma Ele não conseguiria subir de novo, certo?

Então tudo o que você precisa é fazê-Lo descer aqui e, aí, tomar as medidas necessárias.

Faça isso.

Então passei o sábado e o domingo pensando e planejando; na segunda, eu estava pronto. Eu tinha um plano. Reconheço que o plano estava cheio de furos, mas, do meu ponto de vista, um plano cheio de furos era melhor do que nenhum plano.

Passo 1: Peguei alguns sacos de lixo da cozinha, enchi uma panela de água e fingi limpar meu quarto. Molhando um pano, esfregando algumas superfícies, com cuidado para não molhar demais o pano.

Passo 2: Tirei o lençol da minha cama e o levei ao banheiro. Enchi a banheira, mergulhei o lençol e o lavei. Depois trouxe de volta o lençol para meu quarto e o pendurei na porta para secar.

Passo 3: Fiquei nervoso. Me dei conta de novo de como o plano é furado e me bateu a certeza absoluta de que não ia funcionar. “Nada é 100% certo”, falei para mim mesmo. Ignore isso.

Passo 4: Saí do quarto, fui até a mesa de jantar e peguei uma cadeira. Então fui até o relógio na parede e o destruí com a cadeira. Pus a cadeira de volta no lugar e voltei ao meu quarto.

Passo 5: Esperei. Sentei na minha cama e olhei para a grelha no teto. *Leia meus pensamentos, Senhor*, pensei. Eu quebrei o seu relógio. Me castigue. Eu quebrei o seu relógio. Se você quiser continuar brincando com o tempo, vai precisar vir aqui embaixo para consertá-lo. Você ouviu o que eu disse? Eu quebrei o seu relógio. Vamos lá, me castigue. Qual é o seu problema? Está com medo? Vamos lá...

Clic.

As luzes se apagaram.

Ouço vozes do lado de fora.

— O que está acontecendo?

— Merda, o que foi agora?

— Ei!

Então,

Toc-toc.

— Linus?

É Jenny.

— Volte para o seu quarto, Jen — gritei. — Fique calma. Vai ficar tudo bem.

— O que está acontecendo?

— Nada. Volte para o seu quarto, vá para a cama e fique lá deitada paradinha.

Então escuto o chiado. Olho para a grelha. Já consigo sentir o cheiro dos produtos químicos, está ficando cada vez mais forte.

Passo 6: Pego um saco de lixo debaixo da minha cama e faço um buraco nele para fazer um colarinho. Puxo o plástico preto pela minha cabeça e o enrolo apertado em volta do pescoço. Apanho o lençol úmido na porta. Corto uma tira, mergulho-a na panela cheia de água e a enrolo, passando pela minha boca e meu nariz. E agora o cheiro do químico está ficando mais forte. O ar está penetrante, cheio de gás, difícil de respirar. Olhos ardendo. Cubro minha cabeça com o lençol úmido, enrolo ele algumas vezes na minha cabeça, olhos, boca, nariz, o escondo dentro do colarinho de saco de lixo. Respiro com facilidade. Jogo água sobre minha cabeça embrulhada. Deito na cama. Puxo o cobertor. Respiro com facilidade. Concentre-se... Mantenha-se acordado. Fique deitado... Relaxe... Finja-se de morto.

O gás continua saindo.

Chiando no escuro.

Por quanto tempo?

Um, mil... dois, mil... três, mil... quatro, mil...

Conte.

Concentre-se.

Fique acordado.

Por quanto tempo?

Minutos.

Ficando com o olho pesado.

Conte.

Um, mil...
Pense.
Fique acordado.
O chiado para.
Eu ainda estou vivo.
Estou consciente.
Com náusea, tonto, dopado... Mas ainda consciente.
Agora eu só preciso esperar.
Um minuto.
Fique quieto.
Cinco minutos.
Permaneça deitado.
Dez minutos.
Ouça.
Tuc-shhh-mmm...
A porta do elevador fechando.
Mmmmmm...
Subindo.
Clanc, clanc.
O elevador para.
Pausa.
Um zumbido.
Clanc... clic... mmmmm...
O elevador está descendo.

Passo 7: Eu pego a panela, esvazio-a, saio da cama. Corro. Minhas pernas estão moles, minha cabeça está latejando. O ar está sujo, espesso com o gás. Rápido, vá até o elevador, fique de costas para a parede, segure a panela. Fique acordado. Está descendo... *mmmmmmmm...* Está vindo, Ele está vindo... *clanc, clanc...* Prepare-se... A porta está abrindo... *mmm-shhh-tuc.*

Levante a panela, pronto para atacar.
Pronto.
Pronto...
Nada acontece.
Espere.
Vamos lá...
Cadê você?
Nada.
Cadê você?

Fiquei ali por um bom tempo. De costas para a parede, com a panela erguida, o coração

batendo a mil, cabeça enevoadada, embrulhada em plástico e pano molhado, olhos jorrando... E eu percebi então que Ele não estava lá.

Ele não estava no elevador.

Eu tinha falhado. Eu sabia.

Precisei finalmente encarar isso.

Desencostei da parede e olhei dentro do elevador.

A única coisa que havia ali, posicionada cuidadosamente no meio do piso, era uma nota encardida de dez libras, dobrada em forma de uma borboleta. Era minha nota de dez libras. Não sei como eu sabia, eu apenas sabia. Era a nota de dez libras que estava na minha meia quando Ele me pegou. Aquela que Ele tirou de mim séculos atrás.

Agora a situação está realmente ruim e é tudo minha culpa. Todos, com exceção de Jenny e Russell, me odeiam de morte por tê-los feito receber outra dose de gás. Até Russell ficou meio frio por um tempo.

— Você deveria ter discutido isso comigo — ele disse.

— Você teria me dito para não fazer isso.

— Talvez.

— Você teria. Sei que teria. Foi por isso que não falei.

— Bom, de qualquer forma, já está feito.

Está feito, tudo bem.

A comida parou de vir outra vez. O aquecimento está desligado. Não temos mais nem mesmo um relógio.

E isso não é o pior.

Não está nem *perto* do pior.

Nesta manhã algo *realmente* horrível aconteceu. Ele elevou o castigo para outro nível. Até agora não consigo acreditar.

Eu estava deitado na cama tremendo, tentando decidir o que estava achando pior. O frio? A fome? O vazio na minha cabeça? A dor na minha bexiga? Não havia muito que eu pudesse fazer a respeito dos três primeiros itens, então decidi agir para resolver o quarto. Levantei da cama, embrulhei o cobertor ao redor dos meus ombros e segui para o banheiro. Quando deixei meu quarto, vi Bird de pé ao lado do elevador. Ele olhou na minha direção, então virou rápido para o outro lado, fazendo um showzinho para mostrar que estava me ignorando. Eu murmurei algo e perdi uns dez segundos olhando azedo para as costas dele. Então Fred surgiu a passos largos pelo corredor indo em direção à cozinha, e voltei minha atenção a ele. Sem camisa, pálido e cansado. Ele acenou com a cabeça para mim, mas não disse nada. Eu o esperei passar e estava prestes a me virar para o corredor quando ouvi o elevador descendo. Parei. Eu sabia que ele estaria vazio, sem comida, mas ainda assim precisava esperar para ver.

O elevador é a coisa.

A coisa.

É impossível resistir. Não dá para ignorá-lo. É como ficar procurando dinheiro nos bolsos da

sua calça mesmo quando você sabe que eles estão vazios. Você já conferiu duas vezes e sabe que não tem nada neles, mas continua checando, só por via das dúvidas.

Mas, enfim, o elevador desceu.

A porta se abriu.

Ele não estava vazio.

Havia um cachorro dentro.

Eu já tinha visto uns cachorros bem assustadores na minha vida, mas aquele ali... Deus... Aquele era outra coisa. Um *dobermann*. Um daqueles bem feios. Marrom-escuro, quase preto. Cabeça alongada, olhos pequenos e aguçados, ombros fortes. Magrelo, esquelético, subnutrido. Olhos flamejantes, dentes escancarados, lábios pretos rosnando.

Nós todos congelamos. Bird, Fred, eu, o cachorro. Por cerca de meio segundo nada aconteceu. O cachorro ficou ali parado, nos encarando, alto, inflexível e silencioso, e nós três ficamos ali parados também, sem mover um fio de cabelo, encarando-o de volta. Então, de repente, sem emitir qualquer som, o cachorro disparou do elevador e se lançou contra Bird. Nenhum rosnado, nenhum latido, nada — só uma risca preta e um clarão de dentes ferozes. Foi de tirar o fôlego. Bird se contorceu e jogou as mãos para cima para proteger o pescoço, mas o cachorro foi nele como um míssil teleguiado. Ele saltou e afundou seus dentes no pescoço de Bird, logo acima do ombro. Bird gritou e caiu no chão com o cachorro por cima dele.

Não consegui me mexer. Eu estava paralisado. Mas Fred já estava agindo. Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, ele já estava no meio do corredor, tirando o cinto da sua calça enquanto corria na direção de Bird e do cachorro. A essa altura, Bird estava chorando, um som terrível e agonizante. Pude ouvir o barulho do dente pegando o osso. O cachorro estava mordendo seu pescoço. Havia sangue por todos os lados. Fred não hesitou nem por um segundo e correu até Bird e o cachorro, passando o cinto pela garganta do *dobermann*. Ele apoiou o joelho no dorso do cachorro e puxou o cinto com força, torcendo-o em suas mãos. Então se ergueu, agitando o cachorro para cima e para baixo, sem deixar de apertar o cinto enquanto o puxava. O cachorro se sacudiu no ar, se contorcendo e mordendo como um doido. Então Fred o girou no ar e o jogou com tudo no chão. Antes que o cachorro tivesse chance de se levantar de novo, Fred se atirou sobre ele e agarrou seu focinho com uma de suas mãos gigantes, mantendo a boca do animal fechada. Ele enganchou o outro braço debaixo do pescoço do cachorro, depois soltou o focinho, travou os dois braços unidos, cerrou os dentes e apertou. Cada vez mais firme, pressionando a cabeça do cachorro para baixo, esmagando sua garganta... Estrangulando, apertando, espremendo. O cachorro lutou horivelmente, chutando suas patas e flexionando seu corpo, mas Fred estava com todo o peso dele sobre o animal. O cachorro não podia se mover. Não podia morder. Não podia respirar. Fred o apertou mais, gemendo e pressionando, forçando a cabeça do cachorro para baixo com toda a força, até que finalmente ouvi um estalo abafado e a fera ficou mole.

Fred não o largou. Ele ficou ali sentado por cerca de um minuto, encharcado de suor, ainda apertando a cabeça do cachorro para ter certeza absoluta de que ele estava morto. Então, com um último suspiro, ele o soltou. O *dobermann* sem vida tombou no chão, com a cabeça

baqueando no pescoço quebrado. Fred olhou para o animal por um momento, sem qualquer expressão nos seus olhos. Então ele se levantou, arrastou o cachorro morto para dentro do elevador e o atirou com desdém no canto.

A essa altura, os outros já tinham vindo. Jenny, Anja e Russell. Eles estavam encolhidos juntos no fim do corredor, seus olhos chocados com medo e descrença. Jenny estava chorando e Anja, de boca aberta, olhava fixamente para Bird. Ele não estava se mexendo. Seu corpo estava no chão com os joelhos encostados no peito, e os braços estavam aninhados sobre a cabeça.

Russell se arrastou até ele.

Eu cruzei até Fred.

— Você está bem?

— Estou — ele disse, arfando.

Ele enxugou o suor da testa e olhou para dentro do elevador. O *dobermann* morto estava deslocado de lado, as orelhas estavam caídas e a boca, aberta, revelava duas fileiras de dentes amarelados manchados de sangue.

— Merda — eu disse.

Fred colocou a mão no meu ombro.

— De tédio a gente não morre, né?

Bird não morreu. Ele está bastante ferido, mas não está morto. Está com uma ferida feia aberta no pescoço e perdeu bastante sangue. Russell limpou o ferimento com água e depois deixou-o sangrar. Anja quis que fosse feito um curativo, mas Russell explicou que é melhor deixar sangrar. Isso ajuda a limpar o ferimento, aparentemente.

— Ele vai ficar bem? — perguntei a ele.

Russell encolheu os ombros.

— Foi uma mordida bem feia e perto da cabeça. Mas, enquanto não pegar uma infecção, ele deve ficar bem.

— O que acontece se ele pegar uma infecção?

— Nem queira saber.

— Há alguma coisa que a gente possa fazer?

— Ele precisa de antibióticos.

— Sem chance. Alguma outra coisa?

Russell riu desanimado.

— A gente sempre pode tentar rezar.

Então assim foi a segunda-feira. Ou terça, ou quarta...

Assim foi hoje.

Agora é quase meia-noite e tudo está em silêncio. Estou com fome. Estou com frio. Estou confuso. Será que a culpa foi minha de Ele ter mandado o cachorro? Sou o culpado de Bird estar ferido? Ou será que isso ia acontecer de qualquer jeito? Não sei. Realmente não sei. Mas, qualquer que seja a resposta, eu não vou me sentir mal por mim, mesmo. Não posso deixar isso

acontecer. Eu *não* posso me culpar. Quer dizer, você faz o que faz, não faz? Você simplesmente faz. O que mais você pode fazer?

O que *você* faria?

Se você fosse eu, o que você faria? Desistiria? Simplesmente desistiria? Não faria nada e ficaria chorando? Você simplesmente cruzaria os braços e aceitaria o que viesse? Aceitar o que lhe é dado. Aceitar...

Será que devo?

Talvez eu deva simplesmente desistir e me render. Aqui, tome minha vida. Vá em frente, pegue-a. Faça o que quiser com ela. Eu não me importo.

Eu não sei.

Talvez eu devesse tentar me desculpar de novo, só que dessa vez me rastejar um pouco mais. Eu poderia ficar de joelhos, fechar meus olhos, dizer a Ele como Ele é maravilhoso...

Pensando bem, acho que prefiro simplesmente desistir.

Quarta-feira, 29 (?) de fevereiro

Meio do dia.

Nada de comida.

Ainda estamos colocando a lista de compras no elevador toda noite, mas, quando o elevador desce pela manhã, a lista não está mais lá e não tem comida nenhuma, nada. Só um elevador vazio. Ainda tem um restinho de comida na geladeira, por isso ainda não estamos completamente famintos. Mas estamos sentindo fome e frio. O aquecimento continua desligado e aqui embaixo está absurdamente congelante. As paredes estão cobertas com uma camada de gelo.

Bird não parece muito bem. O pescoço dele ficou vermelho e ele está com febre. Passou os últimos dois dias na cama, gemendo e se queixando o tempo todo. Mas não se esqueça de que já era assim que ele passava a maior parte do tempo, por isso não estou tão preocupado.

Um momento perturbador. Eu cruzei com Russell no corredor esta manhã. Ele estava lá parado de pé, olhando para a parede.

— Senhor Lansing? — falei. — Russell?

Ele se virou e olhou para mim.

— Olá!

— O que você está fazendo?

Ele sorriu.

— Interrogatório.

— Quê?

— Eles querem falar comigo sobre uma coisa — ele piscou. — Procedimento disciplinar.

Eu não sabia o que dizer.

Eu o deixei ali olhando para a parede.

Jenny pegou um forte resfriado. Pelo menos, acho que é só um resfriado. Os olhos dela estão lacrimejando e ela fica tossindo sem parar.

Mas, tirando tudo isso, está tudo bem.

Tarde da noite.

Quieto. Branco. Frio. Morto.

Coloquei um bilhete no elevador hoje à noite pedindo antibióticos e qualquer coisa para o resfriado de Jenny. Sei que é perda de tempo, mas posso me dar a esse luxo. Eu tenho todo o tempo do mundo. Quer dizer, a gente pode não ter comida nem aquecimento aqui, mas, se tem uma coisa que Ele não pode tirar da gente, é o tempo. Ele pode ferrar com a nossa percepção

dele — ou pelo menos podia antes de eu destruir o relógio —, mas tempo é algo que Ele não pode nos *negar*. Temos um monte dele.

Um monte de tempo.

Estive pensando nisso.

Tempo...

Tique-taque.

Antes de mais nada. Eu acabei de me dar conta de que dia é hoje: 29 de fevereiro. Acho que é mesmo 29. Acho que estamos num ano bissexto. Nunca consigo lembrar como isso funciona.

Não que isso tenha importância.

Mas, se eu estiver certo, faz um mês que estou aqui. Na verdade, 32 dias. Fiz as contas: 32 dias; 768 horas; 46.080 minutos; 2.764.800 segundos. Acrescente ou subtraia um dia ou dois. Ou três.

É tudo relativo, claro.

Vamos dizer que faz um mês que estou aqui. Eu tenho 16 anos e 4 meses (acrescente ou subtraia uns dias), que são 196 meses. Sendo assim, um mês para mim equivale a $1/196$ da minha vida. Mas Russell... Bem, vamos dizer que ele tenha 70 anos. Setenta anos são 840 meses. Então ele está aqui há $1/840$ da vida dele. E Jenny, no tempo dela, está aqui há muito mais que nós dois. Não sei exatamente quantos anos ela tem (eu sei que ela tem 9, mas não sei quando ela vai fazer 10), mas vamos dizer, só para deixar as coisas mais simples, que ela tem 10 anos. Isso quer dizer que ela está aqui há quase $1/120$ da vida dela.

Viu? Um mês tem significados diferentes para diferentes pessoas. Foi isso que eu quis dizer quando falei que o tempo é relativo.

Tempo...

É, ando pensando nisso. Pensei tanto nisso que fiquei num beco sem saída.

E tem mais...

É difícil.

Espera aí.

Deixa eu ver se entendi.

Certo, é algo mais ou menos assim. Você tem o passado, o presente e o futuro, tá bom? Em sentido de tempo, é tudo o que você tem. Antes, agora e depois. O passado se foi. Você não existe no passado, certo? Já era. Você consegue se lembrar dele, mas não existe nele. E você não existe também no futuro, não é? Ele ainda não aconteceu. Então resta o presente. Agora. Mas, se pensar a respeito, se você se perguntar o que realmente é o presente, *quando* ele acontece... Quer dizer, quanto tempo tem o presente? Quanto dura o *agora*? Este exato momento, já, o momento em que você existe. Quanto ele dura? Um segundo? Meio segundo? Um quarto de segundo? Um oitavo de segundo? Você pode seguir cortando-o pela metade para sempre, sem parar. Você pode reduzi-lo a um tempo infinitesimalmente curto, ao zilionésimo de um nanossegundo, e aí você *ainda* pode cortá-lo pela metade de novo. Como você pode existir num intervalo de tempo incomensuravelmente tão curto? Você não pode, né? É curto demais para sentir. Antes de você perceber, ele já era.

Mas, se você não existe agora nem no futuro nem no passado, quando é que você existe?
Tempo...

Fui procurar Russell para falar sobre isso. Esse é o tipo de coisa que ele conhece bem, tempo e matéria. Mas ele estava desorientado de novo. Ele achou que eu era alguém chamado Fabian.

Não acho que isso seja importante.

Quinta-feira, 1º de março

Agora estamos totalmente sem comida. Hoje cedo dividimos os últimos *cream-crackers*. Dois para cada. Hummm... Nada como um biscoito murcho para revigorar a alma.

Bird já está andando. O pescoço e a metade do rosto dele acabaram ficando com um tom azul esquisito e ele está com umas horríveis manchas vermelhas, meio roxas, por toda a pele. Mas ele já está andando por aí, então não deve estar tão mal. Eu perguntei como ele estava, mas ele nem olhou na minha cara.

Ele tentou conseguir um biscoito a mais. Ele disse que estava doente e que precisava de energia extra. Queria ficar com um dos meus. Falou que eu era o culpado por ele estar assim, então eu devia dar um dos meus biscoitos para ele.

Fred o mandou calar a boca.

É engraçado. Bird odeia Fred. Acho que não tanto quanto me odeia, mas é bem parecido. Ele acha Fred um idiota. Vulgar. Animalesco. Desprezível. Ele o considera um marginal. Só que agora ele lhe deve a vida e não sabe como lidar com isso. Ele não sabe como mostrar gratidão. Se eu estivesse no lugar dele, teria dito simplesmente “obrigado, muito obrigado por ter salvado minha vida” e ficaria por isso. Mas Bird parece acreditar que deve algo a mais a Fred, como se estivesse em dívida com ele ou algo assim. Daí que agora ele está todo submisso, todo sem graça, mas ao mesmo tempo não consegue esconder o desprezo que sente por Fred. É algo que exala do sorriso dele como um cheiro insuportável.

É realmente patético.

*

Tive uma longa conversa com Russell esta noite. Não mencionei o incidente em que ele ficou meio estranho, mas acho que ele sabe a respeito. Ele parecia um pouco constrangido, como um bêbado que sabe que fez uma idiotice mas não consegue lembrar exatamente o quê. Mas, enfim, Russell me contou tudo sobre quando ele era criança, sobre os pais e a escola dele e como foi crescer sendo negro e gay. Ele fez parecer engraçado, mas acho que deve ter sido uma barra. Ele apanhava com frequência.

Quando os garotos do colégio interno começaram a implicar comigo, achei que tivesse algo a ver com o fato de meu pai ser rico, que eles tinham inveja, mas logo descobri que eu não tinha nada que eles devessem invejar. Os pais deles nadavam em dinheiro também, *muito* dinheiro mesmo, e pelo menos metade deles eram filhos de celebridades *de verdade*. Só a nata das celebridades. Lordes e ladies, membros da realeza, deputados, estrelas do rock, esse tipo de gente. Comparado com os pais deles, o meu não era nada. E então comecei a pensar que talvez esse fosse o motivo de eles implicarem comigo. Por eu ser comum, da classe operária. Eu não

tinha boa educação. Ou talvez eles não gostassem do meu cabelo comprido. Ou do jeito que eu falava.

Ou talvez eles simplesmente não gostassem de mim.

É possível, né? Talvez eu não seja tão legal. Quer dizer, não dá pra dizer, certo? Você não sabe dizer se é legal ou não. Você acha que é, mas todo mundo se acha legal. Todo mundo se acha de boa.

Mas, enfim, isso não faz diferença agora. Eles implicavam comigo, não importa por quê. Eles simplesmente implicavam.

Russell me perguntou o que vou fazer quando sair daqui, se vou voltar para a casa do meu pai.

— Não sei — eu disse. — Provavelmente. A rua é legal por um tempo, mas no fim não é melhor do que qualquer outro lugar. O mesmo lixo de gente, o mesmo lixo de vida. A mesma merda de sempre. Pelo menos meu pai não rouba minhas coisas.

— Você sente falta dele? — Russell perguntou.

— Eu não o conheço o suficiente para sentir falta dele.

Russell olhou para mim.

Suspirei.

— Tá, eu sinto.

Meu pai tentou me achar da primeira vez que fugi. Ele usou cartazes, aquele típico DESAPARECIDO, com meu nome, minha fotografia e tudo o mais. Ele mandou colocá-los por toda parte. Vi alguns espalhados por Londres, a maioria em estações de trem e metrô, mas, como meu pai não sabia onde eu estava, mandou colocar os cartazes por todo o país. Descobri isso com uma garota que tinha vindo de Northampton. Sophie. Eu a conheci um dia dando uma volta perto do McDonald's na Liverpool Street. Ela usava um vestido esfarrapado, meia-calça preta fina e botas de couro vermelho vivo. Ela era meio que bonita. Enfim, a gente começou a conversar e ela disse que me reconheceu dos cartazes em Northampton.

Depois daquilo, cortei meu cabelo curtinho e o pinteí de loiro.

Meu pai também contratou um detetive. Um baixinho nojento num terno barato. Ele começou bisbilhotando por aí, fazendo perguntas, mostrando minha foto para as pessoas, mas ele não durou muito. Bob Bonitão o rastreou e deu uma surra nele. Acho que ele nem fez isso por mim, é que simplesmente gosta de bater nos outros.

Viu?

O mesmo lixo de gente...

Estou cheio disso.

Domingo, 4 de março

Não consegui escrever por um tempo. Não consigo pensar em nada para dizer. Estou com fome, com frio, entediado, apavorado, de saco cheio.

A mesma coisa de sempre.

Meu Deus, estou *tão* de saco cheio.

Chega a um ponto em que você não consegue fazer nada. Você não consegue pensar mais. Não consegue se lembrar de coisa alguma. Você não sente nada. Nem bravo você consegue mais ficar. Você só fica deitado na cama o dia inteiro, olhando para o ar. Aí as luzes se apagam e você fica olhando para a escuridão.

As luzes se acendem.

O elevador vazio desce.

O dia passa.

O elevador vazio sobe.

As luzes se apagam.

Tento continuar pensando, mas, quanto mais eu me concentro, mais fico confuso. O que estou fazendo? Pensando. Pensando? O que é isso? *Pensar*? Como é que *isso* funciona?

Eu penso nisso e minha cabeça começa a girar.

Fica pior.

Eu me imagino sendo nada além de 16 anos de pele, osso, músculo, cérebro, sangue, carne e substância gelatinosa. Eu imagino símbolos dentro da minha cabeça. Coisas elétricas. Circuitos. Tubos. Padrões espaciais congelados no tempo. Coisinhas minúsculas. Pedacos de coisas. Curtos cordões serrilhados. Carbono. Componentes.

Matéria.

Eu penso nisso.

Eu penso no que essa matéria pode fazer.

Pode me fazer mexer. Pode andar. Pode respirar. Pode crescer. Pode ver. Pode ouvir, tatear, cheirar, sentir o gosto. Pode gostar e odiar. Pode querer. Pode precisar. Pode sentir medo. Pode falar. Pode rir. Pode dormir. Pode brincar. Pode se espantar. Pode contar mentiras. Pode lembrar. Pode viver com dúvidas e incertezas. Pode cantar, lá-lá. Pode dançar. Pode sonhar. Ela sangra. Tosse. Pisca. Treme e sua. Ela pode viver sem amar.

É complicado.

Ela pode:

Analisar.

Coordenar.

Destruir.

Sonhar.
Secretar.
Controlar.
Gerar.
Degenerar.
Sintetizar.
Emocionar.
Regular.
Calcular.
Imaginar.
Ela pode correr.
Brincar.
Pular.
Julgar.
Ela pode pegar uma bola.
E dançar.
E lutar.
E chorar.
Ela pode saber à noite que a manhã vai chegar.
Ela pode cuspir.
Reconhecer.
Andar de bicicleta.
Ela pode matar.
Assobiar.
Perguntar.
E esquecer.
Ela pode ter esperança.
E ferir.
Ela pode vir a saber que não há nada para se saber.
E ela pode, e ela vai, fechar meus olhos.

Terça-feira, 6 de março

Estou me sentindo melhor agora. Continuamos sem comida e ainda faz muito frio, mas pareço ter tirado energia de algum lugar, e consegui sacudir o pior da tristeza.

Eu não me sinto mais tão desesperado.

Eu não sei o que aconteceu comigo nos últimos dias. Eu me perdi, acho. Me afundei num buraco por um tempo.

Buracos... São um negócio traiçoeiro. Você não sabe que está dentro de um até conseguir sair dele.

Hoje cedo eu matei e comi algumas baratas. Das grandes. Elas estavam na cozinha, atrás do fogão incendiado. Eu estava só bisbilhotando ali à toa, dando uma olhada. Você nunca sabe o que pode encontrar atrás de um fogão, né? As baratas estavam na parede. Eu as peguei rápido, as esmaguei, enfiei a gosma num copo, misturei com um pouco de óleo e engoli tudo.

Tinha um gosto podre.

Mais tarde. 11h57, para ser mais preciso.

Temos um novo relógio.

Algumas horas atrás veio o gás nocauteador. Eu estava no quarto, sentado na cama tentando tirar uns nós do cabelo. Ouvi o chiado, olhei para cima e então senti o cheiro do químico. Eu me levantei e tentei enrolar um lençol em volta da cabeça, mas era muito tarde. Meus olhos começaram a lacrimejar, o negócio entrou nos meus pulmões e já era.

Quando acordei, saí para checar os outros. Eles já estavam bem, com exceção de Bird, que estava deitado na cama, ofegando como um peixe na areia. Fazia um bom tempo que eu não o via e não tinha me dado conta de que ele estava tão mal. A pele dele está toda cheia de estrias e sem cor, a cabeça está inchada, o pescoço duro como uma tábua e seus olhos estão esbugalhados como os de um doido. Foi uma visão bem chocante. Coisa demais para suportar.

Saí do quarto dele e me juntei aos outros.

Nós demos uma boa olhada para ver se Ele tinha feito alguma coisa aqui enquanto estávamos apagados, mas a única coisa que encontramos foi o relógio. Um relógio novinho em folha.

Exatamente como o antigo.

Só por um momento eu tive um desejo irresistível de destruí-lo.

E foi só isso.

Ficamos todos por lá, tentando pensar em alguma coisa para dizer, mas ninguém conseguiu pensar em nada. Novo relógio? Grande coisa. Não dá para comer isso, dá? Depois de um tempo o silêncio era demais e todos começaram a se arrastar de volta para seus quartos.

Eu segui Russell e falei com ele à sua porta.

— Posso ter uma palavrinha com você? — perguntei.

Ele me olhou com olhos distantes.

— Sobre o Bird — falei.

— Quem?

— Bird. Acho que ele está realmente doente.

Russell apenas assentiu.

Perguntei:

— Você o tem visto ultimamente?

— Quem?

— *Bird*.

Russell pestanejou.

— Desculpe, eu estou muito cansado. Podemos falar disso outra hora?

— Mas eu acho que ele...

— Não tem nada que você possa fazer a respeito. Ele está morrendo. Nós todos estamos morrendo. É melhor você ir se acostumando a isso.

Então ele se virou e fechou a porta na minha cara.

Faltam cinco minutos para as luzes se apagarem. Eu me pergunto se vão ser cinco longos minutos ou cinco breves minutos. Eu me pergunto como Ele ajusta o tempo. Será que Ele faz manualmente? É automático? Computadorizado? Será que Ele ligou o relógio a algum tipo de mecanismo de ajuste do tempo, algo que baixou da internet ou comprou nesses lugares que vendem eletrônicos na Tottenham Court Road?

E há outra coisa que eu me pergunto.

Eu me pergunto se Ele leu meu caderno quando veio aqui embaixo.

Você leu?

Ei, Senhor, você leu isto quando desceu aqui? Você deu uma espiada nos meus pensamentos mais íntimos? Deu? Não, eu não acho que tenha dado. Na verdade, eu *sei* que você não deu. Sabe, eu sou bem astuto. Eu consigo dizer se o caderno foi tirado do lugar. Consigo até dizer se alguém *encostou* nele. Quer saber como? Bem, mas eu não vou te contar.

Veja bem, eu não preciso ser *tão* astuto quando se trata de você. Eu teria sabido de qualquer forma. Se você tivesse tocado neste caderno, eu teria sentido o cheiro a um quilômetro de distância. As folhas estariam fedendo a merda.

Quinta-feira, 8 de março

Uma palavra a respeito de Jenny.

Nós temos passado bastante tempo juntos. Mesmo nos piores momentos — quando eu estou para baixo ou quando ela está doente, ou vice-versa —, nós passamos horas juntos todos os dias. Às vezes conversamos, às vezes não. Não importa. Só de estarmos juntos já basta. Eu conto histórias para ela, invento piadas. Disputamos jogos de palavras. Russell participa às vezes, quando não está muito cansado. Fred, de vez em quando. Mas na maior parte das vezes somos só eu e Jenny. Se eu não estou a fim de contar histórias ou piadas, ela fica ali tagarelando sobre as amigas ou a família dela ou sobre o que ela pensa a respeito das coisas — bandas pop, TV, cachorros, roupas. Eu não preciso fazer nada. Só ouço. Aceno com a cabeça. Digo “ahã” de vez em quando. Ou não. Não importa.

Isso é bom.

Dá força para nós dois.

Mais para mim do que para ela, provavelmente.

Ela está enfrentando isso muito bem. Ela *parece* acabada — magricela, suja, cansada —, mas até aí todos nós parecemos acabados. A diferença de Jenny está nos olhos. Mesmo quando estão lacrimejando os olhos dela são brilhantes. Vivos. Tão brilhantes quanto no dia em que ela chegou. O restante de nós tem olhos mortos.

No início da noite ela me contou que Anja tem comida.

— *Quê?* — falei.

— Cereais. Eu vi no quarto dela.

— O que você estava fazendo no quarto dela?

Jenny parecia um pouco constrangida.

— Eu queria perguntar uma coisa para ela.

— O quê?

Ela ficou vermelha.

— Nada... Só uma coisa de menina.

— Ah, certo.

Ela deu um sorrisinho embaraçado.

— Eu bati na porta dela e entrei. Eu não quis ser mal-educada. Achei que ela tivesse dito para eu entrar. Mas acho que ela não disse porque, quando eu entrei, ela estava colocando um pacote de cereais debaixo da cama. Eu vi, Linus. Ela gritou comigo. Disse para eu sair de lá.

— Cereais?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu vi.

— Você tem certeza?

— Eu vi.

Imagino que ela deva tê-los guardado desde que a comida acabou. Então, enquanto o resto de nós estava passando fome, ela estava ali petiscando uns cereais.

— Não saia daqui — falei para Jenny.

Fui ao corredor, marchei ao quarto de Anja e invadi sem bater à porta. Ela estava sentada no chão com as costas apoiadas na parede, só de calcinha. Renda branca, toda encardida e manchada.

— Ei — ela disse. — Que porra é...?

— Cala a boca.

Fui até a cama e olhei debaixo dela. Não havia nada. Fui até o criado-mudo e abri a porta. Enquanto isso, Anja já estava de pé, gritando comigo.

— O que você acha que está *fazendo*? Saia já daí. Como você *ousa* entrar aqui sem... *Ei!*

Dentro do criado-mudo, além dos cereais, havia um pedaço de pão mofado, metade de uma barra de chocolate e um naco de queijo ressecado.

— Espere aí um minuto — Anja gaguejou. — Olha, eu posso explicar...

Recolhi a comida nos braços, chutei o criado-mudo para fechá-lo e fui embora.

Anja gritou atrás de mim.

— Espero que você vomite isso, seu *cretino* metidinho a santo.

Eu dei a maior parte da comida para Jenny. Dividi o restante entre nós quatro. Russell estava dormindo, então deixei sua parte sobre o criado-mudo. Bird não quis a parte dele, mas eu a deixei ali para ele mesmo assim. Fred apenas olhou para o punhado de comida velha e podre e me perguntou de onde eu a tinha tirado. Eu contei a ele que tinha encontrado atrás do fogão. Ele não acreditou em mim, mas estava faminto demais para se importar com a verdade. Ele pegou a comida e a devorou numa tacada.

Sexta-feira, 9 de março

Primeiro, a boa notícia.

Hoje cedo tinha um pedaço de carne assada no elevador. Uma peça de rosbife numa bandeja de prata. Parecia linda. Grande, espessa, suculenta...

O cheiro era de matar.

E a má notícia?

Havia dois pedaços de papel presos com espetos na carne.

Um deles era uma bilhete imundo que escrevemos mês passado. Você se lembra da reunião secreta da qual eu falei para você? Bom, o motivo para eu não querer contar sobre ela era que eu estava preocupado que O Homem Lá Em Cima talvez acabasse descobrindo a respeito. Mas agora não faz diferença. Porque Ele descobriu.

Nós escrevemos o bilhete depois que Russell nos contou tudo o que ele sabia sobre o bunker. Quando Fred sugeriu de cara aquela ideia da mensagem-privada-abaixo, Jenny estava certa ao dizer que não fazia sentido mandar uma mensagem se a gente não sabia onde estava. Mas um pouco mais tarde, quando mencionei a ideia a Russell, ele observou que, embora não soubéssemos exatamente onde estávamos, nós tínhamos *alguma* informação que valeria a pena ser transmitida.

Nós sabíamos que estávamos provavelmente em algum lugar em Essex.

Nós sabíamos que ainda estávamos vivos e que, enquanto a polícia soubesse que estávamos vivos, eles provavelmente continuariam procurando por nós.

E nós sabíamos que estávamos num velho bunker nuclear.

— Não existem muitos deles por aí — Russell comentou. — E eu conheço uma pessoa em Cambridge, um físico chamado doutor Lausche, que fez uma pesquisa sobre instalações nucleares no pós-guerra alguns anos atrás. Se eu escrever tudo o que sei sobre este lugar e incluirmos em nosso bilhete uma instrução para transmitir esses detalhes ao doutor Lausche, é possível que ele possa descobrir onde estamos.

Então escrevemos um bilhete: nomes, descrições, palpites... O máximo de informação em que conseguimos pensar. Nós cuidadosamente embrulhamos o bilhete em diversas camadas de plástico preto rasgado de um saco de lixo e amarramos o pacote com tiras bem coloridas cortadas de embalagens de comida. Então demos descarga no pacote pela privada.

Isso foi há quase quatro semanas.

E agora ele está aqui. Devolvido ao remetente. Espetado num pedaço de carne.

Eu acho que todos nós sabíamos, desde o começo, que as chances de o bilhete chegar de verdade a alguém eram virtualmente inexistentes. Desde que a gente o jogou pela descarga, tenho me esforçado para não pensar nisso, mas acho que no fundo eu ainda estava me

agarrando à esperança de que alguém fosse encontrá-lo. Então, quando vi o bilhete hoje cedo e me dei conta do que isso queria dizer, foi como levar uma bofetada.

Só que, na verdade, o outro papel espetado na carne era ainda pior. Um recado impresso, que simplesmente dizia:

**oUÇAM — mINHA PALAVRA:
aQUELE QUE MATA aLGUÉM DEVE SER IIVRe**

Nós todos olhamos para aquilo por um longo tempo. Dez palavras. Nove olhos perplexos. (Bird ainda estava no quarto dele.)

— E aí? — eu acabei falando.

— E aí o quê? — Fred respondeu.

— O que isso quer dizer?

— Quem se importa? — ele arrancou um dos espetinhos, o fincou no rosbife e puxou um naco grande de carne.

— Espere aí — falei. — Ele pode ter colocado droga...

— Não ligo — ele enfiou a carne na boca e começou a mastigá-la. — Prefiro ver enfefefado a pavar fom'.

— Quê?

— Ele disse que prefere ser envenenado a passar fome — Jenny traduziu.

Nós ficamos olhando ele comer. Mordendo, mastigando, engolindo...

Voltamos os olhos para a carne. De dar água na boca, espessa, succulenta...

Olhamos para o bilhete.

**oUÇAM — mINHA PALAVRA:
aQUELE QUE MATA aLGUÉM DEVE SER IIVRe**

A carne venceu.

Avançamos nela como hienas, arrancando pedaços obscenos com nossas próprias mãos e nos empanturrando estupidamente.

Depois, quando nossas barrigas estavam cheias (e Russell e Jenny passaram mal), voltamos a refletir sobre o bilhete.

**oUÇAM — mINHA PALAVRA:
aQUELE QUE MATA aLGUÉM DEVE SER IIVRe**

— Acho que deve ser algum tipo de pacto — Russell comentou.

— Com o diabo? — perguntou Fred, enquanto tirava carne do meio dos dentes.

— Não exatamente — Russell respondeu. — Ele está propondo um acordo — tossiu de leve.

— Ele está dizendo que, se um de nós matar algum de nós, Ele vai libertar o assassino. Ele vai deixá-lo ir embora. Uma vida em troca de outra. Essa é a palavra Dele.

Ninguém falou nada por um tempo. Foi difícil pensar em algo para dizer. Com o outro bilhete, a comida e a estranheza da mensagem, estávamos todos bastante confusos. Olhei para Russell. Ele estava com a mensagem nas mãos, lendo-a com bastante cuidado. O papel tremia entre seus dedos. Sua cara estava inchada e pálida. Ele levou a mão à boca e tossiu outra vez.

— Sim — ele disse. — Um pacto. Acho que é isso.

— Eu não entendo — falei.

— É simples — Russell explicou. — Se você matar um de nós... Eu, por exemplo, Ele vai te deixar ir.

— Isso eu entendi. Eu só não entendo por quê.

— Por que o quê?

— Qual é o sentido disso?

— De quê?

— Qual é o sentido de dizer isso?

— Como assim?

— Isso é inútil. É estúpido. Ele não é estúpido. Ele pode ser um doido corrido, mas Ele não é estúpido.

— Doido varrido.

— Quê?

Os olhos dele tremeram.

— É doido varrido. Não doido corrido.

— Tanto faz. Ele não é estúpido, ou é?

— Não.

— Ele não pode estar pensando seriamente que a gente vai começar a matar um ao outro.

— Não?

— Não.

Russell cruzou os braços e encolheu os ombros.

— Bem, eu não acho... Eu não... — a voz dele começou a sumir e ele começou a pestanejar.
— Eu não acho... — o rosto dele ficou imóvel e ele ficou ali sentado olhando para o nada. Depois de um tempo, sua cabeça começou a vacilar e seus olhos se fecharam.

— Russell? — eu o chamei. — Russell...?

Eu me inclinei sobre a mesa e sacudi seu braço. A cabeça dele tombou pra frente e sua respiração começou a fazer um rangido. Ele estava longe. Dormia como uma pedra.

— O que ele tem? — Fred perguntou.

— Nada — respondi. — Ele só está cansado. Ele vai ficar bem.

Fred deu de ombros. A mensagem parecia não perturbá-lo nem um pouco. Nem o comportamento estranho de Russell. Esse tipo de coisa nunca incomoda Fred. É como se, quando ele não entendesse algo ou quando algo não o afetasse diretamente, ele simplesmente ignorasse o assunto.

Não é um jeito ruim de lidar com as coisas, eu acho. Eu queria ser assim.

Fred esticou o braço, pegou o bilhete e passou os olhos nas palavras. Enquanto lia,

continuou tirando com os dedos os restos de carne entre os dentes.

— Isso é abobrinha — ele falou, jogando o bilhete na mesa. — Ele está só tirando com a gente.

— Claro que é abobrinha — concordei.

— Então por que estamos falando disso?

— Aqui diz *aquela* — Jenny falou de repente.

Olhei para ela.

— O bilhete — ela disse, apontando. — Olhem. Diz *aquela* que matar alguém.

— Isso não quer dizer nada, Jen. Não ligue pra isso. É só mais um dos jogos idiotas Dele.

— Ela está certa — falou Anja.

— O quê?

— *Aquela* que matar alguém. Não *a* pessoa que matar alguém ou *aquela* que matar alguém.

— E daí?

— É o que está dizendo.

— E...?

Ela me encarou.

— Foi você quem disse que Ele não é idiota. Se Ele não é idiota... — ela começou a enrolar um cacho de cabelo no dedo. — Se Ele não é idiota, por que Ele *diria* isso? Por quê?

— Porque Ele é louco. Por isso.

Ela fez beijo para mim.

Fechei meus olhos.

Isso é o que Ele quer, pensei. *Isso é o que Ele quer*. Loucura, confusão, descambar no caos. É disso que se trata. Ele é como um moleque cutucando um formigueiro com uma vareta. Ele gosta de ver o caos.

É isso, não é?

É isso que Você quer.

Você quer apenas ver o que acontece.

Tá bom, eu vou mostrar a Você o que acontece. Eu vou escrever para Você, combinado? Que tal assim?

É isso que acontece.

Bird sai do seu quarto e se arrasta até a mesa, segurando um lado da cabeça e franzindo os olhos por causa da luz. A pele dele está toda coberta de manchas e estrias. Ele se senta.

— Ei — diz Fred.

Bird faz um grunhido.

Apesar do frio, ele está suando.

Ele olha para a carne.

— O que é isso?

— O que parece ser? — Fred pergunta.

Bird olha para ele.

— O quê?

Fred dá um sorriso e sacode a cabeça.

— Ele está mal? — Jenny cochicha.

Aceno que sim.

Jenny olha para Bird com a legítima preocupação de uma criança. Ela não devia, mas olha. Com seus dedinhos delicados, ela tira um pedaço de carne do rosbife e o oferece a Bird. Ele olha para ela, cheira, arranca o bocado dos dedos dela e o coloca na boca. Mastiga com esforço. Engole. Encolhe-se.

— Tem um recado — Anja diz a ele.

— Ahn?

Ela pega o bilhete d'O Homem e o dá para Bird. Ele olha para ela fixamente. Hesitante, ela baixa os olhos. Ele lê o bilhete. Pisca. Lê outra vez. Olha para cima. Pisca de novo. Então ele dobra cuidadosamente o bilhete e o coloca no bolso da camisa.

— Estou cansado — ele fala. Ele se levanta e geme. — Estou com dor de garganta.

Do outro lado da mesa, Russell abriu os olhos e está olhando atentamente para ele. Bird encara Russell de volta e diz:

— Que foi?

Então dá as costas e caminha cambaleando para o seu quarto.

Fiquei pensando sobre todas essas coisas — a carne, a mensagem, a nota de dez libras dobrada em forma de borboleta. Pensei bastante e por muito tempo. Será que elas querem dizer alguma coisa? Será que são pistas, símbolos, sinais, dicas?

Acho que não.

Elas são só brinquedos. Jogos. Ele está de brincadeira. Só isso. Ele está se divertindo.

Pensei nisso também.

Mas eu ainda não vou contar o que estou pensando porque 1) eu não sei se faz sentido e, 2) se fizer sentido, eu não sei se quero falar sobre isso.

Mais tarde, fiz um pouco de chá e levei para o quarto de Russell. O cheiro lá não era dos melhores. Meio pestilento, mofado e fedendo um pouco a merda, como o quarto de um velho louco. Tudo parecia sujo e escuro, até mesmo o ar.

Russell se apoiou na cama e tomou um gole de chá. Um pouco do chá escorreu e sujou a camisa. Ele não parecia perceber. Eu me sentei e olhei para ele. Ele parece bem velho agora. Ancião. Grisalho e fraco. A pele negra dele está com um toque de cinza-amarelado.

— Conseguiu? — ele perguntou.

— Conseguiu o quê?

— Você já planejou?

— Eu não sei do que você está falando.

— Pare com isso, Linus — ele suspirou. — Está bem óbvio. Você tem de escolher. Um ou outro. Não vai ser fácil, claro, mas é tudo o que você tem. Acredite em mim — a voz dele parecia entrecortada e arfante. — Você está disposto a fazer isso?

Balancei a cabeça negativamente.

— Desculpe, mas eu realmente não sei do que você está falando.

— O bilhete — ele disse. — O pacto. Ele te dá uma escolha. Você tem de... — a voz dele virou uma tosse molhada. *Ehã-ehã-ehã*. Gotas de saliva respingaram nos lábios dele. Ele limpou a boca e prosseguiu. — Você precisa usar o que você tem, Linus. Transformar algo ruim numa coisa boa. Entende? Use o que você tem...

— O que é que eu tenho?

— Ah...

Ele ergueu um dedo cheio de nós e o agitou no ar. A boca dele formava um vago sorriso e o olho bom estava disperso. Era demais para aguentar. Desviei o olhar, constrangido. Eu não sabia o que dizer, para onde olhar ou o que sentir. O quarto estava silencioso e claro. Olhei para o chão, procurando algo para olhar, procurando padrões no concreto, qualquer coisa.

— Ouça — Russell disse repentinamente. — Você tem a mim ou ao Bird. Dois de nós. Nós dois estamos morrendo mesmo. Faça a sua escolha.

— Eu não...

Ele abanou a mão discretamente.

— Pra mim já chega, Linus. Já estou farto. Essa coisa... — ele tocou a cabeça. — Essa coisa está me comendo. Eu consigo vê-la crescendo dentro da minha cabeça. Eu consigo *vê-la*. Ela muda de forma. Como um dedo negro feito breu, fino e torto. Como um pedaço queimado de coral. Como um osso de bruxa. Como um verme enegrecido seco ao sol. Às vezes ela é branca, o branco da cartilagem de um peixe. Ou rosa, como fiapos de frango cru. Eu consigo vê-la. Não é nada. São apenas células nocivas. Partículas vivas que deram errado. Desajustes disformes. Selvagens microscópicos. Delinquentes juvenis trepando até perderem os sentidos — ele deu risada. — Esses diabinhos são devotos da morte. Eles vão me matar e vão morrer fazendo isso — ele olhou pra cima. — Não dá pra deixar de admirar isso, né?

— Você está falando bobagem.

— Precisamente — ele falou. — É por isso que...

— Por isso o quê?

— Deixa pra lá — ele pestanejou forte. — O senhor Bird está com uma infecção. Não sei o que é. Germes de cachorro... Provavelmente septicemia, meningite ou algo do gênero. Não sei. Eu não sou médico. Mas não importa. Ele está morrendo. Provavelmente tem mais alguns dias no máximo. Então, como eu disse. Dois de nós, já mortos. Você só precisa de um.

Comecei a perceber do que ele estava falando.

— Você quer dizer...?

— Sim, *sim* — ele abriu um sorriso. — Você vai enganá-Lo no próprio jogo. Me mate ou mate Bird, ou a ambos se quiser, e Ele vai te deixar ir embora. Você vai poder ir para casa, voltar para o seu pai e, então, tirar os outros daqui: Jenny, Fred... — ele olhou furtivamente para a câmara no teto e baixou a voz. — Ele não sabe que nós vamos morrer mesmo... Ele não *sabe*...

Eu quis chorar.

Chorar pela mente de Russell.

Pela minha também.

Eu deixei ele continuar por um bocado, tagarelando sobre filosofia da morte, justiça natural, tempo e física, até que finalmente a cabeça dele começou a vacilar de novo, os olhos se fecharam e as palavras desapareceram. Um pouco de baba se acumulou no canto da boca dele. Fui até ele, limpei a boca e o cobri com uma manta. Depois voltei com tristeza para o meu quarto.

E aqui estou.

Perdido.

Meu equilíbrio já era.

Aquela coisa que eu estava pensando mais cedo sobre Ele Lá Em Cima se divertindo... É verdade. É isso que Ele está fazendo. Ele está só se divertindo. E o negócio é que não interessa o que eu penso sobre isso. Não interessa o que ninguém pensa sobre isso. Compreensão, julgamento, reprovação... Nada disso importa. Tudo o que importa para Ele é o divertimento Dele. Porque Ele é tudo o que existe. Ninguém mais tem a ver com isso. É Ele sozinho. O que Ele quer, do que Ele precisa, o que Ele faz. Isso é tudo, sem dúvida.

Nada além disso.

Viu?

Eu falei para você que era perda de tempo pensar nisso.

Domingo, 11 de março

Hoje cedo acabamos com a carne. Burrice, realmente. Nós todos sabíamos que não íamos receber mais. Nós todos sabíamos que deveríamos ter guardado, sido sensatos, usado os nossos cérebros. Mas os nossos cérebros parecem ter entrado em greve. Agora vivemos como animais. Vivendo para as necessidades. Comer, beber, respirar, sobreviver ao dia.

Amanhã? O que é amanhã?

Hoje é amanhã.

Hoje o elevador está vazio.

Amanhã também.

Bird ficou louco com Jenny nessa tarde. Ela estava na cozinha, ela me contou, pegando um copo de água. Bird entrou, resmungando sozinho e protegendo os olhos da luz, e caminhou até a parede oposta. No início, ele pareceu não ter reparado que Jenny estava ali. Ele ficou ali de pé olhando para a parede por um tempo, então sacudiu a cabeça e começou a andar igual a um pato pela cozinha, falando palavrões.

— Igual a um pato?

— Assim... — Jenny me mostrou, andando com os joelhos dobrados e os pés para fora. — Igual a um pato.

— Mesmo?

— É. Ele estava andando desse jeito e depois ele simplesmente parou no meio da cozinha e olhou para o chão. Os olhos dele estavam bem abertos e congelados. Aí ele começou a bater os pés e a falar sem parar sobre vespas, e aí parou de novo e só ficou olhando.

— *Vespas*?

— Acho que sim. Foi difícil entender o que ele estava falando. Ele estava falando gozado, como se estivesse com a boca cheia de água. Eu *acho* que eram vespas.

— O que você fez?

— Fui até ele e ofereci um copo de água. Ele ficou *louco*, Linus. Derrubou o copo da minha mão e gritou comigo. Aí me empurrou.

— Ele te machucou?

— Não, só me empurrou. Aí foi embora, andando igual um pato.

Ela vai ficar aqui comigo esta noite.

Ela me contou uma piada.

Uma pata entrou numa farmácia, foi até a parte de maquiagem e pediu um batom. Aí o balconista lhe disse: “Lamento, senhora. Aqui não tem nada para o seu bico”.

Pato = 29.

Vespa = 30.

O mundo continua girando.

Segunda-feira, 12 de março

Foi um longo dia. Repleto de frio e fome. Tudo fica bem mais difícil sem comida. A fome é uma coisa lenta e sombria. Ela chega em você de mansinho. Você perde a força e a alma. E o frio suga a sua energia, suga a sua vontade de fazer qualquer coisa. Não que eu tivesse mesmo muita vontade sobrando. Seja lá o que for *vontade*. Esperança, determinação, otimismo, coragem...

Palavras.

O frio entra nos seus ossos e esvazia a vida no seu sangue. Ele *machuca*. Eu já senti frio antes. Sei como é. Eu já passei frio e fome antes. Sei como é *isso*. Mas saber como uma coisa é não torna nada mais fácil. Você apenas sabe como é.

Além do mais, aqui embaixo é diferente. Aqui embaixo, o frio é... Eu não sei. É simplesmente diferente. Mais frio que o frio. Frio subterrâneo. Em todo lugar. Implacável.

Jenny não aguenta. Ela chora.

Hoje cedo nós rasgamos uma bíblia e acendemos uma fogueira no chão. Uma bem pequena. Nada extravagante. Só uma pilha jogada de páginas amassadas em círculo. Eu a acendi com o isqueiro do Fred.

Foi clicar e crepitar.

A mágica do fogo.

As chamas estavam começando a cintilar quando a grade no teto começou a chiar e um spray de água fininho começou a cair. Jenny gritou, se agachou contra a parede e ficou ali sentada, toda molhada e congelada, vendo as chamas estalarem e morrerem.

Depois de alguns minutos, a água parou.

As páginas meio queimadas da bíblia estavam derramadas numa poça no chão.

Olhei para a grelha. A água estava pingando devagar da malha — plic-plic... plic... plic — como lágrimas de um olho de metal.

A vontade de matar bateu no meu coração.

Mais tarde o barulho começou. Aquela barulheira infernal com que ele nos torturou antes, os tambores, os guinchos, os choros — tremendo as paredes e os nossos ossos, nos fazendo chorar, apertar as nossas cabeças e ficar encolhidos em nossas camas como bebês.

Durou um bocado, mas agora acabou.

Uma mulher uma vez me disse como lidar com coisas assustadoras. Ela era uma psiquiatra, ou psicoterapeuta, ou qualquer coisa assim. Não sei. Qual é a diferença? Não importa. Ela era uma dessas mulheres que falam sussurrando, toda calma e relaxante. Saia longa, rosto pálido,

lábios pálidos. Ela usava uma pedrinha lapidada num pedaço de barbante em volta do pescoço. Preta e brilhante, oval. Perguntei a ela para que servia. Ela me explicou que ajudava a dissipar a energia negativa. *Ah, tá*, pensei. Energia negativa. Uma pedrinha... *Isso vai funcionar, né? Vai ajudar muito.*

Mas, enfim, o que ela me disse foi...

Deixa eu pensar.

Era algo que tinha a ver com medos não resolvidos.

Ah, é, lembrei.

Ela disse:

— Imagine algo que apavora você, Linus. Digamos, uma coisa que vai acontecer. Uma situação. Algo com que você está preocupado. Você consegue fazer isso para mim?

— Sim.

— Ótimo. Você está fazendo isso agora?

— Sim.

— Tá bom. Agora imagine que você pode voar.

— Voar?

— Como um pássaro.

— Cer-to...

— Você pode voar até o futuro.

— O futuro?

— Você pode, Linus. Tudo o que você precisa fazer é voar no ar... Voar até o futuro. E então olhar para baixo e se *ver* na situação que lhe preocupa. Você está ali, agora mesmo. Você está *nessa* situação. Você entende. Você está lá. Não está?

— Estou — menti.

— Ótimo. Agora olhe para você ali embaixo. Você pode se ver... Você está ali. Está vendo? Está tudo bem. Você está enfrentando. Está vendo? Não é tão ruim, né?

Eu não conseguia decidir se acenava positiva ou negativamente com a cabeça. Por isso fiz uma coisa intermediária, um movimento meio diagonal, de lado a lado. Não faria nenhuma diferença, não tinha mesmo nada na minha mente.

A mulher sussurrante prosseguiu.

— Agora, continue voando um pouco mais, um pouco mais longe no futuro, e imagine-se quando tudo estiver terminado. Você passou por essa situação preocupante e agora está tudo bem. Olhe só, você pode *ver* a si mesmo. Você está bem. Você pode sentir... Sinta, Linus. Você se sente bem, né?

— Mmm.

— Ótimo. Agora absorva esse sentimento no seu corpo e pense nele. Lembre qual é a sensação dele. Agora vire-se e voe de volta para o *agora*, mantendo o tempo todo aquela sensação boa dentro de você. Está bem?

— Tá bom.

Ela sorriu.

— É isso. É isso que você tem de fazer, Linus. Olhe pra frente, *veja* a si mesmo sentindo-se bem, absorva isso e lembre. Lembre o futuro. Lembre a sensação e tudo vai ficar bem.

— E se não ficar? — perguntei.

— Como?

— E se eu olhar pra frente e *não* estiver tudo bem? E se eu estiver *certo* em estar preocupado?

— Ah — ela sorriu tranquilizadora —, mas *vai* estar tudo bem. Você tem de fazer direito.

— Mas...

— Veja bem, deixe eu repetir tudo outra vez...

No fim eu desisti. Parei de ouvir. Desliguei. Ah, é claro... Ah, sim, eu vejo. Tá bom, ótimo... E foi isso.

Não sei que horas são agora. Provavelmente entre dez e onze da noite. Pra ser sincero, estou apavorado demais para sair e olhar no relógio. Há um monte de coisas ruins rolando. Jenny está comigo e nós bloqueamos a porta com a cadeira.

Bird está lá a noite toda — gritando, xingando, batendo o pé, tagarelando feito um lunático. Eu o vi mais cedo, mais ou menos uma hora depois que ele foi meio zureta com a Jenny. Eu estava andando no corredor, indo em direção ao banheiro e ele estava parado na frente do quarto dele, observando meus passos. Seu rosto estava com um tom horrível de vermelho, quase roxo, e sua pele estava toda esticada como um tambor.

— Lai-nus — ele falou arrastado, com a voz bem desarticulada. — Ei, Lai-nus. Quer ver isso? — ele abriu um sorriso horripilante e puxou com violência a ferida aberta no pescoço. Seus dedos se cobriram de sangue. Ele os lambeu, depois me cutucou com um dedo torto e começou a cantar: “*Linus, Linus, Linus, Linus...*”.

Fugi e meu coração estava batendo forte.

Mais tarde, Fred veio nos ver.

— Fiquem aqui — ele falou. — Prendam a cadeira atrás da porta. Bird está surtando.

— É a mordida do cachorro — falei. — Ele está com uma infecção no sangue ou alguma coisa assim.

— É, eu sei. Não saiam daqui, tá bom? Ele estava lendo aquele bilhete idiota. Você sabe, o bilhete sobre matar. Ele fica lendo sem parar. Não acho que ele vá fazer nada, mas nunca se sabe.

— Mas e você?

— Eu? — Fred abriu um sorriso. — Você não precisa se preocupar comigo. Sou invencível.

— Onde está Russell?

— Entrincheirado no quarto.

— Anja?

Fred fez um gesto negativo com a cabeça.

— Ela continua tentando falar com Bird. Ela acha que pode argumentar com ele. Eu falei pra ela que não é seguro, mas ela não quis me ouvir. Você sabe como ela é.

Uma imagem de Anja surgiu na minha mente, a Anja de seis semanas atrás. Uma mulher confiante vestida com uma blusa branca fininha, uma saia curta preta, meia-calça e salto alto. Perto dos 30 anos, educada, cabelo loiro cor de mel, nariz bonito, boca esculpida, dentes perfeitos, colar de prata. Muito diferente da Anja de hoje — esquelética, lastimável, maltrapilha e suja, enfiada num quarto branco fedido...

O problema das pessoas como Anja é que elas não têm senso de perigo. Elas não sabem o que é medo. Passam a vida toda protegidas no conforto e os únicos medos que elas conhecem são os pequenos — preocupações, ansiedades, bobagens. Anja provavelmente nunca precisou sentir medo, não medo *de verdade*. E, se você não sabe o que é ter medo, está ferrado.

O medo tem uma finalidade.

Não é só para assistir a filmes de terror ou andar na montanha-russa. Ele está ali por um motivo.

Ele nos mantém vivos.

Agora está perto da meia-noite. Fred já foi. Jenny está dormindo. Eu estou sentado de costas para a parede, ouvindo o silêncio em suspense e imaginando o que vai acontecer. Eu sei que algo vai acontecer. Dá para sentir no ar. É só uma questão de o que e quando.

Está quieto lá fora.

O silêncio faz um zumbido.

Vai ser uma noite longa.

Quarta-feira, 14 de março

Tanta coisa mudou desde a última vez que eu escrevi.

Tanta coisa.

Nem sei por onde começar.

Não dá para acreditar.

Talvez quando eu escrever as coisas façam sentido.

Vou começar pelo começo.

Terça de manhã, pouco depois das oito.

O dia mais frio de todos.

Estou deitado no chão, com frio demais para dormir, mas com frio demais para me levantar. Meu estômago dói. Levanto a cabeça e olho ao redor. A cama de Jenny está vazia. Eu não sei onde ela está. Imagino que ela tenha ido ao banheiro ou talvez à cozinha. Ainda temos uns saquinhos de chá sobrando. Ela provavelmente está fazendo uma boa bebida quente. Eu deito minha cabeça no travesseiro e me imagino segurando o chá em minhas mãos, respirando o vapor, dando um gole no calor líquido...

Então a porta se abre e Jenny entra, sem chá e agitada.

— Levanta, Linus! — ela diz. — Anda, levanta.

— Ahn? Quê...?

— Corre, rápido!

O rosto dela está branco e seus olhos, em choque. Eu me sento.

— Qual é o problema, Jen? O que aconteceu?

— Anja — ela diz, e a voz dela começa a ficar entrecortada por soluços. — Eu não sei... Fred disse... Ela estava... Ela está...

Eu pulo da cama e coloco meus braços em volta dela.

— Ei, vamos lá. Está tudo bem...

— Não, *não* está.

Ela não consegue falar, está muito transtornada. Ela não para de chorar. Eu a mantenho junto de mim por um momento. Então, devagar, a faço sentar.

— Tudo bem — eu digo. — Fique aqui, tá bom? Eu vou ver o que está acontecendo. Volto logo.

Eu saio do quarto e fecho a porta. No fundo do corredor, do lado de fora do quarto de Anja, Fred e Russell estão conversando baixinho. Quando me aproximo deles, eles param de falar.

— O que está acontecendo? — pergunto.

Eles me olham com uma expressão sombria.

Fred pergunta:

— Onde está Jenny?

— No meu quarto.

Ele acena positivamente e empurra a porta de Anja com o cotovelo.

— É melhor você dar uma olhada.

Eu entro.

Anja está deitada na cama com o rosto para cima. Nua. Sua garganta está contornada com hematomas e seu rosto, sem cor e inchado.

Ela está morta. Estrangulada.

— Merda — digo.

Fred e Russell entram e ficam ao meu lado.

Fred diz:

— Eu a encontrei assim faz uns dez minutos.

Dou uma olhada geral no quarto. Está uma zona. Lençóis e travesseiros no chão, roupas sujas por todo lado, o criado-mudo derrubado.

Balanço a cabeça negativamente, estarecido demais para conseguir identificar o que estou sentindo.

Russell põe a mão no meu ombro. Parece leve como uma pena.

— Onde está Bird? — pergunto.

— Aqui.

Eu me viro. Bird está de pé ao lado da porta. Ele está descalço e vestindo seu terno. Debaixo do terno, há um lençol enrolado em seu peito. Sua cabeça está caída de lado, quase encostando no ombro. Ele olha para Anja, me ignorando, com olhos completamente vazios.

Lanço um olhar indagador para Fred.

— O que aconteceu?

Ele coça a cabeça e funga.

— Não sei. Fiquei acordado até às seis da manhã. Não vi nada. Não ouvi nada.

— Mas e aí? Depois das seis?

— Não sei. Eu dormi.

Olho para Bird.

— Você que fez isso?

Ele não me responde.

— Ei, Bird.

Ele pestaneja e olha para mim.

— Hmm?

— Você a matou?

— Eu o quê?

— Foi você que matou Anja?

— Eu?

— É, você.

Ele torce o pescoço e entorta a boca num sorriso afetado.

— Por que eu a mataria? Ela me amava — ele sorri, arreganhando os dentes e olhando para mim. — Além disso, não sou *eu* quem tem uma in-qui-li-nação pra vi-ou-lêns-sa, né? Digo, quem é o lutador de rua aqui, hein? Sou eu? — ele faz um gesto negativo com a cabeça. — Acho que não, né? Não acho que sou *eu* que ando por aí...

Fred dá um passo pra frente e acerta um soco forte na barriga dele. Bird geme e despenca no chão.

Em seguida, amarramos as mãos dele com um cinto. Então eu e Fred enrolamos o corpo de Anja num lençol e o arrastamos até o elevador. São quase oito e meia agora. O elevador não desceu ainda, então deixamos o corpo ao lado da porta.

Fred apanha Bird, caminhamos pelo corredor e nos reunimos à mesa. Bird fechou o bico agora. Ele não disse nada desde que Fred o socou. O bico está fechado e o maxilar, cerrado. O rosto dele fica se mexendo com espasmos. E a pele, tremelizando.

— Sabe — Russell fala —, ele provavelmente não sabia o que estava fazendo. No estado em que se encontra, ele não é realmente responsável pelos próprios atos.

— E daí? — pergunta Fred.

Russell dá de ombros.

— Eu estava só dizendo...

— Então não diga.

Russell parece um morto-vivo. Sem cor, frágil, sem ânimo. Não sobrou muito dele.

— O que vamos fazer? — pergunto.

Ninguém responde.

Eu olho para Bird e depois para Russell.

— Quanto tempo ele tem?

— Quem?

— Bird. Quanto tempo ele tem?

— Não sei — Russell diz. — Não sou médico. Eu nem mesmo sei o que ele tem.

— Você disse que ele tinha uma infecção...

— Não. Falei que, enquanto ele não tivesse uma infecção, estaria bem.

— Mas ele não está bem, está? Ele está doente e louco.

— Eu não diria exatamente isso. Ele deve estar sofrendo de algum tipo de transtorno de personalidade... Seus sintomas devem estar agravados por causa da dor e da infecção do ferimento...

— Eu gostaria que você calasse a boca — diz Fred.

Caímos no silêncio.

Neste instante eu ainda estou tentando fazer essa história entrar na minha cabeça. Não consigo entender nada. O choque frio da morte, o modo estranho como tudo se seguiu, tudo tão confuso...

E, enquanto penso nisso, algo realmente estranho começa a acontecer comigo. De repente me vejo — ou uma parte esquisita de mim — flutuando para fora do meu corpo... Subindo,

subindo... E, quando chego ao teto, eu meio que me contorço e então estou vendo aquela cena ali embaixo. Estou olhando para as quatro figuras esfarrapadas em volta da mesa. Quatro seres que mal parecem humanos, todos imundos e cansados, com olhos fundos e pele de aparência doentia. Eu vejo um homem corpulento com cabelo castanho espesso e uma barba irregular. Eu vejo um velho negro esquelético, com a pele se derramando frouxa sobre os ossos. Eu vejo um homem inchado com as mãos amarradas, vestindo um terno maluco, completamente doido e disforme. E eu vejo um garoto, uma coisinha patética com cabelo embaraçado, pele de viciado e as roupas mais folgadas do mundo.

O que essas pessoas estão fazendo?, penso comigo.

“Bom”, diz uma voz em minha cabeça, “três deles estão discutindo a suposta ação do quarto. Três deles — um viciado em drogas, um homem moribundo e um garoto andarilho — estão discutindo o que fazer com o gordo de pele roxa que eles presumem ter assassinado uma mulher um tanto desagradável.”

E, com esse pensamento, eu flutuo de volta para meu corpo bem a tempo de perceber que estamos ali sentados, tão concentrados em nosso ato inútil, que não notamos Jenny saindo do meu quarto e atravessando até o elevador. Não fizemos nada para evitar que ela visse o cadáver no chão embrulhado no lençol. E eu me odeio por isso.

Eu não me odeio por muitas coisas, mas me odeio por isso.

Nós estamos todos ali sentados, perdidos em nossas cabeças doentias, enquanto a pobre Jenny está ali de pé, sozinha ao lado de um cadáver debaixo de um lençol.

E então o elevador chega.

Clunc, clanc, zirr, clanc, clic, mmmmmm... mmmmmmmmm... clanc... Mmm-shhh-tuc.

Eu me levanto, vou até o corredor e sinto meu coração parar quando vejo Jenny entrando no elevador. Ela se abaixa, pega alguma coisa, sai segurando um pedaço de papel. Ela o lê. Olha para cima, olha na minha direção, dá um sorriso desajeitado, então olha de relance para a forma sob o lençol, vem até mim e me entrega o papel. Eu vejo letras impressas.

Olho para Jenny.

— Está tudo bem?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Tem certeza?

Ela acena novamente.

Sorrio para ela, então leio o bilhete.

Ele diz:

**MeNTIRAS — mINHA VERDADE:
LiNUS aSSASSINOu a mOÇa**

Leio de novo. E de novo, e de novo. E tudo em que consigo pensar é: *O quê? O QUÊ?* Então meu cérebro entra em ação. *Merda, o que eu vou fazer com isso? Rasgar? Fazer uma bolinha e engolir? Ou confio nos outros? Russell, Fred, Jenny... Será que eu acredito neles o suficiente para que confiem em mim? Será que eles acreditam em mim? Será que eles CONFIAM em*

mim?

Claro que sim.

Jenny me segue ao voltar para a mesa. Nós nos sentamos e eu passo o bilhete para Russell. Ele o lê, olha para mim, então o passa para Fred. Fred o lê, olha para mim, joga o bilhete na mesa.

— E aí? — falo para ninguém em particular.

— E aí o quê? — pergunta Fred.

— O que vocês acham?

— Sobre o quê?

— Sobre o bilhete, pelo amor de Deus. O que você acha?

— O que você *acha* que eu acho?

Eu faço um gesto negativo com a cabeça.

Ele diz:

— É besteira. Papo furado. Você devia se envergonhar de perguntar.

Sinto um comichão subindo pela minha garganta.

Mas então Russell diz:

— Espere aí um minuto...

E nesse momento ele começa a tagarelar sobre coisas — justiça, culpa, verdade, inocência... A necessidade de objetividade. No início, acho que aquilo não tem nada a ver, que ele está apenas delirando. Ele está confuso, doente; ele não sabe o que fala.

— Não podemos tirar conclusões precipitadas — ele diz. — Precisamos ouvir todos os lados da questão. Temos de deixar as nossas emoções de lado e nos limitarmos apenas aos fatos. E temos de considerar as palavras de uma testemunha, mesmo que desconfiemos das intenções dela. Temos o dever de considerar seu depoimento...

— Que testemunha? — Fred pergunta. — Do que você está falando?

Russell não diz nada, apenas olha devagar para cima e aponta para o teto.

Fred faz uma careta, sem entender.

Eu também não entendo, mas então um pensamento inquietante se esgueira pela minha cabeça.

Eu olho para o bilhete na mesa.

MeNTIRAS — mINHA VERDADE:

LiNUS aSSASSINOu a mOÇa

— É disto que você está falando? — pergunto para Russell, pegando o bilhete. — É isto que você quer dizer com “as palavras de uma testemunha”?

Russell apenas me encara e está claro pelo silêncio dele que é isso mesmo.

— Ah, pelo *amor*... — Fred bufa, depois de sacar o que está acontecendo. Ele crava os olhos em Russell. — Você *está* de brincadeira, né?

— Nunca falei tão sério na minha vida — Russell responde.

Fred bufa outra vez, sacudindo a cabeça descrente.

Russell prossegue:

— Veja, eu não estou afirmando que devemos *acreditar* na declaração Dele...

Fred ri desdenhosamente.

Russell permanece calmo.

Fred balança outra vez a cabeça negativamente.

— Isso é ridículo. Linus não matou Anja, pelo amor de Deus.

— Eu não estou dizendo que ele matou. Só estou falando que...

Enquanto Russell e Fred continuam discutindo (e Jenny volta sorrateiramente para o meu quarto), eu fico ali sentado em silêncio, infeliz e perplexo demais para fazer qualquer coisa. Eu sei que Russell perdeu o juízo, e sei que ele não sabe o que está fazendo, mas isso não faz com que eu aceite a situação mais facilmente. Ele está duvidando de mim. Doente ou não, ele está duvidando de mim. E isso machuca. Por isso só fico ali sentado, não dando mais ouvidos ao que ele está dizendo, apenas tentando esvaziar as coisas ruins que estou sentindo...

Então outro pensamento invade minha mente, uma voz indagadora que diz:

“Talvez ele saiba o que está fazendo.

Ou pelo menos ele acha que sabe.

Talvez ele ache que está lhe ajudando”.

Daí eu começo a pensar naquele outro bilhete, o bilhete sobre matar...

oUÇAM — mINHA PALAVRA: aQUELE QUE MATAR aLGUÉM DEVE SER IIVRe

... e eu me lembro de quando Russell tentou me convencer a agir de acordo com aquilo. "Tudo o que você precisa fazer", ele havia me dito, é “me mate ou mate Bird, ou a ambos se quiser, e Ele vai te deixar ir embora”. E agora estou achando que talvez a razão para Russell estar tentando convencer Fred e O Homem Lá Em Cima de que eu matei Anja é que ele acha que isso vai me tirar daqui.

No seu distorcido estado mental, ele realmente *acredita* que o assassino de Anja vai ser libertado e ele acha (na loucura dele) que, se conseguir convencer ambos, Fred e O Homem Lá Em Cima, de que eu sou o assassino, O Homem Lá Em Cima vai me deixar ir embora.

Mas é claro que O Homem Lá Em Cima *sabe* que não fui eu. Ele vê tudo, Ele sabe tudo. Ele é a única testemunha. E Ele não vai deixar ninguém ir de jeito nenhum.

Só que Russell não consegue ver isso. O cérebro dele está todo ferrado e seu raciocínio já era. Ele enlouqueceu.

Mas eu não quero dizer isso.

Eu não quero me virar para Fred e falar: “Ei, não dê ouvidos a esse velho doido. Ele está gagá. O cérebro dele derreteu”.

Não, eu não quero dizer isso. Não seria certo.

Por isso estou aqui sentado, bem menos ofendido, esperando Russell falar até se cansar.

Depois de uns longos 20 minutos, ele começa a perder a noção do que está falando. Sua lógica distorcida se torna ainda mais distorcida, ele começa a ficar realmente confuso —

murmurando, resmungando, delirando incoerentemente — e, por fim, termina apenas ficando ali sentado, olhando para a mesa, com a boca aberta e o pobre rosto afundado em perplexidade.

— Vou levá-lo de volta ao quarto dele — falo para Fred.

Ele acena positivamente.

Eu acompanho Russell de volta ao quarto e o coloco na cama, então volto para a mesa.

— Qual é o problema dele? — Fred me pergunta.

Eu conto a ele sobre o tumor no cérebro de Russell.

— Ele sabe que eu não matei Anja — explico. — Ele apenas está com a ideia confusa de que, se O Homem Lá Em Cima acreditar que eu a matei, Ele vai me deixar ir embora.

Fred assente.

— Eu meio que desconfiei disso.

Suspirei.

Bird faz um barulho horrível, escarrando algo no fundo da garganta. Eu e Fred viramos em direção a ele. Ele olha direto para a frente, o olho esquerdo dele tremendo com um tique.

— O que vamos fazer com ele? — pergunto para Fred.

Ele não diz nada, apenas sacode a cabeça.

Não conseguíamos decidir o que fazer com Bird. Nós o prendemos no quarto, amarrando-o à cama. Então nos sentamos e falamos sobre coisas por horas, tentando resolver o que fazer. Nós não sabíamos por que Bird tinha matado Anja, ou se ele tinha consciência do que estava fazendo ou não, e — como Fred apontou — nós não tínhamos nem certeza se ele a *tinha* matado.

— Nós estamos apenas deduzindo que foi ele — ele disse.

— Quem mais poderia ser?

— Russell.

Eu olhei para Fred.

Ele deu de ombros.

— É possível, né? Ele não é mais ele mesmo, está meio doido... Ele poderia ter feito isso.

— Não — falei, agitando a cabeça. — Sem chance.

Fred encolheu os ombros outra vez.

— Você não *sabe*.

— Sim, eu sei.

Fred tinha razão, é claro. Eu não *sabia* se Russell não tinha mesmo matado Anja. Eu tinha 99% de certeza de que não, e acho que Fred também pensava assim, mas a gente não podia descartar a possibilidade. Por isso, precisávamos tentar resolver o que fazer sobre isso também.

Acabamos não indo muito longe.

Como poderíamos provar qualquer coisa? Como poderíamos provar que Bird tinha feito aquilo ou que Russell teria feito? E, mesmo que pudéssemos provar algo, o que faríamos depois? Levar o assassino ao tribunal? Puni-lo? Trancafiá-lo?

Ele já estava trancafiado. Todos nós estávamos.

No fim, chegamos ao ponto em que não conseguíamos mais pensar naquilo. Estávamos cansados demais, confusos demais para seguir em frente. Já era noite e tínhamos passado o dia todo conversando. Decidimos dar um tempo agora e descansar um pouco. Amanhã recomeçamos.

Aconteceu de madrugada.

Eu estava dormindo no meu quarto com Jenny, Fred estava do lado de fora no corredor. Bird e Russell estavam nos quartos deles. Bird ainda estava amarrado — as mãos presas por um cinto estavam atadas à cama por outro cinto —, mas não tínhamos feito nada para encarcerar Russell. Ele estava tão fraco que mal podia andar. Eu tive de ajudá-lo a ir ao banheiro mais cedo. Ele não tinha ideia de onde estava ou o que estava fazendo. Além disso, Fred ia passar a noite numa cadeira no corredor, na ponta da cozinha. Por isso, mesmo que Russell deixasse seu quarto por qualquer motivo, Fred o veria. Pelo menos até que as luzes se apagassem. Aí, ele o ouviria.

— E eu ainda tenho isto — Fred disse, sorrindo e apertando o botão de um dos isqueiros que O Homem tinha nos mandado um milhão de anos antes. — Não esquenta, Linus — ele falou, dando um tapinha no meu ombro. — Não vai acontecer nada. Você e Jenny podem dormir e amanhã cedo nos falamos de novo.

Fiquei confuso quando o som do elevador me acordou. *Clunc, clanc*. Estava escuro e parecia ser muito cedo. Aquilo não estava certo. O elevador desce às nove. As luzes estão sempre acesas às nove. O elevador não descia quando estava escuro.

Eu me sentei, esfreguei meus olhos e ouvi.

Zirrr, clanc, clic, mmmmmm...

Definitivamente era o elevador.

Eu não estava sonhando.

Jenny ainda estava dormindo. Eu podia ouvir a respiração profunda dela. Eu me levantei sem barulho, atravessei o breu do quarto na ponta dos pés e abri a porta.

— Fred? — sussurrei na escuridão.

Uma luz surgiu junto ao elevador, a chama tremulante do isqueiro de Fred. Ele estava de pé em frente à porta do elevador, sua cabeça curvada de lado, como se ele estivesse ouvindo algo.

O elevador parou — *clunc, clanc*.

A porta não se abriu.

— O que está acontecendo? — perguntei para Fred, passando para o lado dele.

— Ouça — ele disse.

Ouvi. Silêncio.

— Agora parou — Fred comentou.

— O que parou?

— Parecia um telefone tocando.

— Onde? No elevador?

Ele acenou que sim.

— Eu podia jurar...

Um telefone começou a tocar.

— Olha aí! — Fred exclamou. — Eu sabia que tinha escutado.

Era o toque de um telefone antigo — *trim-trim... trim-trim*. Eu me aproximei mais do elevador e escutei com atenção. Não havia dúvida de que estava vindo de dentro do elevador.

— O que Ele está fazendo? — perguntei.

Fred sacudiu a cabeça.

— Sabe-se lá Deus.

O telefone parou de tocar.

Nada aconteceu por um tempo.

E então, de repente — *mmm-shhh-tuc* —, a porta do elevador se abriu e o telefone começou a tocar de novo. Agora podíamos vê-lo. Ele estava no chão no fundo do elevador. Um celular aparentemente barato com uma capinha branca encardida. A tela ficava acendendo e apagando, acompanhando o toque.

Trim-trim... Trim-trim.

Trim-trim... Trim-trim.

— O que a gente faz? — perguntei para Fred.

— Nada — ele respondeu. — Deixe aí.

— Mas pode ser...

— Não vai ser nada, Linus. Ele está jogando com a gente de novo. É só outro...

Todas as luzes se acenderam então, um súbito clarão de luz ofuscante, e um segundo depois ouvimos o grito. Ele vinha de trás de nós, do meu quarto... de Jenny. Eu me virei e corri.

— *JENNY!* — gritei. — *JENNY!*

Minha porta estava semiaberta. Entrei por ela e vi Bird se curvando sobre a cama, tentando agarrar Jenny. Ela estava lutando para se afastar dele, golpeando as mãos dele, com o rosto pálido em choque e os olhos arregalados de medo. Eu me atirei sobre Bird, o segurei pelo pescoço e comecei a puxá-lo. Ele se retorceu e me arranhou como um doido — chiando, rosnando, cuspidando e rugindo —, até que de repente Fred apareceu ali, segurando os ombros de Bird, girando-o e golpeando sua pesada cabeça com força contra o rosto de Bird. Uma vez, *crac*. E outra, *crac*.

Bird tombou sem fazer barulho.

Nós ainda não conseguimos entender exatamente como tudo aconteceu. Em certo momento, descobrimos que Bird conseguiu escapar roendo os cintos, pois achamos pedaços mastigados deles no quarto onde ele estava, mas o resto da história nós só podemos supor. Achamos que O Homem Lá Em Cima devia estar observando Bird (câmeras de infravermelho?). Ele deve tê-lo visto roendo os cintos, esperado até que ele estivesse quase solto, então nos distraiu com o telefone no elevador para que não pudéssemos vê-lo saindo de fininho do quarto. É claro que Ele não podia saber o que Bird ia fazer, mas era bem óbvio que ele ia fazer alguma coisa, e eu acredito que essa é a única coisa que importa para Ele. Enquanto Ele tiver algo pra assistir, Ele

estará feliz.

Sabe-se lá Deus o que Bird estava realmente querendo fazer.

Será que estava atrás de mim?

Por acaso ele sabia que Jenny estava no meu quarto?

Eu nem quero pensar nisso.

Agora Jenny está praticamente bem. Ela ficou bem abalada por um tempo, mas, depois que eu me sentei com ela por mais ou menos uma hora — falando várias vezes que não havia mais nada com que se preocupar, que Bird se foi e que ela nunca mais o veria de novo —, ela começou lentamente a se recuperar.

— Ele se foi mesmo? — ela perguntou baixinho.

Fiz que sim com a cabeça.

— Ele morreu?

Assenti outra vez.

— Foi o Fred quem o matou?

— Eu não queria matá-lo, Linus.

— Eu sei.

— Achei que só tinha derrubado ele. Quando fui puxá-lo é que percebi que ele estava morto.

— Você fez o que precisava fazer, Fred. Provavelmente ele ia morrer mesmo. Não que isso faça diferença. O que importa é que Jenny está bem.

Estou ficando bem confuso. Não lembro se falei primeiro com Fred e depois com Jenny, ou se foi o inverso. O que sei é que, em algum momento, quando estava sentado à mesa com Fred enquanto Jenny estava no meu quarto, subitamente me dei conta de que durante toda aquela loucura nós não vimos nem ouvimos Russell.

— É melhor a gente ir lá ver como ele está — falei pro Fred.

Passei para ver Jenny primeiro. Ela estava dormindo — toda encolhida, quietinha, com um dedo na boca. Fechei a porta e a deixei descansar.

Fred me seguiu pelo corredor até o quarto do Russell.

Bati à porta.

Nenhuma resposta.

Bati outra vez.

Olhei para Fred.

Ele encolheu os ombros.

Abri a porta, só uma frestinha.

— Russell?

Nada.

— Russell?

O silêncio era um mau sinal.

Com um peso no coração, empurrei a porta e entrei. Por uma fração de segundo, tudo parecia normal — as paredes, o chão, o teto, a cama — e então eu o vi. Ele estava deitado na

cama, enrolado num lençol tingido de vermelho.

O lençol estava molhado.

O vermelho era sangue.

Minhas pernas estavam tremendo, quando cheguei mais perto para ver melhor. Eu me afundei na cama, paralisado até o osso. Um enjoo profundo fez minha barriga doer.

Você sabe no que eu pensei depois? É isto. Isto é o que acontece e o que vai acontecer. Este é o lugar para onde você está indo, Linus. Isto — este silêncio, esta tranquilidade, esta ausência de sensações — é para onde você está indo.

*

Quando olhei para o rosto sem vida de Russell, uma corrente de infelicidade inundou meu coração. Eu nunca havia sentido aquilo antes. As palavras não conseguem descrever. Através de lágrimas geladas olhei para a órbita vazia onde seu olho de vidro deveria estar. Sobre o lençol, ao lado da cabeça dele, havia um estilhaço de vidro colorido.

Precisei de um momento para entender.

Russell Lansing havia removido seu olho de vidro, esmagado-o no chão e aberto seus pulsos com um caco azul e branco.

Está ficando tarde agora.

Conversei com Jenny, falei a ela sobre Russell. Eu não contei tudo, mas não menti. Disse a ela que Russell tinha câncer.

— Uma menina na escola tinha câncer — ela me falou. — Carly Green. Ela morreu também. Ela pegou louquemia na central.

— Na central *nucular*?

Jenny sorriu.

Ela não é boba.

Ela me perguntou o que vai acontecer com a gente.

— Não sei — admiti.

— Vamos morrer também?

— Nem — respondi. — Não a gente.

— Por que não?

— Por um monte de motivos.

— Tipo o quê?

— O Poder Magrelo, por exemplo.

— Que mais?

— Bom, primeiro, Fred é invencível. Segundo, você é muito esperta. E, terceiro, eu sou lindo demais.

Ela riu.

— Não é, não.

— Ah, é? Sou o quê, então?

— Lindo de menos — disse e sorriu.

— Obrigado.

— E demais de fedido — ela acrescentou.

— E você está muito cheirosa, né?

O rosto dela murchou.

— Ei — falei. — Eu não quis...

— Eu sei.

Ela fungou e esfregou o nariz. Eu me senti mal. Mal pelas pequenas coisas. Não são as grandes coisas que nos afetam, são as coisinhas. Como banheiros gelados, lençóis sujos e garotinhas que precisam suportar o seu mau cheiro.

Jenny olhou para mim.

— O que vai acontecer, Linus?

— Nada — menti. — Vai ficar tudo bem.

Peguei os cadernos dos outros — o de Anja, o de Bird e o de Russell. Também dei uma olhada nos quartos deles. Esperei até que Jenny caísse no sono para sair bisbilhotando. Foi um pouco sinistro, e não me fez sentir incrível, mas eu já não me sentia incrível de qualquer maneira.

O caderno de Anja está em branco. Nem uma palavra. Nada. Parece que jamais foi aberto. Achei aquilo bem triste no começo — não ter nada a dizer, ninguém com quem conversar, nenhum segredo, não ter vontade de deixar nada para trás. Mas então me pareceu que aquilo talvez não fosse algo ruim no fim das contas. Quer dizer, o que tem de tão bacana em compartilhar seus pensamentos com alguém que não existe? Que bem isso faz? Aonde isso vai levá-lo? Para lugar nenhum, pelo que eu posso ver. Pelo menos nenhum lugar que valha a pena.

O quarto dela tem um cheiro peculiar. Tem exatamente o cheiro que você esperaria de uma mulher elegante e suja, uma mistura curiosa de lixo e riqueza. Um pouco doce e um pouco azedo. Tipo uma flor morta. Ou uma nota de 50 libras que ficou no bolso de um mendigo por uma semana. Nada agradável, mas também não *tão* ruim assim.

Encontrei um pouco mais de comida ali. Não havia muito — um pouco de *cream-crackers* debaixo do travesseiro, quatro fatias de *bacon* cozido escondidas dentro da bíblia, um pedaço de chocolate coberto de pelos debaixo da cama —, mas era o suficiente para nos fazer aguentar mais alguns dias. Pensar em Anja escondendo aquilo não me deixou bravo. Para ser sincero, não me causou nenhum sentimento.

O quarto de Bird era mais arrumado que o de Anja. Não era limpo, mas arrumado. Arrumado de um jeito meio assustador, como se ele não tivesse tirado quase nada do lugar enquanto esteve lá. Como se simplesmente deitasse na cama e olhasse para o teto, tendo pensamentos assustadores. Embora fosse mais arrumado que o de Anja, ele cheirava bem pior.

Fedia a 50 anos de suor e podridão. Havia também um ou dois sinais de que Bird, no fim, tinha enlouquecido. Manchas de urina na parede, um pouco de bosta seca debaixo da cama.

Peguei o caderno dele e saí de lá.

A letra no caderno é bem difícil de ler, bem apertada e desleixada, como se ele estivesse constantemente bêbado. Com exceção dos registros que ele fez das nossas reuniões, a maior parte do caderno está preenchida com pequenas e estranhas anotações sem data, escritas em páginas separadas. Eu não sei bem o que cada uma delas significa. Por exemplo:

10.59

a11.25

13.00B

a1306

movimento/tempo/perdido

Philp Satar 99273

7 abaixo

7 Marlett

3

fogodesaforosonorocarnivoro

iuntitil

lei = descentralização (ponto fraco)

ponto fraco da lei

ponto fraco é protegido pela lei

152

1142

começar com 1 2

61 67 8 47 final 34

IMAGENS?

sns senos senso sono censo

Deixei o quarto de Russel para o fim. Eu não queria ir ali de jeito nenhum. Ele tinha morrido, mas a lembrança dele estava viva e eu queria preservá-la desse jeito. Mas algo me fez entrar lá. Não sei o que era, algum tipo de curiosidade mórbida, imagino. Algo mais forte que o sentimento.

O ar tinha um cheiro forte e acobreado, quase salgado, e havia um silêncio no quarto que me lembrava o silêncio de uma igreja. Sabe, como se você não devesse estar ali, como se alguma

coisa estivesse observando você. Fiquei ali por um tempo, tentando respirar calmamente. Não foi fácil. Havia lascas de vidro colorido espalhadas pelo chão perto da cama, brilhando fracas na luz. Pareciam agulhas azuis e brancas. A cama ainda estava cheia de sangue e havia manchas horríveis no chão por onde arrastamos o corpo dele. Havia outra coisa ali também... Algo de que não quero falar. Aquilo era demais para mim. Peguei o caderno dele no criado-mudo e o levei para o meu quarto.

Eu acabei de ler o caderno. Páginas e páginas de palavras e imagens e diagramas... Tem todo o tipo de coisa ali. Pensamentos, cartas, teorias, equações, desenhos, até poemas. É incrível. Lindo, sombrio, angustiante, complexo e, indescritivelmente, triste.

Eu não vou mostrar nada disso a você.

A última anotação é dirigida a mim.

“Caro Linus”, assim começa.

O resto é ilegível, apenas um rabisco agonizante.

Eu vou dormir.

Domingo, 18 de março

Não demora muito para mergulhar de novo numa rotina. Você faz o que é preciso fazer, suponho. Você apenas aguenta, vive, hora após hora, após hora.

7h: Você se levanta tremendo. Está incrivelmente frio. Você não consegue sair da cama. Tem um gosto horrível na sua boca e a língua parece estar coberta de pelos. Você está com uma dor de cabeça latejante e com o nariz entupido. Você está cansado. Você não sente fome, mas não consegue deixar de pensar em comida. Queijo, mel, carne cozida, verduras nadando no molho. E você nem *gosta* de verduras. E ar fresco também. Você não consegue deixar de pensar em ar fresco. Vento, céu, espaços abertos. Jardins, pinheiros, cercas vivas...

O que você faz?

Eu me deito na cama pensando em outros tempos.

Quando eu era bem criança. Quando meu pai estava em casa, recitando poemas para mim. Eu me lembro daquele sobre periquitos e caranguejos e do outro com búfalos, e ontem à noite finalmente me lembrei de mais um, um mais longo. É sobre um jabuti, quer dizer, a fêmea do jabuti, uma jabota. Eu comecei a pensar nisso uns três dias atrás e ontem à noite finalmente consegui:

*Uma rica jabota chamada Joice
ia na estrada com seu belo Rolls-Royce.
Quando uma estrondosa ostrinha
imitou alto o som de uma galinha,
Joice bateu seu belo Rolls-Royce.
Uma gentil tartaruga chamada Frida
foi ali e gritou: “Você está ferida?”.
A jabota respondeu: “Estou bem, obrigada, Romeu”.
E a outra ficou ofendida: “Mas eu me chamo Frida”.
Veja só, Joice tinha um marido chamado Romeu
cujá cara de tartaruga ele nunca escondeu,
por isso, como Joice estava um pouco abalada
por causa da batida que ela deu na estrada,
seu miolo amoleceu e ela achou que Frida fosse Romeu.*

Mas eu não tenho certeza.

Parece que não está certo, não é?

Provavelmente eu lembrei errado.

Mas, enfim, havia ainda outro. Um mais curto, sobre uma zebra, mas esse eu não lembro de

jeito nenhum. Fiquei quebrando a cabeça por dias, mas não consigo lembrar. E isso me irrita de verdade.

8h: As luzes se acendem e minhas lembranças se apagam. Eu me levanto da cama, já vestido, e me enrolo nas cobertas. Sinto frio em toda parte, principalmente nos pés. Eles estão gelados o tempo todo. Tomar litros de água gelada provavelmente não está ajudando muito. Eu vou ao banheiro, me lavo, passo o lençol pela cabeça e tento usar a privada. Pouca coisa ali. Volto ao corredor, aceno com a cabeça silenciosamente para Fred, que passa no outro sentido, e vou à cozinha. Sento, espero o elevador chegar.

8h45: Jenny aparece. Conversamos. Ela está com feridas na boca e com o nariz escorrendo. O bafo dela tem um cheiro horrível. Suponho que o meu também.

8h55: Fred perambula por ali, sem camisa, coçando a barriga. Não diz muita coisa. Ele bagunça o cabelo de Jenny. Falo que quero conversar com ele mais tarde. Ele diz “tá bom”, toma água da torneira e sai andando de volta para o quarto dele.

9h: O elevador desce. Vazio.

9h30: O dia se arrasta. Converso com Fred. Discutimos por quanto tempo podemos aguentar ficar sem comida. Nenhum de nós sabe ao certo, mas os dois acham que, provavelmente, por um longo tempo. Dez dias, duas semanas, um mês...

— Enquanto tivermos água — Fred fala. — Água é o que importa.

— É.

— Você tem alguma ideia?

— Sobre o quê?

— Sobre cair fora daqui.

Olho para ele. Começo a gargalhar.

— Merda — ele diz.

Minha risada se transforma em choro.

Mais tarde, de volta ao meu quarto, eu me deito e penso um pouco mais sobre a zebra. Está virando uma obsessão. *Havia uma zebra...?* Não. *Zebras são...?* Não. Tento imaginar as palavras saindo da boca do meu pai, na esperança de que isso vá acionar minha memória. Eu vejo os dentes, os lábios, o bigode arrepiado dele... Mas não consigo ouvir as palavras. E agora eu nem consigo me lembrar de como ele é.

Também não me lembro de como era minha mãe.

Não, espera... Olha ela aí. Eu posso vê-la agora. Estamos descendo a rua juntos, isso faz muito tempo. Está coberta de poeira. Tem pedreiros do outro lado da rua construindo uma casa nova ou algo assim. Posso ouvir os caminhões basculantes. As furadeiras. O som abafado de uma britadeira. Gritos pedindo chá. A rua tem um rastro de barro seco, e o barro é ziguezagueado pelas marcas dos pneus dos caminhões basculantes. Barro seco é bom de chutar. Ele se quebra todo.

Minha mãe puxa minha mão.

— Na calçada, por favor.

Eu me afasto dela e acerto outro chute, e um bloco de barro seco desliza até o outro lado da

rua.

— Linus!

No fim da rua, passamos por um operário que está subindo. Um dos pedreiros. Mochila, chapéu, cigarro, botas, um colete sobre a pele bronzeada de sol. Ele usa uma pulseira no braço, uma cobra prateada. Ele se afasta para nos deixar passar. Olhos escuros, um aceno passivo. Então ele volta a subir a rua. Eu me viro para olhá-lo, me perguntando o que ele é. Ele parece um índio fora da lei de um dos livros ilustrados do meu pai. O cheroqui Blue Duck ou o Apache Kid. Sim, o Apache Kid fugiu para as montanhas como um desertor, descia num rasante para fazer saques e roubar de vez em quando, escapava de todos os perseguidores dele.

— Não fique olhando — minha mãe falou. — Isso é falta de educação.

— *Você* estava olhando.

— Eu não estava *não*.

— Estava sim. Eu vi.

— Não seja idiota. Vamos.

Viramos a esquina e descemos o morro.

— Ele é um homem mau? — perguntei.

— Quem?

— Aquele homem, o de chapéu.

— Ele é só um pedreiro. Ele constrói casas.

— Onde ele mora?

— *Eu* não sei. Dá a sua mão, vamos atravessar aqui.

— Posso usar um chapéu?

— Dá a sua mão.

Atravessamos a rua.

— Como se chama, mãe? No braço dele?

— Como se chama o quê? Cuidado com o cocô de cachorro.

— O...

— *Cuidado!* Olha por onde você anda.

Estou pulando agora, fazendo movimentos circulares com a mão no meu pulso.

— Aqui, no braço dele. Aquele homem tinha uma cobra.

— Uma tatuagem?

— *Não*.

— O que então?

— Como um anel. Como um... Você sabe... No pulso dele.

— Um anel? Ah, uma pulseira.

Nós paramos de novo, de mãos dadas, em frente à banca de jornal. Quase não tem carros passando, mas minha mãe faz o certo: olha para a direita, olha para a esquerda, olha de novo para a direita, então anda — não corre —, atravessando a rua.

— *Eu* posso usar uma pulseira de cobra?

— Não.

Segunda-feira, 19 de março

Ontem à noite, eu achei que estava gripado ou algo do tipo. Acordei cedo, me sentindo muito mal. Meio doente e de estômago vazio. Minha cabeça estava explodindo e tudo doía pra caramba. Pernas, braços, peito, até meus olhos estavam latejando. Meu nariz estava todo congestionado e eu mal conseguia respirar. Então, depois de cerca de uma hora, eu voltei a me sentir bem de novo.

Muito esquisito.

Imagino que seja só falta de energia. Sem combustível, sem energia. Nada de energia, nada bom. Nada bom, ruim.

Tenho procurado insetos. Baratas, moscas, aranhas... qualquer coisa. É, eu sei: aranhas não são insetos. Não sou burro. Você entendeu o que eu quis dizer. Bichinhos, serezinhos rastejantes, invertebrados, coisinhas crocantes com pernas. Procurei por toda parte. Atrás do fogão, pelas paredes, em todos os cantos. Não consegui achar nenhum. Nada. Nem uma mosca seca.

Onde estão todos os insetos quando você precisa deles?

Escapar parece estar distante. Eu nem penso mais nisso. Para quê? Eu não quero ser intoxicado com gás. Não quero ficar molhado. Não quero a minha cabeça sendo bombardeada com barulho. Tudo o que eu quero, na maior parte do tempo, é dormir.

Eu queria saber o que Ele fez com os corpos. Anja, Bird, Russell, o cachorro... O que Ele fez com todos eles? Enterrou-os? Queimou-os? Cortou-os em pedacinhos? Colocou-os em sacos de lixo e os jogou num rio? Talvez Ele tenha comido eles. Isso seria algo e tanto, não é?

Outra coisa que me pergunto é sobre a aparência Dele. Como Ele é? Eu não consigo lembrar. Minha lembrança dele é inexistente. Tudo o que lembro é um homem cego com uma capa de chuva, e eu sei que Ele não é isso. Há pouco voltei algumas páginas deste caderno e encontrei a descrição que o Russell fez dele: “De meia-idade, cabelo escuro, cerca de 1,80 metro de altura. Encorpado, mas não exageradamente musculoso. Mãos fortes. De barba feita. Óculos ligeiramente escurecidos. Terno grafite, camisa branca, gravata vinho. Mocassins pretos, meias vinho”.

É uma boa descrição, mas não me diz nada. Não é como eu O vejo.

Isso me incomodou por um tempo. Eu não entendia por que eu deveria ter outra imagem na minha cabeça. Por que eu deveria rejeitar a provável verdade? Mas aí pensei: *por que não? Eu posso fazer o que quiser.*

Então é assim que eu O vejo.

Ele é bem baixo, meio atarracado, tem cerca de 40 anos. Usa óculos de armação de plástico

com marcas engorduradas de dedos nas lentes. Os óculos ficam escorregando do nariz Dele e, quando os empurra de volta, Ele franze o lábio superior. A pele Dele é pálida, amarelada. Ele tem uma boca de criança, um nariz inexpressivo e orelhas pequenas e arredondadas. O cabelo dele é marrom-merda. Ele penteia de lado e acha que isso lhe dá um ar de inteligente, só que não dá. Roupas? Ele usa camisas de náilon de cores claras, com as mangas sempre abotoadas. Sem gravata. Calça social, mocassins, uma jaqueta de couro com zíper comprada em alguma dessas lojas bem baratas.

Que tal isso, Homem Monstro?

Estou perto?

Não?

Bom, vou dizer isto a Você: esta é a *minha* imagem de Você e é o que importa. Não interessa o que Você pensa sobre isto. Tudo o que importa sou eu. Porque eu sou tudo o que existe. Nada mais vem ao caso. Sou eu e apenas eu. O que eu imagino, o que eu vejo, o que eu penso... Isto é incontestável.

E isso é tudo.

Tá certo?

Você é o que eu vejo.

Quarta-feira, 21 de março

As luzes se acendem.
O elevador vazio desce.
O dia passa.
O elevador vazio sobe.
As luzes se apagam.

Durante toda a minha vida eu nunca realmente senti que fazia parte de algum lugar. Em casa, na escola, na rua... Nenhum dos lugares por onde passei pareceu certo. A rua foi legal enquanto durou, mas nunca foi realmente para mim. Eu não tenho o que é preciso para a rua. Eu me safei sem maiores problemas por um tempo, mas sei que no fim eu seria apanhado. Em casa foi sempre confuso. Mesmo quando eu era pequeno, antes da minha mãe morrer, nunca me senti realmente feliz em casa. E na escola era pior, especialmente depois que meu pai ficou rico. Os garotos comuns não gostavam de mim porque achavam que eu era rico, os garotos ricos não gostavam de mim porque achavam que eu era comum. Eu nunca soube onde estava. E agora estou aqui, preso nas profundezas de um bunker branco e gelado.

E quer saber? Agora sei como é se sentir parte de algum lugar.

Nós três passamos a maior parte do tempo juntos. Trouxemos todos os colchões e cobertas para meu quarto, todos os lençóis, tudo. Não sei se isso ajuda, mas pelo menos dá a impressão de ser mais quente. Nós ficamos deitados o dia todo, encolhidos neste quartinho minúsculo, não fazendo quase nada. Economizando energia. Economizando calor. Sobrevivendo.

Nossa pele está ficando enrugada e amarela. Nossos músculos estão finos e fibrosos. Sentimos frio o tempo todo. Devíamos ter pegado as roupas dos outros. Eles não teriam ligado. Gente morta não precisa de roupas.

Às vezes, quando não estamos com tanto frio, nós conversamos. Faz o tempo passar.

FRED: A gente devia ter ficado com o cachorro.

EU: Quê?

FRED: O cachorro morto, o *dobermann*. A gente devia ter ficado com ele. Colocado na geladeira. A gente podia estar se empanturrando agora com um cachorro frito, se a gente tivesse ficado com ele.

EU (lançando um olhar a ele): Por Deus, Fred...

FRED: O quê? Vai me dizer que você não comeria agora um pedaço de cachorro frito?

EU: Não, mas...

FRED: Não é diferente de comer qualquer outra coisa. Galinha, vaca, porco... É tudo carne.

Comida. Energia. É tudo igual. (Ele sorri.) A gente devia ter ficado com Bird e os outros também. Bird teria nos mantido por meses.

EU (sorrindo): Você é um animal, Fred.

FRED: Todos nós somos.

JENNY: Eu não sou um animal.

FRED (gentilmente): Sim, você é.

JENNY: Não sou.

FRED: Você é.

JENNY: Não.

FRED: É.

*

Jenny, sorrindo, dá socos no braço de Fred. Ele grita e segura o braço, fingindo estar ferido. Ele despenca e rola pelo chão, contorcendo-se numa fingida agonia.

Nós o observamos por um tempo.

Finalmente ele para, sorri e apenas se deita ali no chão.

Ficamos todos em silêncio por um tempo.

Então:

JENNY (baixinho para mim): Você está com medo?

EU: Não sei. Acho que estou. É...

JENNY (para Fred): Você está com medo?

FRED: Não.

JENNY: Por que não?

EU: Ele é muito estúpido pra isso.

FRED (me olhando feio): Você tem sorte de eu não estar a fim de me levantar.

EU: É mesmo?

FRED: Vocês querem saber por que eu não estou com medo?

EU: Na verdade, não.

FRED: Eu vou contar a vocês. (Ele se apoia para se sentar.) Eu já estive em lugares piores que este. Escapei deles antes e vou escapar desta vez.

EU: Que tipos de lugar?

FRED: Você não gostaria de saber.

JENNY (para Fred): Qual é o lugar mais aterrorizante em que você já esteve?

FRED (sorrindo novamente): Bom, teve uma vez... Eu estava ficando na casa de uns amigos em algum lugar do interior. Talvez tenha sido em algum lugar do País de Gales ou, quem sabe, na Cornualha. Algum lugar do tipo. Mas, enfim, a gente estava numa dessas cabanas antigas de pedra, bem no meio do nada, e eu estava na cama uma noite, quase dormindo. Tudo o que consigo me lembrar é de acordar de repente e encontrar com um macaco sentado na ponta da minha cama.

JENNY: Um macaco?

EU: Qual deles?

FRED: Quê?

EU: Ué, você não falou em macaco? Você não está falando daquela banda antiga, The Monkees? Qual deles estava na sua cama? O Davy Jones? Ou era aquele do chapéu engraçado?

FRED (rindo): Cara, isso teria sido *bem* assustador.

É claro que Jenny não sacou a piada. Ela nunca ouviu falar no The Monkees. Então tive de explicar a ela quem são eles (uma banda pop dos anos 1960 que tinha uma série de TV própria) e por que sei tudo sobre uma banda pop dos anos 1960 (meu pai os adora, ele tem todos os discos deles). Até explicar tudo isso, minha brincadeira com macaco/Monkee não tem mais tanta graça.

E então começamos a falar sobre outra coisa...

E o tempo vai passando.

Sábado

Estou cansado demais para escrever. Deprimido demais. Já é bem ruim ter de se sentir assim sem precisar escrever a respeito. Mas vou contar uma coisa a você: estou cansado de sentir fome. Na verdade nem dói mais nem me causa mais qualquer sofrimento extremo. Aliás, nem vale a pena mencionar a dor física. A fome é um desejo e não um sofrimento. Mas ela está ali o tempo todo, incomodando bem fundo dentro de mim, como um verme. Eu a odeio.

É um sentimento difícil de descrever.

Pense em como você se sente quando não come nada por um tempo. Pense no vazio. A boca do seu estômago. O fundo da sua garganta. Tudo seco e vazio. Pense em você encolhendo.

Pense nisso cem vezes pior.

Não acho que a gente possa durar muito mais.

Eu penso em você.

Você e Você.

Eu penso em Você, confortável no Seu lugar nenhum. Sem fazer nada. Existindo, lendo isso, me matando. Eu nunca vou sair daqui. Nunca vou queimar Você. Eu dou a Você o que você é.

Eu penso em Você.

Tudo o que for preciso... Tudo o que for preciso...

Promessas.

Corpo. Ar. Comida. Água. Sangue.

Eternidade.

Pense nisso, Você.

Domingo

Comi algumas páginas da bíblia. Coisa idiota de se fazer. Eu as arranquei, as cortei em tiras, mastiguei e engoli. Tinham gosto de papel. Com um toque de tinta. Não foi a coisa mais saborosa do mundo, mas, assim que as páginas bateram no meu estômago, minha fome explodiu de um jeito que você não ia acreditar. Comecei a devorar mais, enfiando as páginas, duas, três, quatro de uma vez.

E então começou a dor. Dor de estômago. Meu Deus, como dói. Pensei que estava morrendo.

Passei o resto do dia sofrendo.

Vômito, diarreia, vômito...

Dica do dia: nunca coma uma bíblia quando você estiver morrendo de fome.

Segunda-feira

8h: As luzes se acendem.

9h: O elevador desce.

Já me acostumei com isso, nem preciso olhar o relógio. A hora está gravada no meu corpo. A súbita esterilidade das luzes, o clique silencioso, então, 60 minutos mais tarde, o som metálico do elevador — *clunc, clanc...*

Tão certo quanto o nascer do Sol.

Por isso, quando o elevador não desceu hoje cedo, pareceu o fim do mundo.

Imagine como você se sentiria se o Sol não nascesse. Imagine.

Nós três nos reunimos no corredor.

— Talvez o relógio esteja errado — Fred sugeriu.

— O elevador é o relógio.

Ele entendeu o que eu quis dizer.

Olhamos para a porta fechada. Metal sólido, prateado e opaco.

— Talvez ele esteja quebrado — Jenny disse. — Elevadores estão sempre quebrando. Meu pai ficou preso uma vez num deles. Eles tiveram de esperar os bombeiros chegarem.

— Eu não acho que Ele vai chamar os bombeiros. — Olhei para Fred. — O que você acha? Está quebrado?

— Como é que eu vou saber?

Ficamos ali por um bocado de tempo, apenas olhando para a porta fechada, fazendo comentários ocasionais.

— Talvez ele venha mais tarde.

— É.

— Não faz mesmo muita diferença.

— Não.

É claro que *faz* diferença. O elevador pode estar quebrado. E isso pode significar alguma coisa, embora eu não saiba o quê. Mas também pode ser que Ele esteja só com os jogos idiotas Dele de novo. Dando algo para a gente pensar. Mexendo com a gente.

Mas parece um pouco sem sentido.

Quer dizer, comparado com o que Ele já fez e com o que Ele pode fazer, é um joguinho bem babaca. Realmente, nem vale o esforço.

Por outro lado — e isso é o que importa mesmo —, pode significar que Ele não esteja mais lá em cima. Talvez Ele tenha ido embora. Simplesmente se encheu e sumiu. Ou Ele pode estar doente. Ou Ele pode estar apenas fingindo.

É, isso é mais a cara Dele. Esse é um bom jogo. Fingir que está dormindo. Fazer-se de morto. Ele nos faz pensar que Ele se foi e, quando tentarmos alguma coisa — BUM! — hahaha... Enganei vocês!

Muito engraçado.

Vou ter de pensar nessa questão.

Discutir isso.

Primeiro, no entanto, preciso dormir. Toda essa atividade me cansou. Levantar, andar, conversar, escrever... Estou exausto.

Dormi por algumas horas. Parece que não estou sonhando mais. Pelo menos não que eu lembre. Agora são umas dez da noite. O elevador ainda não desceu. Eu estou com tanto frio que acho que meu sangue congelou.

Conversamos sobre as possibilidades.

O que significa pra gente se o elevador está quebrado?

O que significa se ele não estiver?

O que significa pra gente se Ele se foi?

O que significa se Ele estiver apenas fingindo?

Havia muita coisa para conversar.

Opções, riscos, consequências.

Esperanças, medos, possibilidades.

Otimismo, pessimismo, não-fique-muito-empolgado-ismo.

Foi um trabalho árduo.

1) Porque estamos todos meio mortos e não conseguimos pensar direito.

E 2) Porque precisamos partir do princípio de que Ele ainda está lá em cima, observando e ouvindo.

Usamos papel e caneta no começo, mas era tão demorado, tão absurdamente frustrante e cansativo, que no fim desistimos. Em vez disso, nos cobrimos sob uma tenda de lençóis e cochichamos um no ouvido do outro. Havia a chance de Ele usar contra nós gás, água ou barulho, mas valia a pena correr o risco.

Nada aconteceu.

Conversamos sobre várias coisas. De otimistas a pessimistas e vice-versa. No fim, ficamos em algum lugar entre essas duas categorias.

Vamos esperar.

No início, Fred foi contra. Ele quer saber se Ele ainda está lá em cima ou não, de um jeito ou de outro. Já.

— Se Ele não estiver, podemos agir. E agir agora. Não podemos esperar.

— Mas e se Ele ainda estiver lá?

— O que temos a perder?

Nossas vidas, eu pensei.

— Tá bom — falei. — Vamos dar só mais um dia.

— *Por quê?*

— Precisamos lutar com as armas que temos — eu disse. — Estamos fracos, esgotados, confusos, com fome e frio. A única coisa que estamos aptos a fazer é esperar. Passamos os últimos dois meses sem fazer nada. Somos bons nisso. Ele não é. Vamos usar o que temos.

— E depois?

— Depois vamos agir.

Fred olhou pra mim, lutando para ficar de olhos abertos.

— Tá bom — ele acabou dizendo.

Nós dois nos viramos para ver se Jenny estava de acordo, mas ela já estava dormindo.

Agora estou sozinho, com você, ouvindo o zumbido das paredes, e estou começando a duvidar de mim mesmo. Quero contar algo a você, mas é melhor eu não dizer.

Vamos dizer apenas que eu consigo ver o fim de algo, o fim de um caminho de dúvidas.

E ele não parece bom.

Eu queria ter alguma coisa para ler, além da bíblia. Não vejo possibilidade de ler aquilo. Eu leria qualquer outra coisa, qualquer coisa para me fazer parar de pensar. Um dicionário seria uma boa. É, um dicionário. Se eu tivesse a chance de escolher entre um bolo de chocolate e um dicionário... Obviamente eu ia escolher o bolo. Mas eu teria de pensar um pouco antes.

Não, não teria.

Trocaria mil dicionários por um pedaço de bolo velho.

Mas eu gostaria de ter um dicionário. Um dicionário contém todos os livros já escritos e todos os livros que ainda vão escrever. Isso é algo impressionante, não é? As palavras não estão na mesma ordem, é claro, mas ainda assim é impressionante.

Sabe o que eu também gostaria de ter?

Um mapa-múndi.

Eu colocaria ele na parede. Então saberia onde todos os lugares estariam. Estariam bem ali, na parede.

Agora vou lá pensar em zebras.

???

As luzes estão apagadas. Eu não sei que horas são. O relógio está parado. São 11h35 para sempre. Estou escrevendo isto à luz do fogo.

Agora estamos começando a trilhar o caminho de dúvidas.

Eu estava na cozinha quando aconteceu. Jenny estava dormindo. Fred estava no banheiro. Eu tinha acabado de lavar meu rosto e examinava meu reflexo na superfície de aço da pia, tentando me convencer de que eu não estava realmente daquele jeito, que o problema era a exiguidade — me lembro da palavra vindo à minha mente —, que o problema era a *exiguidade* da capacidade de espelhamento da pia e não eu... ou alguma asneira outra que tal.

Outra que tal?

Exiguidade?

Qual é o problema comigo? Por que de repente estou falando como um personagem de Charles Dickens? Talvez eu esteja me transformando no Oliver Twist. Desesperado de fome e indiferente à miséria... Por favor, senhor, quero um pouco mais...

Mas, enfim, eu estava curvado sobre a pia. Tudo estava tão morto e extremamente quieto como sempre. Entediante, abafado, monótono, branco. De repente eu senti algo. Eu não sabia o que era. Uma vibração, talvez. Uma alteração no som ou na pressão. Uma tênue mudança no ritmo desconhecido do bunker... Não sei. O que quer que tenha sido, não durou muito. Um segundo, dois no máximo, e então caiu o silêncio. O absoluto silêncio. Soou bastante alto por um instante, então ficou incrivelmente quieto. Eu juro que conseguia ouvir meu sangue correr gelado.

O zumbido tinha parado.

Foi isso mesmo.

O zumbido nas paredes. Parou. Sumiu.

Sem energia, pensei. Merda, se não tem energia...

E foi aí que as luzes se apagaram.

A cozinha ficou mais escura que o breu. Sem luz. Sem visão. Enquanto eu estava ali parado, com os olhos fixos na escuridão, tive uma visão da primeira manhã em que acordei aqui embaixo. Eu me vi saindo da cama e tateando no escuro até a porta e dali para o corredor. Morrendo de medo. Tocando as paredes. Com medo do escuro. Batendo meu pé no chão. Com medo do que eu não podia ver. Sem relógio, mãos, céu, sons, apenas a escuridão sólida e um zumbido baixinho vindo bem do fundo das paredes.

E agora até o zumbido havia sumido.

Eu era nada, existindo em nada.

— A gente não devia ter esperado — falei bem alto.

Minha voz era uma buzina de nevoeiro.

— Merda.

O que fiz depois foi provavelmente a coisa mais estúpida que eu já fiz na vida.

Depois de ter ficado ali parado por um tempo, ouvindo os gritos distantes de Fred no banheiro — Ei! O que está acontecendo? Cadê a luz? Ei! Linus? *Linus!* —, de repente me dei conta de que estava morrendo de sede. Não sei por quê. Talvez fosse a adrenalina ou algo assim sugando minhas preciosas reservas de energia... Eu realmente não faço ideia.

Tudo o que eu sabia era que eu precisava beber algo, naquele exato momento.

Sem nem pensar, abri a torneira, deixei a água correndo e comecei a tatear no escuro em busca de um copo. Mas não consegui encontrar nenhum. Senti o escorredor, no balcão, então estiquei o braço até os armários. Eu estava em pânico. Sabe, o jeito como o escuro faz você entrar em pânico por causa de coisinhas idiotas? Pois é, essa era a minha desculpa. Eu estava em pânico. Eu não estava raciocinando. Minhas mãos estavam batendo em tudo pelos armários, encontrando pratos, mas nenhum copo, e em todo esse tempo a água continuava jorrando da torneira, espirrando dentro da pia, escorrendo e indo embora pelo ralo.

Então três coisas aconteceram simultaneamente:

1) minha mão encontrou um copo,

2) um pensamento veio como um raio à minha mente: *economize a água!*

e 3) a torneira começou a engasgar, cuspidando suas últimas gotas.

Sem energia, sem encanamento, sem água.

Merda! Sem água!

Larguei o copo, desembestei até a pia, procurando a tampa do ralo, preendi minha mão no ralo, encontrei a tampa, deixei cair, achei outra vez e a enfiei no ralo. Mas naquela altura a água toda já havia escorrido. A torneira estava silenciosa. Nenhum chiado, nenhum borbulhar, nada. Soltei um gemido. Sequei minha mão na minha camisa, gemi outra vez e coloquei minha mão na pia. Torcendo, torcendo, torcendo por um pouquinho de água...

Por favor...

Havia apenas o suficiente para umedecer minha mão.

Preciso descansar agora.

Depois tem mais.

Mais tarde.

Então lá estou eu, na cozinha, me sentindo quebrado, idiota e descrente. Consigo ouvir Fred tentando dar descarga no banheiro do outro lado do bunker. Isso provoca um sorriso momentâneo no meu rosto. Ele está sempre fazendo isso. Bombeando a válvula dando descarga, descarga, descarga... Só que desta vez soa diferente. Soa seco e vazio... Sem água.

Ah, não.

— *Fred!* — grito. — *Não dê descarga! FRED!*

Ele está muito ocupado tentando dar descarga. Não me ouve.

Começo a correr para fora da cozinha, a correr pela escuridão... E dou de cara com a porta aberta. *Plaft!* Estou vagamente ciente do choque inicial, um estalo, um baque surdo, e por uma fração de segundo penso: *Tudo certo, estou bem, só bati com a cara na porta, foi só isso, não é nada grave.* Então a verdade começa a surgir com um zunido que arde pela minha cabeça, eu cambaleio para um lado como se estivesse bêbado e caio no chão, apertando meu nariz quebrado e gemendo feito um bebê. Jesus Cristo, isso dói. Minha cabeça está pegando fogo... Meu nariz, minha boca, meus dentes... Sangue quente e lágrimas correm pelo meu rosto.

— *FRED!* — eu berro novamente pelos meus lábios ensanguentados.

E aí eu desmaio.

Depois disso, só me lembro de Fred debruçado sobre mim com um isqueiro aceso na mão. Jenny está atrás dele. Os rostos deles parecem macabros à luz da chama.

— O que você está fazendo aí embaixo? — Fred pergunta.

— Sangrando — digo a ele.

Então é isso. Temos cerca de um milímetro de água na pia. Estamos sem comida, sem encanamento, sem luz, sem aquecimento...

Não, nós temos aquecimento. Temos uma fogueira rolando no meu quarto. Você consegue ouvi-la crepitar? Queimamos madeira, pés da mesa, papel... Bom e quente. Luz suficiente para enxergarmos o que precisamos ver.

— *Agora* será que podemos agir?

— Não sabemos ainda se Ele se foi.

— É claro que Ele se foi, porra. O gerador já era. O elevador está parado. Nós estamos com uma fogueira rolando aqui. Ele não deixaria a gente fazer uma fogueira, certo? Se Ele ainda estivesse aqui, Ele iria apagá-la agora.

— Não necessariamente. Ele pode estar...

Fred bate a mão no chão com força.

— Ele SE FOI, Linus! Ele se foi. Merda, cara, qual é o seu problema? Ele se foi. Como você não consegue ver isso?

Olho para Fred.

— Não sei. Deve ser porque estou com medo.

Ele sacode a cabeça. Bravo, triste, gentil.

— Não tem mais nada para sentir medo. Ele foi embora.

— É.

— Acredite. Ele se foi. Estamos por nossa conta. Ninguém mais está nos vigiando.

Tudo o que temos de fazer é cair fora.

Isso foi há algumas horas, talvez mais do que algumas horas. Um dia, dois dias... Vai saber. Acho que Fred está certo. Acho que Ele se foi. Cutucamos as câmeras, ateamos fogo e cuspiamos nelas... nenhuma reação. Ele se foi. Eu não sei por que estava tão relutante em

aceitar isso. Talvez esteja ficando louco. Doido de tanto ficar enclausurado. Talvez eu não queira partir. Talvez eu esteja tão acostumado a viver aqui embaixo que a ideia de sair seja até mais assustadora que a de morrer.

Ou talvez seja outra coisa.

Mas, enfim, Ele se foi.

Morto?

Possivelmente.

Desastre de carro, doença, acidente, pode ser qualquer coisa. Ele caiu da escada. Engasgou com uma espinha de peixe na garganta. Ele encheu a cara, caiu e quebrou o pescoço. Enfiou o dedo numa tomada e foi eletrocutado. Essas coisas acontecem, né? Pessoas morrem, nada acontece.

Quer dizer, Ele provavelmente não tem muitos amigos, tem? Ninguém vai dar pela falta Dele. Ninguém vai aparecer aqui para fazer uma visita. E, onde quer que a gente esteja, deve ser um lugar bem afastado. Ele poderia morrer lá em cima e demorar anos até que O encontrassem.

Pensando bem, talvez eu estivesse certo na primeira vez. Talvez Ele não esteja morto, Ele simplesmente se foi. Ficou de saco cheio de tudo. Ficou entediado, pegou o carro e saiu por aí pra criar outro inferno em algum novo lugar.

É possível.

E também irrelevante.

Temos tentado sair daqui por horas, dias, e não chegamos a lugar nenhum. Já batemos em coisas, esmagamos coisas, queimamos coisas, arrancamos coisas, martelamos coisas, gritamos com coisas. Nada. Lugar nenhum. Sentamos à luz do fogo e falamos sobre coisas. Nada. Quase reduzimos a cozinha a cinzas. Inútil.

Pior que inútil.

Não pensamos na geladeira.

Eu não consigo acreditar. Nós não pensamos no gelo da geladeira. Nós ateamos fogo na cozinha... Sabe-se lá Deus por quê... Na hora parecia uma boa ideia... Nisso acabamos quase nos fritando, e tudo o que conseguimos foi incendiar a cozinha, com o gelo e tudo. Ficamos com calor, suados, na secura e cansados, ficamos com sede...

Só nos resta meio copo de água.

Não há mais dias nem noites. Nem datas. Só momentos de sono e de não sono. A água toda já era. Estamos lambendo a condensação das paredes. Fred tem martelado a porta do elevador com qualquer coisa que encontra pela frente. Panelas, pernas de cadeiras, pedaços do fogão. Quando eles quebram, ele procura outra coisa. Mal arranhou a porta.

Fred enxuga o suor de sua pele e chupa o pano.

— É salgado — falei a ele. *Zalgadzo*. Minha fala é arrastada e confusa. — É só sal e tal. Não é bom.

Ele funga e esfrega a garganta. Os lábios dele estão azuis.

— Tem um negócio de limpeza no banheiro — ele diz.

— Água sanitária.

— É líquido. Não deve ter problema. A gente podia fazer alguma coisa...

— É *água sanitária*. Você morre.

Ele deu de ombros.

Jenny está deitada quietinha. A pele dela está acinzentada, toda manchada.

Olho para o fogo e penso em zebras.

Não posso andar nem levantar. Nem falar. A boca fede. A língua está do tamanho de uma montanha. Paralisado. Fred parou de martelar. Ele senta no chão, de perna cruzada, com a cabeça para baixo, como um buda esfarrapado. A pele dele encolheu até o osso, olhos fundos dentro do crânio.

Dói para mijar.

Dói para beber o mijo.

Tudo dói.

Montanha... sal...

Consegui.

Montanha... zebra.

A zebra do meu pai.

*No topo de uma montanha
vi uma zebra
comendo batatinhas
com sua namorada Débora.
Débora não tinha sal
nem outro acompanhamento
ela também não tinha listras
pois seu pai era um jumento.*

Ei, pai...

Ouçã...

Não foi minha intenção, você sabe.

Eu não quis magoar você.

Tá bom?

Desculpa.

Fred está morto.

Foi ao banheiro e bebeu a água sanitária.

Berrou por uma hora, então tossiu sangue e morreu.

Muito horrível. Sem palavras.

A gente não consegue tirar o corpo dele do banheiro. Muito grande. Não tem importância.
Não usamos mais lá.

Jenny...

Tive outra dessa coisa de visão. Eu a vi. Ela está deitada ao meu lado no chão. O fogo está se apagando. Eu não consigo me levantar para pegar mais madeira. Agora eu podia queimar você. Agora eu podia queimar você. Eu a vi, faz muito tempo. Olhando para o teto. Olhos castanhos brilhantes, cabelo macio e brilhante, uma boquinha curiosa.

Ele é um homem mau, né?

Olhando para o teto.

O senhor é um homem mau. Um homem muito mau.

Ela é uma pluma de ossos.

Longo tempo.

Dias.

Bem longe de tudo. Flutuando, triste, com frio. Eu queria que as coisas fossem diferentes. Eu queria estar em casa. Eu queria que meu pai estivesse sentado na poltrona dele com um cigarro e um copo de conhaque, com um livro ilustrado do Velho Oeste no colo, com minha mãe na cozinha e os Monkees tocando baixinho no aparelho de CD. Eu queria ser o menininho de pé atrás da cadeira, como um fantasma de pijama flanelado azul, exalando uma silenciosa fragrância de laranjada e pele. Eu queria estar ali com a cabeça virada de lado, olhando para as imagens no livro. Desenhos de caubóis: Buffalo Bill, Wild Bill Hickok, Wyatt Earp, Frank e Jesse James, Davy Crockett.

— Ele tem um cachorro na cabeça.

Meu pai olhou para mim, depois voltou os olhos para a imagem de um sujeito bonito num calção de camurça e um chapéu de pele de guaxinim.

— Esse é Davy Crockett.

— Cocker.

— Crockett, Davy Crockett. Ele nasceu no topo de uma montanha no Tennessee, o estado mais verde no país da liberdade. Criado na mata, conhecia cada uma das árvores, domou um urso quando tinha apenas 3 anos de idade... — Meu pai cantava baixinho — *Davy, Davy Crockett, rei da fronteira selvagem...*

Eu aponte para o chapéu de Davy Crockett.

- Ele tem um cachorro na cabeça.
- Não, é um guaxinim. Gua-xi-nim.
- Cachorro.
- Guaxinim. É um pouco como um cachorro...
- Que cachorro?
- Não é um cachorro, Linus. É um guaxinim. Gua-xi-nim. Chapéu de pele de guaxinim.

Está vendo o rabo listradinho dele?

- Já passou da hora de ele dormir — minha mãe diz da porta.
 - Cachorro-guaxinim — eu falo. — Urso. Raposa.
- Meu pai suspira, dá um golinho no conhaque e vira a página.
- Você, venha cá — minha mãe fala. — É hora de dormir.

Jenny morre em meus braços.

Adormece, não acorda.

Minhas lágrimas têm gosto de sangue.

Dias, sem luz.
Horas dias anos.

carne humana e sangue carne bebida isso é tudocarnehumana e sangue é tudoigual galinha
vaca porco = 3 é tudo apenas carnecomidaenergia é tudo igual transformar algo ruim numa
coisa boa somos todos animaisanimaisanimais

carneebebida

seus olhos líquidos

sinto muito

dói tanto esfolado seco

por favor me perdoe

sem lágrimas agora
muito tempo
doente
não logo a luz do túnel
não

isso é o que eu sei
não está doendo mais
isso é

